

**CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE
UNIANDRADE**

CRISTIAN ABREU DE QUEVEDO

**A HOMOAFETIVIDADE NO ROMANCE *BOM-CRIOULO* DE ADOLFO CAMINHA:
UMA LEITURA CRÍTICA A PARTIR DE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

**CURITIBA
2017**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE
UNIANDRADE**

CRISTIAN ABREU DE QUEVEDO

**A HOMOAFETIVIDADE NO ROMANCE *BOM-CRIOULO* DE ADOLFO CAMINHA:
UMA LEITURA CRÍTICA A PARTIR DE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre ao Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE.

Orientadora: Profa. Dra. Brunilda Tempel Reichmann

**CURITIBA
2017**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Profa. Brunilda Reichmann pelo apoio, compreensão e dedicação para comigo e para com meu trabalho; sem ela esse trabalho não teria sido possível de ser realizado! A humanidade nas palavras e gestos, o empoderamento feminino e o exemplo de vida dessa grande mãe, docente e mulher foram o combustível da minha alma e a energia do meu corpo na realização desse estudo. A linguagem, aqui, se torna quase como que ínfima em razão da minha eterna dívida de gratidão e carinho para contigo. Como uma Valquíria, uma deusa nórdica enviada por Freia, tu me deste a possibilidade de ser um herói ao concluir esse trabalho. Obrigado por estar comigo em todos os momentos dessa travessia no mar que é a vida.

Agradeço também às profas. Mari Elen Campos de Andrade, Iny Salete e Ana Maria Vogt, que tornaram possível a conclusão do meu Mestrado no Centro Universitário Campos de Andrade.

TERMO DE APROVAÇÃO

CRISTIAN ABREU DE QUEVEDO

**A HOMOAFETIVIDADE NO ROMANCE *BOM-CRIOULO* DE ADOLFO CAMINHA: UMA
LEITURA CRÍTICA A PARTIR DE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo
Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade –
UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:

Brunilda T. Reichmann

Prof. Dra. Brunilda T. Reichmann (Orientadora – UNIANDRADE)

Anna S. Camati

Profa. Dra. Anna Stegh Camati (UNIANDRADE)

M. Lima

Prof. Dr. Marcelo Lima (UTFPR)

Curitiba, 22 de fevereiro de 2017.

SUMÁRIO

RESUMO	v
RESUMEN	vi
INTRODUÇÃO	01
1 A OBRA E O AUTOR	18
1.1 ESCOLAS LITERÁRIAS	18
1.2 NATURALISMO E DETERMINISMO	23
1.3 TRAGÉDIA GREGA	38
1.4 SUBVERSÃO NA NARRATIVA	41
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E REVISÃO	
HISTORIOGRÁFICA	49
3 OCASO DO AMOR	75
3.1 <i>QUEER THEORY</i>	75
3.2 PATHOS DA PAIXÃO	80
3.3 SER OU NÃO-SER	85
3.4 METAFÍSICA DO AMOR	93
4 ENTRE UM SÉCULO E OUTRO	111
4.1 PEQUENO PODER	111
4.2 VERDADE DA IDENTIDADE	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	145

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a questão da homoafetividade no romance *Bom-crioulo* de Adolfo Caminha, por meio de uma leitura crítica a partir de questões de gênero e sexualidade propostas por Michel Foucault e Judith Butler, especialmente pelo viés da *queer theory*. Trazemos à baila pensadores como Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss, Sigmund Freud, Hannah Arendt e Friedrich Nietzsche para estabelecer um diálogo profícuo entre a obra de Adolfo Caminha e a relação historiográfica em torno do tema da homoafetividade, lançando assim um novo olhar sobre o tema e sua presença na literatura e, especificamente, na obra. Essa relação historiográfica aparece refletida na narrativa com as personagens Amaro e Aleixo. Amaro, com trinta e três anos, apelidado de Bom-Crioulo, é um ex-escravo negro fugido que se apaixona pelo “belo grumete de olhos azuis Aleixo”, que tem quinze anos. Nosso intuito é compreender como o romance *Bom-crioulo*, lançado em 1895, ainda é extremamente subversivo ao tratar das questões de sexo e gênero. Entende-se que Adolfo Caminha e o livro tencionam o ideal estético do legado naturalista e fogem à qualquer classificação literária, imposta tanto ao autor quanto à obra. A importância desse trabalho dá-se, também, pelo fato de que não encontramos na fortuna crítica do romance um estudo que aborde a homoafetividade presente na narrativa sob a ótica de Michel Foucault e Judith Butler de forma específica.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Gênero. Sexualidade. *Bom-Crioulo*. Adolfo Caminha.

RESUMEN

Este trabajo tiene el por el objetivo examinar la cuestión de la homoafetividad en la novela *Bom-crioulo* de Adolfo Caminha a través de una lectura crítica de el género y la sexualidad propuesto por Michel Foucault y Judith Butler, en especial en el enfoque de la *queer theory*. Hace un llamado para el diálogo entre pensadores como Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss, Sigmund Freud, Hannah Arendt y Friedrich Nietzsche para establecer um fructífero diálogo entre la obra de Adolfo Caminha y la relación historiográfica en torno del tema de la homoafetividad, iniciando así una nueva mirada hacia el sujeto y su presencia en la literatura, y específicamente em la novela. Esta relación historiográfica aparece reflejado en la narrativa com personajes Amaro y Aleixo. Amaro, treinta y três años, apodado Bom-crioulo, es um ex fugitivo esclavo negro que se enamora de lo "hermoso jovencito cabina com ojos azules Aleixo", que tiene quince años. Nuestro objetivo es entender como la novela *Bom-crioulo*, lanzada en 1895, sigue siendo extremadamente subversivo cuando se trata de temas de sexo y género. Se entiende que Adolfo Caminha y el libro intentan lo ideal estético de la herencia naturalista y huyen a cualquier clasificación literaria, impuesta tanto el autor y la obra. La importancia de este trabajo se lleva a cabo también por el hecho de que no encontramos en la fortuna crítica de la novela un estudio que aborda la homoafetividad en la narrativa desde el punto vista de el Michel Foucault y Judith Butler específicamente.

Palabras-clave: Literatura brasileña. Género. Sexo. *Bom-crioulo*. Adolfo Caminha.

INTRODUÇÃO

Uma mudança radical no que entendemos e vivenciamos como moral e ética foi um dos projetos filosóficos de Friedrich Nietzsche conhecido como a “transvaloração dos valores”, inicialmente discutido em *A genealogia da moral* (1987, p. 45). Esse projeto passa, necessariamente, pela linguagem que se tornou um “produto da necessidade psicológica de exclusão das diferenças, da vontade de nivelamento e redução, do medo da pluralidade e do conflito” (MOSE, 2011, p. 19). A palavra, seja ela falada ou escrita, é uma forma de linguagem, uma maneira de nos comunicarmos uns com os outros no mundo. Nossa matéria prima para esse trabalho é a análise literária do livro *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha, ou seja, uma análise de algo que nos foi legado de forma escrita. Por último, é um trabalho sobre a palavra. Não sobre os signos, os significados e os significantes, mas, sim sobre uma obra, um tema, sobre uma palavra: homoafetividade. Para ser mais específico: uma nova visão sobre a relação homoafetiva entre Amaro e Aleixo presente na narrativa.

O romance cumpre um papel social ao possibilitar ao leitor o questionamento sobre o tema da (homo)sexualidade por meio das personagens Amaro e Aleixo, representando, assim, a sétima de tese de Jauss (1984) que versa sobre o papel social transformador da literatura. O que se torna de capital importância ao analisarmos também a fortuna crítica pelo viés da sétima tese, pois, acreditamos no efeito emancipador dessa análise visível principalmente pela linguagem. Linguagem esta que especialmente na interação entre as personagens do romance, bem como nas cenas em que “faltam” diálogos e que a descrição, seja ela detalhada ou apenas sugerida,

abre espaço para a própria (re)interpretação da obra. Para Wolfgang Iser, essas “lacunas” deixadas pelo autor servem para serem completadas pelo leitor por meio do processo da leitura na interação com o texto. Discusso essa que será ampliada em um dos capítulos, apresentando o embasamento teórico que foi escolhido para a realização desse trabalho e que privilegia a interação dialógica entre o texto e o leitor e possibilitou a (re)interpretação da narrativa.

Em *Bom-crioulo*, o protagonista é Amaro, um ex-escravo fugido que se torna marinheiro é descrito por Adolfo Caminha como um homem de imponência muscular, mais forte do que os outros marinheiros, benevolente e voluntarioso. Por esses adjetivos, é chamado de o Bom-crioulo. A história se passa em grande parte em dois lugares: na corveta, o barco onde trabalhavam Amaro e Aleixo, e na Rua da Misericórdia, no Rio de Janeiro. A obra aparece como a primeira a tratar abertamente sobre a questão do envolvimento amoroso entre dois homens.

Bom-crioulo de Adolfo Caminha foi a primeira grande obra literária sobre homossexualidade a ser publicada no Brasil, aparecendo em 1895. Foi também uma das primeiras a ter um puro negro como seu herói. O romance causou um escândalo naquela época e continua a intrigar seus leitores ainda hoje, com seus surpreendentes e modernos pontos de vista sobre raça, nacionalidade, gênero e sexualidade. Aparentemente esquecido na primeira parte do século vinte, o livro é agora republicado em sucessivas edições brasileiras e traduzido para o inglês, espanhol, alemão e francês, atingindo um público internacional. Bom-Crioulo é uma obra curiosamente ambígua que tem inspirado muitas interpretações. (HOWES, 2005, p.171-180.)

Por ter passado por explorações nas fazendas em que trabalhou, o ex-escravo consegue adaptar-se facilmente à disciplina exigida pela Marinha de

Guerra. Bom-crioulo se apaixona por Aleixo. Louro de olhos claros e que era um jovem marinheiro iniciante na armada, portanto, um grumete na hierarquia da Marinha. Após chegarem ao Rio de Janeiro, Amaro consegue um quarto para dividir com Aleixo em uma pensão mantida por uma ex-prostituta, D. Carolina, que tinha sido salva de um assalto devido à intervenção do Bom-crioulo. Os dois passam a viver de forma “matrimonial”. Amaro, devido ao regime imposto pelo capitão da nova embarcação a que serve, passa muito tempo fora da pensão e do convívio com Aleixo. Neste momento, o jovem Aleixo se deixa seduzir por D. Carolina, apaixonando-se por ela.

Após o afastamento de Aleixo, Amaro começa a se embriagar, arrumando confusões e sendo, por isso, enviado para um hospital-prisão onde fica abandonado, entrando em desespero. Ao receber a visita de um colega de trabalho, acaba sabendo da história entre seu ex-amante e D. Carolina. Ao ver Aleixo próximo da pensão, Amaro o assassina com um golpe de navalha no peito. Adolfo Caminha percorre os caminhos do Naturalismo e do Romantismo, porém, não atém seu romance a nenhuma das “escolas” ao tratar de personagens que subvertem a noção de gênero e sexualidade da época.

Aleixo: branco, natural de Santa Catarina, se deixa seduzir primeiro por Amaro e depois pela dona do pensionato, a portuguesa Carolina. É uma personagem que perambula, de certo modo, pela própria sexualidade. Primeiro, a almejada segurança que Amaro lhe oferece na corveta, depois se envolve sexualmente com Dona Carolina. Seria ele um aproveitador e um oportunista ou um jovem experimentando as nuances de sua sexualidade?

A corveta em que Amaro e Aleixo se conhecem é o espaço circunscrito em que começa a se desenvolver a narrativa e que nos oferece pistas para abordarmos a pergunta colocada acima.

A velha e gloriosa corveta — que pena! — já nem sequer lembrava o mesmo navio d’outrora, sugestivamente pitoresco, idealmente festivo, como um galera de lenda, branca e leve no mar alto, grimando serena o corcovo das ondas! ... Estava outra, muito outra com o seu casco negro, com as suas velas encardidas de mofo, sem aquele esplêndido aspecto guerreiro que entusiasmava a gente nos bons tempos de “patescaria”. Vista ao longe, na infinita extensão azul, dir-se-ia, agora, a sombra fantástica de um barco aventureiro. Toda ela mudada, a velha carcaça flutuante, desde a brancura límpida e triunfal das velas até a primitiva pintura do bojo. No entanto ela aí vinha — esquife agourento — singrando águas da pátria, quase lúgubre na sua marcha vagarosa; ela aí vinha, não já como uma enorme garça branca flechando a líquida planície, mas lenta, pesada, como se fora um grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar. (CAMINHA, 1895, p. 02)¹

Para compreendermos as comparações feitas pelo autor logo no início do texto, convém entendermos a época em que fora lançada a obra. O ano é 1895, final de um século de profundas transformações no Brasil e também além-mar. Alguns aspectos importantes da vida no mundo do século XIX, bem como no Brasil da época, a saber: a assinatura lei Áurea, em 1888, motivada por questões comerciais principalmente com a Inglaterra; o fim do Império no Brasil e proclamação da República, em 1889; a medicalização das doenças mentais (a qual seria nomeada como saúde mental apenas em 2004) e, por último, mas não menos importante, o acontecimento de uma possível modernidade artística e intelectual a partir de 1870.

¹ Todas as referências ao romance *Bom-crioulo* de Adolfo Caminha são retiradas da edição de 1995 incluída nas referências e serão documentadas no texto apenas com o número da página.

Adolfo Caminha nasceu e viveu em meio a esses eventos que estão refletidos em sua obra. A própria corveta, apresentada como decadente, já fora gloriosa um dia. Alusão não somente à Marinha, mas ao próprio fim do Império no Brasil. Registros afirmam que o golpe que instaurou a República no Brasil não foi bem aceita pelos militares da Armada Imperial. Marinheiros foram rechaçados a tiros ao darem vivas ao Imperador quando este estava aprisionado no Paço Imperial.

O apoio da alta hierarquia da Marinha Imperial à Monarquia gerou problemas para a recém-formada República do Brasil que tentava firmar-se como governo. A maioria dos seus líderes foram executados, sem o devido processo legal. Com a instauração da República, novos líderes foram nomeados e, então, revoltas sufocadas. A corveta já não tinha mais nada de gloriosa, era apenas a expressão de um período que estava no passado. O Império havia morrido e a República havia nascido.

Caminha era abolicionista, republicano e ávido leitor de Émile Zola. Adolfo Ferreira dos Santos Caminha nasceu em Aracati, Ceará, aos 29 dias do mês de maio em 1867 e faleceu no Rio de Janeiro ao primeiro dia de janeiro de 1897, devido à tuberculose. Doença que vitimava grande parte da população da época e que era considerada a “doença dos poetas”. Era filho de Raymundo Ferreira dos Santos Caminha e Maria Firmina Caminha.

Ingressou na Marinha de Guerra em 1883, onde passou a atuar como segundo-tenente quatro anos depois. Viveu em Aracati até o ano de 1888. Transferido em 1888, vai trabalhar em Fortaleza. Na capital do Ceará, passa a viver com Isabel Jataí de Paula Barros; mulher casada que largou o marido, também militar, para ficar com Adolfo Caminha. O caso, um escândalo na

época, acaba obrigando Adolfo a abandonar a Armada. Depois de alguns meses transcorridos de demissão, o escritor assume um cargo público. Do relacionamento de Isabel e Adolfo, nascem Belkiss e Aglaís.

O caso de Caminha com Paula Barros iria render ao escritor anos de incompreensão literária, em que a crítica equacionaria sua vida às suas obras de forma pejorativa. Equiparar a vida e a obra de Caminha pode ser estendido ao mesmo processo de equacionamento entre sexualidade e índole, no sentido, inclusive, de moralidade, como se o fato de gostar do mesmo sexo fosse algo ruim e que levasse o ser humano a cometer crimes. Ideia esta que está presente principalmente no dispositivo da sexualidade a partir do século XVIII e que será visto a seguir.

A primeira publicação de Caminha, ainda nos tempos de Marinha, é *Voos Incertos*, de 1886, um livro de poesia. Os livros *Judite* e *Lágrimas de um crente*, ambos de contos, foram publicados em 1897. Seu primeiro romance, *A normalista (Cenas do Ceará)*, é de 1893. *No País dos lanques* de 1894, Caminha faz um relato sobre sua viagem aos Estados Unidos de forma romanceada. Lança *Bom-crioulo* em 1895. Em 1896, reúne artigos em um livro sob o nome de *Cartas literárias*, neste ano também publicou sua última obra, *Tentação*. Permanecem inacabados, devido à sua morte prematura, os romances *Ângelo* e *O emigrado*.

Araripe Junior seria praticamente o único, na época, a escrever artigos não condenatórios em relação aos romances citados e que não relacionava a vida à obra de Caminha. Do restante de seus críticos e o mais feroz deles foi Valentim Magalhães, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, e reduziria a obra de Caminha a noções vingança e imoralidade.

O romance *A normalista* teria sido escrito, segundo seus críticos, apenas sob título de vingança contra a sociedade cearense que não teria aceitado o seu relacionamento com Isabel Jataí de Paula Barros, casada com um oficial do exército quando se envolveu com o autor. A imoralidade apareceria em *Bom-crioulo* por depreciar a vida da Marinha, já que ele fora obrigado a sair devido ao caso com Isabel. Para a imagem da instituição da Marinha, era um absurdo para esta ser o cenário do relacionamento amoroso entre dois homens.

Pode-se ler a crítica em relação ao romance *Bom-crioulo* empreendida por Valentin Magalhães na época do lançamento do livro:

Ora o *Bom-Crioulo* excede tudo quanto se possa imaginar de mais grosseiramente imundo. [...] não é um livro travesso, alegre, patusco, contando cenas de alcova ou de bordel, ou noivados entre as hervas, à lei do bom Deus, como no *Germinal*... nada disso. É um livro ascoroso, porque explora – primeiro a fazê-lo, que eu saiba – um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por ante-natural, por ignóbil. Não é pois sómente um livro faisandé: é um livro podre; é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus. [...] Este moço é um inconsciente, por obcecação literária ou perversão moral. Só assim se pode explicar o fato de haver ele achado literário tal assunto, de ter julgado que a história dos vícios bestiais de um marinho negro e boçal podia ser literariamente interessante²³.

Valentin Magalhães não era o único a criticar a obra de Caminha. *Bom-Crioulo* não contou com uma grande divulgação, porém, superou em vendas todos os livros anteriores do escritor. A imprensa da época, dos poucos

² *A Notícia*, 12-20 de novembro de 1895, digitalizado.

³ As citações dos jornais e documentos do século XIX, feitas no presente trabalho, serão mantidas no original, na língua portuguesa da época.

comentários que realizou sobre a obra, não poupou Caminha de comentários mordazes:

O *Bom-Crioulo*, atrevido romance naturalista, acabou por torná-lo apontado, sendo a sua obra o alvo de discussões e controvérsias, pelo cru e arrojado da descrição de um caso de depravamento moral – infelizmente não raro nem fantasioso – e imprimindo a nota escandalosa à vida pública do moço escritor. (LÉO, 1897, p. 5)

Os casos de uma crítica literária em que a vida do autor fosse o alvo das críticas e não a sua obra era o mais comum à época. Além da suspeita por parte dos críticos de que Adolfo Caminha teria passado por tais experiências sexuais e por isso teria escrito *Bom-crioulo* poderiam ser abordados aqui. Mas, não é este o centro de discussão, não se tornando uma história linear das críticas literárias, como também não haveria páginas à disposição por mais que o tema seja válido e pertinente. Mencionar esse fato serve ao propósito de elucidar o entendimento da época sobre o primeiro livro a abordar o tema da homoafetividade de forma aberta.

É importante assinalar que, durante um longo período e mesmo até em 1940, quando da segunda edição do livro, *Bom-Crioulo* seria alvo de controvérsias. Nesse ano, adviria uma suspeita de que o livro seria uma propaganda comunista. Esse fato levou a filha do autor e o editor a apelarem para as autoridades para que devolvessem a obra que havia sido recolhida em sua reimpressão.

Era comum no século XIX, e ainda hoje, os jornais receberem exemplares dos livros que seriam lançados. O Jornal *O País* acusou o recebimento de um exemplar do livro, porém, da mesma forma que o jornal

Gazeta de Notícias, que era o de maior circulação, não fez menção alguma e nem mesmo crítica a *Bom-crioulo*.

No jornal *Cidade do Rio*, de 19 de novembro de 1895, Alves de Faria, notando que o livro tinha um enredo bem desenvolvido, empreende a crítica de que a obra: "não é uma evolução do autor da *Normalista*. [...] Apanha bem certas cenas e apesar desse processo naturista tão explorado de descrever atos indecentes, reais, mas repulsivos, não desagrada ao leitor" (19 nov. 1895, p. 1). Faria faz uma das críticas mais brandas ao livro. O ponto em comum com os outros críticos era identificar o Naturalismo como *modus operandi* de Caminha ao descrever as relações entre Amaro e Aleixo, protagonistas do livro.

Condenou-se o livro por abordar abertamente a relação sexual entre dois homens. Foram poucos ou raros os críticos que pouparam Caminha. Entre os anos de 1940 e 1950 era insultado na imprensa brasileira com insinuações de que sabia do que falava, ou seja, que ele também tinha mantido relações sexuais com homens, pois, também ele fora grumete e portanto o caso que descrevera em *Bom-Crioulo* era fruto de uma experiência pessoal (HOWES, 2005, p. 02). Além de que, na tentativa da segunda reimpressão do livro, a obra foi censurada como comunista. Em meados de 1960, a quase totalidade da crítica descrevia o livro como "abjeto". Só em 1982, quando a edição americana de *Bom-crioulo* foi editada, vários especialistas reconheceram tratar-se do primeiro romance a abordar o amor entre dois homens de forma direta.

David Brookshaw diz que Caminha atribui a homossexualidade de *Bom-Crioulo* à devassidão e imoralidade da vida escrava, resultando na incontrolável e destrutiva paixão e sexualidade. David Habery vê o romance

como uma obra de "desespero total" e refere-se "à visão intensivamente pessimista de Caminha" do Brasil "preso entre a degeneração da sua população não branca e os encantos murchos e estéreis" da Europa e de seus imigrantes. Nelson Vieira interpreta Bom-Crioulo como exemplo de lusofobia, analisando as personagens portuguesas de Caminha "como símbolos de corrupção, desdém e exploração". (HOWES, 2005, p. 1)

Valentin Magalhães, citado anteriormente nesse trabalho como o maior crítico literário da época (1895) e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, entrelaça não somente a vida do autor e o tema da obra, mas também apresenta a concepção médico-científica sobre as relações homoafetivas, entendida como algo "vicioso":

Magalhães imaginava um livro em que se fazia a apologia do negro brasileiro e procurava reabilitá-lo como elemento etnológico, pondo em evidência as suas qualidades psicofísicas: "E venho encontrar unicamente um negralhão bronco, analfabeto, completamente instintivo, e aberrantemente vicioso." Sugeriu que o livro foi baseado na própria experiência do autor e terminou por jogá-lo no caixão do lixo (HOWES, 2005, p. 02)

Na mesma época notamos que mesmo os literatos mais próximos do autor, como é o caso de Francisco Pacheco, um emigrante republicano português, o entendimento e a compreensão sobre o tema do romance ligavam a questão da homoafetividade à abjeção. Segundo Pacheco,

O assunto é escabroso. Trata-se dum corriqueiro caso de pederastia. Os amantes são imundos. O desfecho da repugnante inversão afigura-se-nos morigerador [...] a Carolina, a boa portuguesinha, transverteu ao caminho viril o enganado [Aleixo]. O "Bom Crioulo" é inegavelmente uma belíssima obra realista, em que pese aos valentins. [...] Caminha desenvolveu, com uma calma admirável o escabrosíssimo tema pederasta, do qual varios homens de reputação científica e literária se hão ocupado. (PACHECO, 1895)

Certamente o impacto negativo dos comentários da época na vida de um jovem escritor que estava no começo de sua carreira levaram Adolfo Caminha a um posicionamento sobre sua obra. Uma resposta sobre o livro *Bom-Crioulo* foi oferecida aos críticos literários em *A Nova Revista* de 1895:

Que é, afinal de contas, o Bom-Crioulo? Nada mais que um caso de inversão sexual estudado em Krafft-Ebing, em Moll, em Tardieu, e nos livros de medicina legal [...] A julgar como certos imbecis, que os personagens de um romance devem refletir o caráter do autor do romance, Flaubert, Zola e Eça de Queiroz praticaram incestos e adultérios monstruosos. (CAMINHA, 1895)

Corroboramos com o entendimento de Howes que Caminha sentiu a necessidade de oferecer uma resposta aos seus críticos.

Este artigo tem sido citado frequentemente para explicar as razões de Caminha em escrever *Bom-Crioulo* mas isto precisa ser tratado com alguma precaução. Não era um depoimento desapaixonado sobre os seus métodos de escrever mas uma tentativa de reparar o dano infligido pelos hostis comentários dos dois maiores críticos da época. O principal propósito do artigo era rebater a acusação que Bom-Crioulo era um romance obsceno. Com este fim, Caminha enfatizou a seriedade do trabalho, apontando os seus antecedentes literários e científicos e baseou o seu apelo à legitimidade sobre as obras dos médicos contemporâneos especializados em homossexualidade. (HOWES, 2005, p. 03)

É muito provável que a resposta de Caminha a seus críticos fosse também motivada pela sua frágil situação financeira. De qualquer modo, o que mais nos interessa em abordar esse aspecto das críticas literárias feita ao autor e, mesmo na resposta dada pelo mesmo, é demonstrar que a homoafetividade tornou-se um problema médico-científico, ou seja, passível de investigação e que as respostas dos críticos apontavam os que se relacionam com o mesmo sexo de maneira abjeta. Não admitiam que o tema do romance fosse o amor de

Amaro para com Aleixo. Consideravam em síntese que o caso apresentando na narrativa era uma “amizade” que se degenerou para algo imoral. Muito parecido com o que se passava na Antiguidade grega, segundo a concepção da moral cristã ocidental.

A fortuna crítica do romance *Bom-Crioulo* é marcada pela palavra “abjeto” e pelo preconceito que acaba por gerar. Mesmo em livros que abordam o tema da relação homoafetiva na contemporaneidade, como por exemplo, *Frescos Trópicos*, de 2004, encontramos uma literatura tendenciosa, pronta para classificar os que gostam do mesmo sexo e mesmo ignorar que o termo *homossexualismo* não seja mais usado, pois, o sufixo **ismo** denota doença e o termo correto passou a ser **homossexualidade**. Retirando a conotação de doença desde 1999. Acompanhamos a seguinte citação retirada do livro citado acima: “Já há um bom número de livros e pesquisas sobre o **homossexualismo** no Brasil [...] Este trabalho busca contribuir para isso” (GREEN, p. 23).

Nos parece que a questão médico-científica se faz presente ao tentar pesquisar e classificar, dar nomes, rotular os que gostam do mesmo ou de ambos os sexos ainda hoje. Adolfo Caminha, como iremos discutir no presente trabalho, se distancia e ao mesmo tempo se mantém dentro dos padrões normativos da época ao escrever *Bom-Crioulo*. Aponta de forma discreta, na narrativa, inclusive os locais que eram utilizados para os que gostam do mesmo se encontrarem: “Bom-Crioulo tinha prometido levá-lo (Aleixo) aos teatros, ao Corcovado (outra montanha donde se avistava a cidade inteira e o mar...), à Tijuca, ao Passeio Público, a toda parte” (p. 25). Em uma carta de 1872, o médico Francisco Ferraz de Macedo pesquisa de forma sistemática

sobre a questão da homossexualidade, trazendo inclusive a moralidade como preocupação central de seu estudo.

Assim, não é raro encontrarmos pelas ruas da cidade, especialmente nas portas do teatro, rapazes de 12 a 20 anos, trajando bota de verniz [...] fina camisa bordada, tendo para ornato os olhos de mosca de brilhante e pendente lencinho de seda de cor (geralmente vermelho ou azul) [...] Os passeios são o gosto mais favorito destes infelizes, e quando passeiam vão de preferência à lugares mais freqüentados: assim nos passeios públicos de grande concorrência. (MACEDO, 1872, p. 02-04)

A vontade de saber sobre a homossexualidade para obter controle sobre a mesma, no intuito de, quem sabe, procurar um tratamento adequado aparece de diversas formas a partir do século XIX, inclusive na observação dos lugares que seriam frequentados pelos que gostam do mesmo sexo, implicando aí o papel de exclusão desse tipo de saber. A própria palavra homossexualidade começa a carregar em si mesma certa dose de classificação, de diferenciação, como se existisse não um único “tipo” de ser humano, mas “tipos” diferentes em algum tipo de hierarquia moral. Como elucidada Ludwig Wittgenstein, “os limites do meu mundo são os limites da minha linguagem” (1980, p. 74), afirmando com isso que o simples enunciar de uma palavra pode determinar o significado que ela tem para o mundo representado em mim. Talvez seja por isso que Adolfo Caminha não tenha se limitado a definir a sexualidade das personagens, pois ele nos apresenta muito mais uma indagação do que uma condenação na narrativa e isso se torna importante, porque o autor não usa o termo “homossexualismo” ou “homossexual” ambos já empregados na época.

A narrativa também é marcada pela disciplina, vigilância e punição severas, seja na vida de escravo fugitivo de Amaro, dos limites sociais impostos a Aleixo que era pobre, ou mesmo da vida que D. Carolina, uma imigrante, levava.

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (FOUCAULT, 2009, p. 143)

A categoria médica do “homossexual” define aqueles que gostam do mesmo sexo como “perversos” a partir do século XVIII, como uma patologia que precisa ser curada. Ou ainda como algo que atenta contra a moral e os “bons costumes”, portanto, uma imoralidade. Para o modelo de degeneração do final do século XIX, o status da relação entre homens baseada nas sociedades greco-romanas da Antiguidade aparecia como um vício, que difere (condenando do mesmo modo) do entendimento da pederastia enquanto pecado.

Um modo de compreender as identidades como essência biológica surge a partir dos meados do séculos XIX e com ela toma uma dinâmica própria com seus dispositivos de controle (FOUCAULT, 2009, p. 06) que visam produzir a verdade sobre a identidade do sujeito, especialmente por meio do discurso, vide a psicanálise. Esse modo de instituir e regular a verdade sobre o sujeito teve seu começo nas sociedades industriais e espalhou-se para os demais países. Certamente ao falarmos de personagens na literatura como Amaro, Aleixo e D. Carolina no final do século XIX, estamos nos referindo a uma experiência histórica, ou seja, a práticas que passaram a serem

explicadas como biológicas e também patológicas. Nesse caso, abordamos especialmente o tema da homossexualidade dentro da narrativa.

Hoje, discute-se muito se é adequado e produtivo definir a homossexualidade, outorgando-lhe algo como um caráter específico e uma natureza compartimentada. Parte-se da ideia de que não estamos diante de uma condição (tal como a condição feminina) ou de uma maneira inata de ser. Antes, trata-se de uma circunstância, já que o desejo sexual não obedece a uma ordem natural e sim a propensões culturais mutáveis no decorrer da história – inclusive a história de vida pessoal. Isso quer dizer que não existem objetos sexuais absolutos nem compartimentos estanques do desejo: este se inclina num movimento de polivalência pendular e mutabilidade básica para além das ideologias: na verdade são as ideologias que buscam estabelecer padrões e normas. (TREVISAN, 1986, p. 19)

Se não estamos diante de uma determinação natural ou sequer podemos falar em uma essência do “ser” que teria nossa identidade escrita em uma natureza ontológica e são as próprias ideologias que estabelecem os padrões e normas, então, é possível repensarmos as categorias com as quais lidamos com as questões de sexo e gênero. E a nosso ver é exatamente esse questionamento que Adolfo Caminha opera em *Bom-Crioulo*.

Os documentos históricos ligados ao romance *Bom-crioulo* e ao seu autor, abordados pelo método da polileitura, levaram-nos a explorar a narrativa com um olhar arqueológico sobre a própria historicidade da literatura presente na obra. A teoria dos espaços vazios de Iser, o conceito de pluralidade de Arendt e especialmente a teoria de gênero e sexualidade nas obras de Foucault e Butler complementando nossa pesquisa de forma a nos oferecer um campo seguro para abordar o tema da sexualidade presente na obra.

Perguntamo-nos: como foi possível reificar na figura literária de um marinheiro negro signos ímpares como alcoolismo, crime e homossexualidade e associá-los aos conceitos naturalistas de degeneração e perversão do instinto? Como foi possível, em termos literários, que esse marinheiro negro pudesse envolver-se com um jovem branco, portanto dois homens relacionando-se sexualmente, contrariando a moral reinante da época? E por último: afinal, qual o papel de D. Carolina no romance frente às sexualidades exploradas por Adolfo Caminha?

No Capítulo I, lançamos um olhar sobre a obra *Bom-crioulo* em relação às escolas literárias das quais Adolfo Caminha era herdeiro, especialmente o Naturalismo. O estudo prossegue, tematizando uma possível comparação do romance com a tragédia grega clássica, de forma que nosso entendimento sobre a subversão presente na narrativa fique evidente, especialmente no que tange à abordagem do sexo e gênero presente (ou não) no romance.

No Capítulo II, trazemos ao leitor uma discussão das teorias utilizadas no diálogo com a narrativa, mais especificamente: o conceito de espaços vazios de Wolfgang Iser, a sétima tese de Hans Robert Jauss, a abordagem psicanalítica de Sigmund Freud sobre o amor e a teoria de sexo e gênero de Michel Foucault e Judith Butler, elucidando os motivos que nos levaram a aprofundar e tematizar algumas teorias, em detrimento e outras, de forma mais ampla no presente estudo. Apresentamos, também, uma revisão historiográfica do tema da homossexualidade desde meados do século XVII, questionando os pontos em que Adolfo Caminha, por meio da obra, se mantém próximo/distante do entendimento do tema da homoafetividade no século XIX?

No Capítulo III, aprofundamos a análise literária do livro centrando-a em dois pólos: em Amaro e Aleixo e na personagem D. Carolina. Isto é, focamos no questionamento da sexualidade presente na narrativa, tendo como base os questionamentos que Foucault e Butler oferecem a partir dos conceitos de medicalização da sexualidade e da *queer theory*.

Por fim, no Capítulo IV, nos debruçamos sobre o caráter “subversivo” da obra, ao questionar as noções de sexo e gênero, apresentando ao leitor uma discussão sobre o “poder” e a materialidade dos corpos que aparecem tanto na obra quanto na fortuna crítica sobre o romance, aprofundando a problematização de identidade sexual por meio da noção de gênero e sexualidade.

1 A OBRA E O AUTOR

1.1 ESCOLAS LITERÁRIAS

O mundo de ideias em que o século XIX estava imerso, apesar das transformações em que se encontrava, bebia diretamente do legado de silêncio sobre o tema da homossexualidade, seja no próprio país ou em outros como os países do continente africano. Desde a colonização, as relações homoafetivas no Brasil estão envoltas em uma complexa trama de questões religiosas e morais. Durante séculos, através das Ordenações Portuguesas que ditavam as regras para a colônia, a sodomia era um delito duramente reprimido pelo Estado, o qual não era (e ainda não o é totalmente) laico⁴. Vê-se, então, pelo Código Imperial do Brasil do século XIX que este era envolto pelos ideais Iluministas em que se deixou de caracterizar a sodomia como obra exclusivamente de “Satanás”. E os reflexos dessa mudança seriam sentidos em termos de arte, especialmente na literatura.

Ao se analisar a própria trajetória de vida do autor, que infringiu as regras sociais estabelecidas ao se envolver com a esposa de seu superior no

⁴Em termos escritos na Constituição Federal diz-se que o Estado é Laico, porém, em sua prática encontramos discordâncias aberrantes. “O Estado brasileiro tem tratados com o Vaticano, ente estatal da Igreja Católica, em matérias como a capelania militar mantendo-se como a única religião a ser permitida dentro dos corredores da instituição, além de concordatas implícitas, como a que mantém o laudêmio. Este é um resquício do direito medieval, que persiste até hoje no Brasil. Ele consiste numa taxa que o proprietário de um imóvel tem de pagar anualmente (foro). Além disso, cada vez que o imóvel sujeito ao laudêmio é vendido, tem-se de pagar uma taxa calculada à base de 2,5% a 5,5% do valor da transação - chega a ser maior do que o imposto de transmissão devido à Prefeitura Municipal. Além da antiga família imperial do Brasil, dioceses da Igreja Católica e irmandades religiosas beneficiam-se do laudêmio nas áreas centrais das cidades mais antigas do país. O art. 150 da Constituição proíbe a criação de impostos federais, estaduais e municipais sobre “templos de qualquer culto”. Um pacto para consolidar os privilégios da Igreja Católica, assim como para estabelecer outros, como o livre acesso às terras indígenas, para ação religiosa foi pedido ao governo brasileiro. Inicialmente negada, mas os entendimentos continuaram, secretamente, e culminaram na assinatura da Concordata, em Roma, em novembro de 2008, tendo sido homologado este acordo pela Câmara dos Deputados, mediante o Decreto Legislativo 1.736, em agosto de 2009. Depois de tramitação rapidíssima, ele foi aprovado pelo Senado e, em 11 de fevereiro de 2010, o presidente Lula assinou o decreto 7.107 promulgando a concordata Brasil-Vaticano/Santa Sé” (MÍR, 2010, 490).

exército, denota-se uma atitude transgressiva para com os padrões sociais estabelecidos na época. Atitude que foi alvo de críticas pelos propagadores da “moral e dos bons costumes” da época e que acabou por influenciar a fortuna crítica do autor.

A normalista, contudo, não é uma obra livre de defeitos. O autor era moço e o romance foi escrito sob a impressão dos acontecimentos que lhe perturbaram e estragaram a vida. Está, por isso, impregnada de um pessimismo em que se sente o surdo desígnio de uma desforra contra a sociedade provinciana, que o julgou e condenou com tanta severidade. (BEZERRA, 2009, p. 19)

Ao adentrarmos as obras de Caminha, uma pergunta se faz necessária: estaria o autor situado no Romantismo ou seria ele um naturalista? Acredita-se que como um filho nascido em um momento de mudanças, ele não estava “localizado” em nenhum e nem outro movimento, mas entre ambos e para além do seu tempo. Porém, é preciso entender o *Zeitgeist*, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo em que Caminha estava imerso quando da escrita do *Bom-crioulo*.

A própria vida cultural dos decênios de 1870 e 1880 se desenvolvera muito, tantos em termos materiais, como pelos temas que o Realismo e o Naturalismo iriam trazer em termos de arte.

Foi, então, nesse contexto social, político, econômico e cultural que Adolfo Caminha escreveu e teve a sua obra publicada, o que significa dizer que foi nesse contexto que se deu também a sua formação e a construção do seu nome de autor. No centro da discussão que propusemos neste trabalho está a figura do autor, tanto como sujeito como categoria para os estudos literários. Mas uma pergunta se nos mostrou capital: como Adolfo Caminha foi lido ao longo da recepção de sua obra? O que significa também perguntar:

como Adolfo Caminha foi lido na sua atuação como autor? (BEZERRA, 2009, p. 17)

O Naturalismo se torna, então, uma espécie de prolongamento do Realismo, e estes não chegaram a ser movimentos literários considerados estritamente distintos, tanto é que muitos autores são simultaneamente realistas e naturalistas. Para muitos, o Realismo representava uma alternativa do que era visto como um isolamento ou mesmo um elitismo da vanguarda (BOSI, 1994).

No teatro, o naturalismo exerceu mudanças marcantes, com o surgimento do diretor, do cenógrafo e do figurinista. Até então, o próprio ator escolhia suas roupas, um único cenário era usado para diversas montagens, e não estava definida a posição do diretor como coordenador de todas as funções. A iluminação passou a ser mais estudada e adotou-se a sonoplastia. Seu precursor foi o escritor e dramaturgo Émile Zola.

Considerado pela história tradicional da literatura brasileira como um autor naturalista, Adolfo Caminha morreu de tuberculose, a doença que mais vitimou os românticos e serviu à historiografia como critério de conceituação dos românticos. Louvando Émile Zola como exemplo a seguir, tanto nas letras como na vida, não deixou de reconhecer Cruz e Souza como o poeta mais bem-acabado do seu tempo. Em comum com os homens de letras de sua época, deixou o Ceará, a sua província natal, para viver na capital do Império e, em seguida, a capital da República, que era também a capital da República das Letras nacionais. Ir ao Rio Janeiro era como ir a “Paris em ponto pequeno”, como ele afirmou em seu romance *Tentação*. Se o dinheiro não dava para atravessar o Atlântico, que tal desembarcar no Rio? Esse foi o percurso que o dinheiro possibilitou ao nosso autor. Na então capital do país, associou-se aos simbolistas, esses também marginalizados. (BEZERRA, 2009, p. 24)

No Brasil, considera-se 1881 como o ano inaugural do Realismo. De fato, aquele foi um ano fértil para a literatura brasileira, com a publicação de dois romances fundamentais: Aluísio Azevedo publica *O mulato*, o primeiro romance naturalista do Brasil; Machado de Assis publica *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o primeiro romance realista de nossa literatura. No entanto, é importante salientar que 1893 registra o início do Simbolismo, mas não o término do Realismo e suas manifestações na prosa, com os romances realistas e naturalistas e, na poesia, com o Parnasianismo.

Exemplos claros desse momento são: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, de 1900 e *Esaú e Jacó*, do mesmo autor, de 1904. Olavo Bilac, por sua vez, foi eleito “príncipe dos poetas” em 1907. A Academia Brasileira de Letras, templo do Realismo, é de 1897. Na realidade, nos últimos vinte anos do século XIX e nos primeiros vinte anos do século XX, temos três estéticas que se desenvolvem paralelamente: o Realismo e suas manifestações, o Simbolismo e o Pré-modernismo, que irão dar seu último suspiro em 1922, com a Semana de Arte Moderna.

Se não é possível classificar Caminha como integrante ou do Naturalismo ou do Realismo, então em que tradição literária ele se insere? Essa mesma dúvida atingiu os críticos literários da época (e posterior a ela também).

A fortuna crítica de Adolfo Caminha é marcada pelo equacionamento entre a vida e obra do autor. “Vingança” e “imoralidade” são as palavras com as quais se pode definir esse equacionamento, principalmente no que diz respeito a duas obras: *A normalista* e *Bom-crioulo*. Em *A normalista*, Caminha descreve traços da região de Fortaleza, Ceará no final do século XIX, e é uma obra que

possui elementos regionalistas. Ele descreve um local simples, sem luxo e tenta mostrar a realidade de uma sociedade provinciana.

O livro conta a história de Maria do Carmo, moça simples que é entregue por seu pai para ser criada pelo padrinho e que acaba engravidando desse por ser abusada sexualmente. Caminha usa diversas gírias locais da região, expressões coloquiais, para despertar sensação e realidade ao leitor. É um romance que, pela própria narrativa se torna “subversivo” em vista do posicionamento do autor frente à sociedade cearense da época. Em *A normalista*, Adolfo Caminha faz duras críticas, implícitas e explícitas, aos costumes, tradições e hábitos cotidianos os quais eram marcados pelo preconceito, a censura e a mesquinhez.

Bom-crioulo foi lançado no mesmo ano (1895) do processo movido contra o escritor, dramaturgo e romancista inglês Oscar Wilde, em 1895, que se envolvera com o jovem Lorde Alfred Bruce Douglas. Quando Douglas afirmou, em seu poema “Dois Amores”, “Eu sou o amor que não ousa dizer seu nome” (SCHIFFER, 2010, p. 14), não apenas traz ao discurso as relações entre homens, mas o fez no registro de uma relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo.

Assim, Lord Alfred Douglas tomou como referência a definição de São Paulo sobre a sodomia como o pecado que não devia ser nomeado e a reverteu da esfera das práticas sexuais para a dos sentimentos. Oscar Wilde viria a ser condenado criminalmente pelo envolvimento com o jovem Bosie, como era conhecido Douglas entre os íntimos. Esse fato judicial pode ser entendido como o marco inicial da construção da moderna identidade homossexual.

Como quase toda obra que quebra com os paradigmas de sua época, *Bom-crioulo* foi recebido pelo público e pela crítica de forma silenciosa. Isso ocorreu devido à presença de temas ousados como a homoafetividade entre marujos de diferentes etnias, temas que eram tabu no final do século XIX (e que continuam sendo até hoje).

1.2 NATURALISMO E DETERMINISMO

Adolfo Caminha admirava o escritor Émile Zola e defendia suas obras e ideias. Não raro elogiava o escritor, como em um artigo nas *Cartas literárias* de 1895:

Quanto mais o leio maior é a minha admiração, maior o meu entusiasmo por essa obra colossal que vem, desde a *Fortune des Rougou*, estudando como um rio caudaloso e límpido, até ao *Docteur Pascal*, até *Lourdes Naturalista* ou *épico*, *physiologista* ou *poeta*, a grande questão é que Zola commove, Zola triumphs sobre o coração humano, toda a vez que nos surpreende com um livro novo, com um novo drama passional, com uma criação nova de seu génio maravilhoso e excepcionalmente fecundo. (CAMINHA, 1896, p.23)

Nos trechos em que discute sobre a arte e a literatura, Caminha elucida diversas vezes a contribuição de Émile Zola, chegando a compará-lo a Shakespeare: “eu, por mim, dar-lhe-ia um lugar distinto à mão direita de Shakespeare e Balzac” (CAMINHA, 1896, p. 24). O embasamento teórico advindo de Zola transparece em cada um dos três romances de Adolfo Caminha, que acabam por representar algum aspecto do Naturalismo (mas não somente deste) que se ajustava como uma luva ao temperamento subversivo do autor e a sua compreensão da função da literatura enquanto expressão

artística. A própria escolha dos temas dos seus romances deixa claro a exemplaridade subversiva do autor.

Outras características do movimento naturalista, tendo Émile Zola como seu grande expoente, aparecem de forma menos acentuada nos trechos anteriores, a saber: a) impessoalidade da narrativa entendida como uma linguagem mais simples; b) Positivismo entendido como um cientificismo exagerado; c) Determinismo no sentido de que o homem é fruto de meio, raça ou ainda momento; d) Darwinismo social e, como já citado, e) engajamento literário.

A herança deixada pelo movimento realista marca as obras de Caminha. Motivados pelas teorias filosóficas e científicas da época, os escritores realistas desejavam retratar o homem e a sociedade, não queriam fazer como os românticos, que mostravam a face sonhadora ou idealizada da vida. Começam a explorar o nunca antes revelado: o cotidiano massacrante, o amor adúltero, a falsidade e o egoísmo humano, a impotência do homem comum diante dos poderosos.

As obras naturalistas são marcadas pelo alto teor da análise social geralmente a partir dos grupos marginalizados, valorizando o coletivo. Observa-se também que os títulos das obras naturalistas que tiveram maior circulação na época em que foram lançadas apresentam um tema comum: *O mulato*, *O cortiço*, *Casa de pensão*, *O Ateneu*. Sobre o romance *O cortiço*, pode-se afirmar seguramente que o personagem principal é João Romão, ou Bertoleza, ou Rita Baiana, ou Pombinha? Ou seria o próprio cortiço o que estaria em evidência, onde se passa a narrativa?

Nos pontos em que coincidem os romances naturalistas e os realistas está, em primeiro lugar, o grande poder de descrever, analisar e criticar a realidade. Não bastavam mais as antigas representações. No lugar de heróis, surgem pessoas comuns cheias de problemas e limitações.

Um segundo ponto mais abrangente que o Naturalismo herda do Realismo está no idealismo clássico, o emocionalismo romântico e o drama que foram evitados nos enredos. Isso explica o motivo do tratamento de assuntos de uma maneira heroica ou sentimental serem igualmente rejeitados.

O Naturalismo surgiu na Europa no século XIX, tendo como precursores dois grandes nomes do movimento literário: os franceses Émile Zola e Gustave Flaubert. O primeiro publicou, em 1880, *O Romance Experimental*, e, no ano seguinte, lançou sua obra-prima *Germinal*, marco do início do Naturalismo no contexto europeu, que para escrevê-la viveu como os trabalhadores nas minas de carvão. Zola buscou inspiração no pensamento científico e na medicina de Claude Bernard que possuía uma visão determinista.

Zola arquitetou a construção de seu edifício literário; buscou um sistema filosófico e uma visão de mundo que retratasse seu tempo. Não encontrou somente uma filosofia, mas uma fórmula para seus conceitos. Naturalismo foi a palavra que designou sua nova literatura. Promoveu uma “literatura científica” graças a todo o movimento de doutrinas científicas e materialistas que proliferaram ao longo do século XIX. Mostrou-se em sintonia com autores em ascensão como Charles Darwin e sua teoria evolucionista, Honoré de Balzac e sua ampla obra literária, bem como as doutrinas socialistas que começavam a florescer.

O outro grande nome do Naturalismo foi Gustave Flaubert, autor de *Madame Bovary*, publicada em 1857. Flaubert foi o primeiro escritor a trazer para a prosa a preocupação científica que visava a captar a realidade da forma “mais verdadeira”. Em Portugal, foi Eça de Queiros um dos fundadores do Naturalismo com a publicação da obra *O crime do Padre Amaro* (1877). O movimento naturalista também é conhecido por ser uma radicalização do Realismo ao abordar de forma mais visceral a realidade do cotidiano das pessoas.

A conduta humana para Zola é determinada pela herança genética, pela fisiologia das paixões e pelo ambiente. Para o autor, o desenvolvimento das personagens e enredos deve ser determinado sob aspectos científicos similares aos empregados em experiências de laboratório. Assim, procurou empregar o método científico vigente à época fundamentado em conceitos como a hereditariedade e o determinismo científico.

Desta forma, o Naturalismo surge em um momento de grandes transformações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas no continente europeu. Os escritores naturalistas buscavam retratar a realidade aprofundando-a nas questões sociais como os vícios, as paixões, os sentimentos humanos mais torpes e animais, considerados baixos e sujos, sendo este um recorte europeu.

Na primeira edição de *A Nova Revista*, de 1896, jornal literário do qual Adolfo Caminha foi editor e fundador, encontramos suas ideias sobre a arte, a literatura, a política dentre outros temas imersos pelo Naturalismo herdado de Zola.

Nada mais fácil que traçar um programa politico ou literário, quando não nos anima um ideal renovador, uma fórmula nova de conquistas na política ou na literatura; — nada mais difícil que emprender uma obra revolucionaria e altamente civilisadora, demolindo falsos princípios, idéas falsas, velharias que repugnam a um cérebro bem orientado e ao senso philosophico de uma geração robustecida pelo estudo e pelo pensar próprio. Nós nos achamos no segundo caso ao lançar *A Nova Revista*; no entanto, fazemo-lo com desassombrada autonomia intellectual, com verdadeira independência de character, apelando exclusivamente para o esforço da mocidade, para os cérebros novos e educados no amor ao trabalho, para os que ahi vêm cantando a marseleza do ideal moderno e que hão de, necessariamente, completar a civilização brasileira golpeando o favoritismo literário, proclamando a era do trabalho e da intelligencia, creando uma literatura original, uma critica nova, uma arte nova, emfim, que seja o reflexo da vida que vivemos na larguissima e deslumbrante zona americana. A reforma política, fê-la o 15 de Novembro e consolidou-a o governo civil; caíram, como anjos repudiados, os medalhões do império e surgiram novos elementos de vida e prosperidade social. (CAMINHA, 1894, p. 01)⁵

Republicano, Caminha expressa sem meias palavras que a queda do Império era um evento que traria progresso ao Brasil. Fala de uma nova obra literária e uma nova arte, uma renovação de princípios. Alguns dos volumes de *A Nova Revista*, muito bem preservados na Biblioteca Nacional, no original, as palavras do próprio Caminha acerca de temas tão contundentes

E' isto o que vamos tentar briosamente, com a colaboração de moços cujo talento e a melhor garantia de *d'Nova Revista* e dos nossos intuitos. Se houvéssemos de apresentar um programma de vida intellectual, nenhum outro encontraríamos melhor que este: —Guerra ao convencionalismo em todas as manifestações do pensamento; logar aos novos espíritos, aos que desejam a renovação literária do Brazil; disciplina da mocidade para o triumpho e consagração da Sciencia e da Arte. Uma revista literária,

⁵ Mantivemos a cópia dos trechos dos jornais de 1895 na íntegra, ou seja: sem correções ortográficas.

philosophica e artistica, sem preconceitos, nem orgulhosa e falsa ostentação de patriotismo, com um character accentuadamente universal e livre, é obra necessária, agora que vamos merecendo a atenção da Europa como povo civilizado. (CAMINHA, 1895, p. 01)

“Os cérebros novos e bem-educados” que são os responsáveis pela renovação literária no Brasil, bem como o enlace entre a *Scientia e a Arte*, prefiguram algo notadamente naturalista: o engajamento literário no sentido mais amplo do termo em que o autor tenta convencer o leitor pelos meios científicos, geralmente com alusões à ciência. Nesse caso, leia-se ciência como cientificismo.

Como dito no começo deste trabalho, Caminha está além do seu tempo ao escrever *Bom-crioulo* e, portanto, não se pode classificar o autor como participante de um ou outro movimento de forma específica ou única. O que se esboça são as possíveis influências das correntes filosóficas e os movimentos literários e que servem de amparo para uma interpretação de *Bom-crioulo*.

E essa questão aparece refletida nesta análise ao se tentar classificar as personagens dentro de um padrão clássico da literatura. Padrão esse que não consegue abarcá-las como planas ou redondas, despertando controvérsias e subvertendo as noções de sexo e gênero dentro da narrativa.

Bom-Crioulo pode ser interpretado como um grito de alarme sobre a violência dos escravos negros recém libertos ou como uma advertência para a elite brasileira para não ignorar a população não-branca do país por causa de sua obsessão com a imigração branca. Caminha, no entanto, não era um porta-voz do governo ou da elite brasileira e é um erro analisar *Bom-Crioulo* como um simples tratado político. É uma obra literária por um intelectual marginalizado. A relação conflitante de Caminha com a sociedade, desde os seus primeiros dias como cadete rebelde protestando na presença do

Imperador, é bem atestado pelos seus contemporâneos. Em *Bom-Crioulo*, sua posição não é normativa mas transgressiva. Ele não só descreve uma relação sexual transgressiva mas também ostensivamente ignora outros aspectos do convencionalismo social e literário. O personagem central, um ex-escravo, representa o mais baixo escalão na hierarquia social. O romance está localizado inteiramente num meio baixo e todos os personagens principais são de classe baixa. Os personagens de classe média e classe média alta, representando as tradicionais estruturas do poder (os oficiais navais e o açougueiro português), aparecem apenas na periferia do romance. Não há nenhuma heroína jovem para representar os conceitos tradicionais da feminidade. O romance está situado completamente no mundo do Outro, sem nenhum apoio reconfortante para o leitor burguês médio. (HOWES, 2001, p. 16)

Os críticos, tanto de um passado distante do ano de 1895 quanto no presente, em sua maioria, ainda interpretam *Bom-crioulo* como um livro que trata apenas de uma “perversão sexual”. Concepção adotada, por exemplo, por Rosse Marye Bernardi no artigo “Espaço: integração e sentido investido em *Bom-Crioulo*”, ao escrever que a “temática explora a perversão sexual entre Amaro e Aleixo” (1975, p. 01).

Em *Bom-crioulo*, vê-se uma obra na qual os espaços em que a narrativa é construída, como a corveta, adquirem mais do que apenas o próprio sentido de *espacialização*. A descrição dos *espaços* dentro da obra foge ao papel puramente descritivo e se impõe como uma força altamente simbólica. O ambiente passa a justificar as ações das personagens sendo um componente que pode mesclar-se com as ações destas, integrando a causa e o efeito na narrativa.

Que o ambiente possa refletir a psique das personagens ou que o meio possa interferir nas ações destas é o que será abordado a seguir. Porém, afirmar que a temática da obra se reduz a uma “perversão sexual entre

marinheiros”, além de preconceituosa, demonstra a visão que alguns dos críticos possuem em torno de uma obra em que a riqueza nela contida está apenas começando a ser explorada e continua longe de ser esgotada.

A complicação em termos de trama acontece, ao ver deste pesquisador, quando Amaro e Aleixo não frequentam mais a mesma embarcação e o jovem grumete se envolve com Dona Carolina. O tempo em que segue o livro é cronológico até o clímax da obra, o qual pode ser remetido ao assassinato de Aleixo pelas mãos de Amaro.

O narrador é em terceira pessoa, seletivo. O desenvolvimento da narrativa é linear, com a utilização de *flash back* apenas no segundo capítulo da obra. Em termos espaciais, o livro tem o seu espaço circunscrito aos ambientes que propiciam maior autenticidade à narrativa: a corveta, o sobradinho na Rua da Misericórdia, no Rio de Janeiro, e o hospital em que Amaro fica internado.

Como bom-crioulo não podia ir a terra, Aleixo é seduzido e deixa-se seduzir por D. Carolina e adota outra postura (principalmente sexual), desinteressa-se por bom-crioulo, apaixonando-se por D. Carolina, que fora a primeira mulher da sua vida.

Depois de ser brutalmente castigado no "couraçado", o novo navio que Amaro é obrigado a servir, ele envolve-se numa briga e vai para o hospital, onde fica um longo tempo internado e longe de Aleixo. Descobre por meio de um colega da antiga corveta em que servia, que Aleixo estava de caso com uma “rapariga”. Tomado por ciúme, Amaro resolve fugir e vingar-se da traição. Mata Aleixo no final do romance.

Como uma das principais personagens temos Dona Carolina (Carola Bunda). Amiga de Bom-crioulo desde que ele a salvara de um assalto e dona do sobradinho em que alugam um quarto, sabe da relação amorosa entre os dois. Seduz Aleixo enquanto o Bom-crioulo estava distante e se apaixona pelo jovem grumete, mantendo um sentimento de amor e carinho, satisfazendo o seu desejo de ser amada e também de ser mãe.

Como personagens secundários: Herculano (o Pinga), grumete que foi castigado por cometer um crime “contra a natureza”: a masturbação; é ele quem revela para o Bom-crioulo o caso de Aleixo e D. Carolina. Sant’Ana, marinheiro, foi quem surpreendeu Herculano enquanto este masturbava-se, brigando com ele em seguida, também sendo castigado. Agostinho, o especialista em aplicar a chibata e que sentia prazer em aplicar os castigos nos marinheiros. O senhor Man’el Brás, um homem casado que tinha D. Carolina como amante, possuía um açougue e dava dinheiro e carne para ela.

A narrativa está diretamente vinculada à espacialização, mas não determinada por esta e considerada como ponto de origem e convergência dos acontecimentos. A corveta, o sobradinho na Rua da Misericórdia e o hospital possuem entre si traços comuns de ambientes extremamente humildes que dão a impressão de certa miséria humana. São espaços signos que possuem uma funcionalidade e remetem ambientes com uma psique social.

Na corveta em que Amaro e Aleixo se conheceram, no “esquife agourento”:

Nem sinal de vela na linha azul do horizonte, indício algum de criatura humana fora daquele estreito convés: água, somente água em derredor, como se o mundo houvesse desaparecido num dilúvio medonho..., e no alto, lá em cima, o silêncio infinito das esferas obumbradas pela chuva de ouro do

dia. Triste e nostálgica paisagem, onde as cores desmaiavam à força de luz e a voz humana perdia-se numa desolação imensa! (p. 02)

Cada ambiente indica ou revela algo sobre a psique social que envolvia as personagens, porém, não as determina. Entende-se que o termo psicossocial no sentido teórico, conceituado por Erik Erikson, envolve conjuntamente aspectos psicológicos e sociais do desenvolvimento humano na (con)vivência em sociedade.

No sobradinho na Rua da Misericórdia, por exemplo, Amaro e Aleixo “subiram cautelosos, por ali acima, uma escada triste e deserta, cujos degraus, muito íngremes, ameaçavam fugir sob os pés” (p. 39). No sobradinho “tudo velho e incolor, poento e maltratado. Respirava-se uma atmosfera de sebo e cânfora, renovada por uma triste janelinha que abria para a espécie de área pertencente à loja” (p. 41). Cada espaço revela as próprias mudanças sofridas na psique das personagens. Ao ser preso e internado, Amaro sente-se só.

Vida triste era a de bom-crioulo, agora, no hospital, longe da Rua da Misericórdia e do seu único afeto, obrigado a um regimen conventual, alimentando-se parcamente, ouvindo a toda hora gemidos que lhe entravam na alma como uma salmodia agourenta, como a dorida expressão de seu próprio abandono, metido entre as paredes de uma lúgubre enfermaria... (p. 76)

Sentimento esse que será de capital importância para o desfecho da obra. Podemos estabelecer alguns parâmetros na presente análise. No cenário, meio ou lugar, tem-se, fundamentalmente, as embarcações, o sobradinho e o hospital. Há, no romance, as implicações psicossociais que refletem o meio (inter)agindo com a psique das personagens e a influência de

ambos, de forma (in)direta nas ações de Amaro, Aleixo e D. Carolina. As embarcações, especialmente a corveta, já nos primeiros capítulos, apresenta-se como um local em que a decadência se faz presente e se torna um elemento dramático por meio das comparações entre o passado e o presente.

No passado	E agora
"galera de lenda branca e leve"	"sombra fantástica de um navio".
"enorme garça branca"	"esquife agourento" (imagem repetida na p. 52 "velho esquife")
"esplêndido aspecto guerreiro"	"grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar"

As imagens dos animais usadas pelo narrador, a garça e o morcego, podem ser relacionadas com a própria vida dos marinheiros. Essa possibilidade comparativa indica o quanto o meio em que eles vivem podem influenciar diretamente nas personagens principais Amaro e Aleixo. A relação entre a entropia e a decadência física que se cristaliza na passagem do tempo: a garça se transforma em morcego e o "esquife agourento" enuncia a própria situação social em que se encontram os marinheiros.

Antes mesmo da descrição física da personagem principal, o negro Amaro, há uma descrição da corveta não apenas enquanto lugar em que se passa boa parte da narrativa, mas envolvendo aspectos do contexto social e, por que não, moral em que viviam os marinheiros. O leitor depara-se com um

ambiente em que a sugestão, o movimento e os castigos físicos resultam na impressão de abandono e solidão.

Sendo que, juntamente com a descrição material, sugere-se também a atmosfera moral, muitas vezes triste, tornando possíveis as ações e as vidas evocadas: oficiais embrutecidos pelo mando e marinheiros cuja própria dignidade é destruída por uma disciplina rígida. Como “um frêmito de instintiva covardia como uma corrente elétrica, vinha à face de toda aquela gente abespinhada ali [...] Era um respeito profundo chegando às raias da subserviência animal que se agacha para receber o castigo, justo ou injusto, seja ele qual for” (p. 12).

Uma possível correlação do ambiente e da aparência de Amaro aparece como uma nuance entre o meio em que a personagem vive e a vida que leva.

A força nervosa era nele uma qualidade intrínseca sobrepunhando todas as outras qualidades fisiológicas [...] Esse dom precioso e natural desenvolvera-se-lhe à força de um exercício continuado que o tornara conhecido em terra [...] e a bordo quando voltava embriagado”. (p. 21)

O vigor físico de Amaro se desenvolvera principalmente na vida de marinheiro e no trabalho escravo anterior. O ambiente da Marinha também é o responsável por influenciar a mudança de personalidade de Amaro, que chega como negro fugido de uma fazenda. No início da obra, ele é descrito como possuidor de um "caráter [...] tão meigo que os oficiais começaram a tratá-lo por bom-crioulo" (p. 6).

Depois de longas viagens, no entanto, ele vai se transformando, talvez, pelo meio em que vive ou mesmo pelas questões de sua sexualidade. As ações e gestos doces e tolerantes transformam-se em agressividade e

insubmissão. Ao longo da obra, percebe-se que outro fato entra em cena e que será determinante para uma nova mudança de personalidade de Amaro: a paixão por Aleixo será a fator que passa a influenciar suas ações e atitudes.

O navio se torna uma espécie de símbolo da própria vida do bom-crioulo que se "divertia a construir pequenas embarcações de madeira imitando navios de guerra [...] com a paciência tenaz de um arquiteto" (p. 38). Para Bachelard, "as casas em miniatura são objetos falsos providos de uma objetividade psicológica verdadeira" (1974, p. 152). Amaro, ao miniaturizar o navio, em um momento de vida em que seu sonho e esperança nele se resumiam, colocam-no numa posição de aparentemente possuir o mundo desejado (e possível) nas mãos.

O navio é a casa da liberdade, é o próprio universo de Amaro. Portanto, discorda-se da leitura de que o navio, mais especificamente a corveta, seria o único responsável por uma possível degeneração de Amaro. A miniatura não está colocada gratuitamente no texto, ela pode significar a própria noção de pertencimento e identidade do Bom-crioulo.

Aqui, discorda-se também da posição ambivalente de Bernardi, para quem a vida na Marinha fora responsável pela "degeneração" de Amaro: "a embarcação, nas implicações psicossociais do seu espaço, vai decidir o destino de *Bom-crioulo*" (1975, p. 5). Por mais que seja possível encontrar uma metáfora entre a vida na Marinha e as próprias ações dos marinheiros, não se valida o fato de que o navio seja o único fator determinante no trágico desfecho de Aleixo, como entende a autora anteriormente citada.

O Determinismo é uma das características do Realismo e que o Naturalismo, em certa medida, acaba por acentuar. Adolfo Caminha, ao seguir

os conceitos de Émile Zola, transferia para seus escritos o que o Naturalismo chamava de uma literatura científica, também chamada de romance experimental, nas quais deveria haver rigor científico.

Na literatura, Determinismo significa "o meio determina o homem". Assim, por mais nobre que seja o homem, se viver em meio a pessoas corruptas, se tornará também uma pessoa corrupta. Ou, para a filosofia do século XIX, se o ser humano for da raça superior e viver em meio à raça inferior, seus hábitos se tornarão como os dos seres inferiores. Lembrando que, no século XIX, a partir do Darwinismo, formou-se a ideia de que existiam quatro classes de raça: raça superior (homens ricos e brancos), raça média (homens ricos orientais ou judeus), raça inferior (mulheres, negros, homens pobres, delinquentes, homossexuais, loucos) e os animais (indígenas).

Para Mendes e Lima, em um artigo do ano 2012 (importante citar nesse caso a proximidade do ano para com o presente trabalho), o “determinismo, característica fundamental do Naturalismo, está fortemente ligado ao personagem de Aleixo, que primeiramente é apresentado como um moço ingênuo, mas que, no decorrer do livro, sofre mudanças devido ao meio em que está inserido, e deste modo, termina por ter um trágico desfecho”, para quem o “*Bom-Crioulo* é um romance naturalista que, além de apresentar os fortes traços do determinismo, traz como tema principal o homossexualismo” (2012, p. 02).

Já a questão dos termos usados por Mendes e Lima é mais preocupante, pois demonstra que, ainda hoje, nos meios acadêmicos, a falta de trato com os termos empregados para se referir à homoafetividade ainda é gritante. Mendes e Lima utilizam o termo “homossexualismo” em um artigo que

é do ano 2012. Em 1973, os Estados Unidos retiraram “homossexualismo” da lista dos distúrbios mentais da *American Psychology Association*, passando a ser usado o termo “homossexualidade”.

Encontram-se ainda problemas conceituais, primeiro, na posição defendida por Mendes e Lima referente ao determinismo e, em segundo lugar, nos termos usados para se referir a relação entre Amaro e Aleixo. Para esta pesquisa, a questão do Determinismo não está ligada a Amaro e nem a Aleixo, pois o desenlace final da trama mostra que o bom-crioulo se transforma ao longo da narrativa, inclusive pelos adjetivos ligados à sua descrição.

Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia formulou a Resolução 001/99, considerando que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão. Por isso, o sufixo “ismo” (terminologia referente à doença) foi substituído por “dade” (que remete a “modo de ser”). Voltaremos ao ponto da discussão acerca da questão de gênero e sexualidade presente na obra.

Ao se discordar de Bernardi, para quem o determinismo presente em *Bom-Crioulo*, “explora a perversão sexual entre os marinheiros, e tem o seu espaço circunscrito aos ambientes que propiciam maior autenticidade ao narrado” (1975, p. 05), colocamos outro contraponto em análise. Assim, não se assume o caso de uma “perversão sexual” e sim de um relacionamento homoafetivo que, devido à época em que fora escrito e pela novidade que representava, não seria compreendido pela crítica literária da época.

Mesmo em uma tentativa de definição clássica das personagens que foram anteriormente operadas, ela continua sendo apenas uma tentativa, uma vez que, ao mesmo tempo em que o olhar sobre o panorama geral das

personagens do *Bom-Crioulo* pode direcionar para um enquadramento conceitual, como o determinismo, de outro tanto identificam-se características da tragédia grega clássica presente na obra.

1.3 TRAGÉDIA GREGA

A narrativa contém uma unidade de ação centrada no amor de bom-crioulo por Aleixo, sendo este o epicentro do enredo. Possui o reverso da situação (*peripeteia*) quando Amaro é transferido para outro navio, separando-o de Aleixo e vai parar no hospital, e reconhecimento (*anagnorisis*) quando descobre por Herculano que Aleixo está enamorado e, depois, que é por uma mulher: Dona Carolina. Ainda se encontra presente o sofrimento (*pathos*) nos castigos pela chibata e na doença que bom-crioulo sofre enquanto está no hospital. A *catharsis* acontece quando após Amaro matar Aleixo e dar-se conta do crime cometido ao voltar a si. O consumo exagerado de álcool por ser entendido como a falha trágica de Amaro, acentuada pela paixão pelo grumete.

Bom-crioulo é normalmente incluído entre as obras naturalistas brasileiras por causa de seu tema explicitamente sexual e meio social baixo. Estruturalmente, no entanto, o romance é uma tragédia (LOOS, 1963, p. 87-88.). Um precedente óbvio, o *Otelo* de Shakespeare, tem sido comentado por vários escritores (BARBOSA, 1982; VILLANUEVA-COLLADO, 1995; MARSAN, 1996.) e o próprio Caminha compara o ódio ciumento de bom-crioulo pelo grumete com as "cóleras de Otelo" (p. 71).

Como *Otelo*, *Bom-crioulo* é uma tragédia passional e há um claro paralelo nas relações inter-raciais, como também no assassinato do objeto de desejo pelo enciumado amante (BRADLEY, 1978, p.175-242). Há, no entanto,

importantes diferenças. Os ciúmes de bom-crioulo não surgem da intriga, mas de fontes internas: o sentido de posse do antigo escravo desempenha o papel de Iago ao passo que Aleixo não é uma Desdemona (personagem de Shakespeare), nem no comportamento nem nos atos (HOWES, 2010, p. 16). Aqui, não iremos aprofundar essas noções, pois, o objetivo do trabalho não se centra em comparar as possíveis relações de *Bom-crioulo* com os personagens shakespearianos.

O próprio Amaro possui características conceituais do herói descrito por Aristóteles em sua *Poética*, não sendo propriamente bom e nem mau. O apelido Bom-crioulo, dados pelos marinheiros, deixa dúvidas quanto a sua índole. Ele mesmo já havia salvo Dona Carolina, certa vez, de uma tentativa de assalto, demonstrando a coragem. Porém, como dissemos acima, a bebida será um dos fatores que irá influenciar a personalidade de nosso herói.

Como característica de um herói, a coragem não vinha sozinha. Ao modo da tragédia grega, Amaro era descrito de forma que ficava evidente sua distinção dos demais. O herói era alguém que se distinguia, que possuía características únicas: “a força nervosa era nele uma qualidade intrínseca sobrepujando todas as outras qualidades fisiológicas, emprestando-lhe movimentos extraordinários, invencíveis mesmo, de um acrobatismo imprevisto e raro” (p. 10).

No episódio da tentativa de assalto de D. Carolina, se evidencia a coragem e o heroísmo de Amaro. Ela portava consigo um anel de brilhantes, duas esmeraldas e cinquenta mil réis quando fora surpreendida por dois meliantes que sacaram suas armas e partiram para cima dela de forma violenta.

Nesse momento ia passando o vulto de um marinheiro e ela disparou correndo, sobre ele: — Socorro! Socorro! — Travou-se uma luta. O marujo saltava fugindo aos punhais e investindo logo, como uma fera, de navalha em punho. Felizmente (Deus sabe o que faz!) aos gritos de socorro, encheram-se as janelas de gente em camisa de dormir, soaram apitos no escuro e a polícia chegou a tempo de prender os ladrões, completamente desarmados pelo bem-vindo marinheiro. — Qualquer pessoa nos casos dela faria o que ela fez: abriu cerveja para o seu protetor, que disse chamar-se Amaro, vulgo Bom-Crioulo, marinheiro de um navio da esquadra. E, como no sobradinho moravam praças de bordo, Bom-Crioulo deu-se a conhecer, havendo logo uma intimidade entre ela, Carolina, e o negro. Palavra d'honra como nunca vira tanta coragem num homem. Estimava-o por isso: porque era um marinheiro valente — homens para quatro! (CAMINHA, p. 40.)

A proteção, que surge na forma de uma coragem heroica, que Amaro desprende para D. Carolina, pode ser vista também em relação a Aleixo. Bom-crioulo fora preso e tomara chibatadas no navio em razão de defender o grumete, pois esse havia sido maltratado.

O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto mar, a borda da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara desapiedadamente um segunda classe, porque este ousara, “sem o seu consentimento”, maltratar o grumete Aleixo, um belo marinheirito de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se “cousas”. (p. 11)

O ponto que chama atenção nesse momento é perceber a novidade do tema presente no livro, objeto deste estudo. Acredita-se que se não é possível classificar o autor de *Bom-crioulo* como naturalista ou como realista e também não se pode tomar suas obras como um todo conceitual acabado e participante de apenas um movimento literário.

A tentativa de classificação de Adolfo Caminha ou de suas obras dentro de um ou outro movimento literário, mais especificamente de *Bom-crioulo* trabalhada nesta pesquisa, parece um fato natural aos que tentam de forma ou de outra desclassificá-la como um livro que trata de “uma perversão sexual”.

E, ao mesmo tempo em que se concorda com Mendes e Lima, que “trata-se de uma obra cuja importância foi completamente ignorada na época de sua publicação e, somente nos últimos anos, vem ganhando espaço no meio literário, não apenas como uma obra-prima”, discorda-se de ambas quando afirmam que o livro seria somente uma “denúncia contra os maus-tratos aos marinheiros e às condições em que viviam” (2012, p. 02).

Posições contraditórias sobre a obra marcaram muitos dos críticos de Adolfo Caminha, mas, geralmente, tendendo a críticas negativas. A autora citada anteriormente não foge da regra. Além do uso de termos como “homossexualismo”, denotando um sentido de doença para a homoafetividade, ela corrobora espriar um sentido pejorativo ao romance, além de reduzir a obra a uma única interpretação. O Determinismo é uma possibilidade e não uma assertiva incontestável.

Como já demonstrado, é possível encontrar características da tragédia grega na conceitualização formulada por Aristóteles. E, por esse motivo, encontram-se problemas na afirmação de que

Bom-Crioulo é uma obra constituída a partir da ideia do determinismo, uma das marcas do Naturalismo, pois os personagens não possuem opções de viverem de formas diferentes daquelas em que estão, já que o enredo possui o princípio da causalidade, que liga um acontecimento ao outro, mas, sobretudo pela falta de “liberdade” individual dos personagens diante dos

fatos da vida, sendo influenciados pelo meio, raça ou momento. (MENDES; LIMA, 2012, p. 05)

Além de confusas, imprecisas e preconceituosas afirmações encontradas no excerto, seja sobre o princípio de causalidade ou sobre o determinismo enquanto única opção conceitual do autor ao escrever *Bom-crioulo*, Mendes esquece que o próprio autor não reduziu o relacionamento afetivo entre Amaro e Aleixo a um conceito apenas. Além do mais, não foi a “raça” de Amaro que definiu o desfecho final com a morte de Aleixo.

Críticos de Adolfo Caminha o veem como ambíguo e contraditório, especialmente no seu tratamento da homossexualidade dentro da obra. Porque, apesar de num certo momento Caminha chamar a relação física de um “delito contra a natureza” (p. 30), os aspectos mais marcantes do romance são a clareza das exposições e a atitude descompromissada do autor sobre a relação homoafetiva.

Somente por esse aspecto, já se distancia do entendimento de que *Bom-crioulo* fora concebido unicamente sob o viés determinista. Também se opera, neste trabalho, um cuidado com a linguagem empregada, afinal, no momento em que se afirma a existência de apenas uma relação “homossexual” presente da obra, caminha-se “em uma corda bamba” frente às teorias empregadas aqui, bem como para com a posição assumida perante o texto.

1.4 A SUBVERSÃO NA NARRATIVA

Toda classificação já contém em si certa dose de preconceitos. Falar que tal relacionamento é “tiro” e outros “homo” é, de alguma forma, distinguir as

peçoas. E, nessa distinção, na própria classificação por meio da linguagem, pode-se operar um sentido extremamente preconceituoso.

E é nesse aspecto, por meio da linguagem na narrativa, que Adolfo Caminha se torna subversivo ao abordar de forma natural as questões de sexo e gênero. O cânone tradicional é afrontado em sua época e para além dela. Em *Bom-Crioulo*, a posição do autor está longe de ser normativa. Ele adquire uma postura totalmente transgressiva ao descrever uma relação sexual e afetiva entre dois homens, ignorando outros aspectos do convencionalismo social e literário, além de eleger na trama como personagem central um negro, escravo que representa o mais baixo escalão na hierarquia social.

O romance situa-se inteiramente num meio social empobrecido, sendo que todos os personagens principais são de classe baixa. E, por mais que Caminha se identificasse com o modelo de romance científico proposto por Émile Zola, em seus artigos, ele criticava o uso da linguagem científica nas obras e tinha o cuidado de evitá-la em sua literatura. Ao criticar o romance *A fome*, de Rodolfo Theofilo de 1896, nas *Cartas Literárias*, Caminha reflete sobre a maneira com que o autor descreve algumas das cenas da personagem principal, nas quais Theofilo se preocupa em descrever as cenas utilizando-se da linguagem médico-científica e que esta se torna maçante. Caminha aborda como o romance pode ser escrito e em que termos o escritor deve operar. Sobre isso, Caminha afirma que:

O romance é um dos gêneros mais difíceis em literatura. Modernamente o romancista precisa de ser um observador perspicaz, um artista consciencioso e um homem ilustrado. Os romances de Zola, por exemplo, são verdadeiros documentos humanos, verdadeiros estudos sociais, encerrando muitas vezes problemas complicadíssimos de physiologia e sociologia. Entretanto,

Zola não perde tempo com largas e massantes prelecções scientificas. Diz a cousa como ella é, como ella foi observada, como foi sentida e conforme a verdade scientifica. Escrever um romance não é somente acumular factos inverossímeis e sem lógica. Foi-se o tempo do romance íntimo, escripto ao acaso, todo de imaginação. (1895, p. 145)

O romancista é aquele que observa de forma eficaz, que é um artista consciente e um homem ilustrado. Adolfo Caminha possivelmente descreve o que pensava sobre si enquanto escritor e do que era necessário para ser um romancista. Novamente, tem-se a influência de Zola reverberando nos escritos de Caminha e na forma do autor fazer suas críticas.

Se para o autor a observação da realidade era a técnica que um romancista deveria empreender para escrever suas obras ao descrever “a cousa como ella é, como ella foi observada, como foi sentida e conforme a verdade scientifica” (CAMINHA, 1896, p. 2), qual o fato empírico que poderia ter impulsionado e influenciado Caminha ao escrever *Bom-crioulo?* Que(ais) fato(s) observado(s), entendido(s) aqui como realidade, poderia(m) ter motivado o autor?

Tem-se notícias de dois eventos que aconteceram durante o tempo em que Adolfo Caminha esteve na Marinha. Ambos os casos foram noticiados nos jornais e que juntos têm certa semelhança com os eventos que são narrados no romance. O primeiro deles aconteceu em março de 1888 e envolveu o suposto assassinato de um grumete pardo de 16 anos chamado André Nogueira.

Os detalhes do caso foram noticiados pela imprensa carioca de modo confuso, um dos relatos disse que Nogueira foi assassinado na Rua da Misericórdia, onde o romance é parcialmente situado. No final, soube-se que

Nogueira não tinha sido assassinado, mas tinha desertado. O suposto assassinato foi relatado no jornal *Gazeta de Notícias* sob o cabeçalho “O grumete assassinado” (em 16 de março de 1888). Adolfo Caminha estava no Rio de Janeiro na época. O que se supõe é que, devido à repercussão que o caso teve e como também pelo fato de que este estava ligado a uma grande série de brigas de rua entre os marinheiros que tinham irritado a Marinha inteira e a polícia, o autor estava ciente do ocorrido.

O assassinato de um prestigiado cadete da Escola do Exército que atirou em seu colega numa rua próxima à escola em Lisboa, foi outro caso que ocorreu em 22 de abril de 1886, em Portugal, e teve grande repercussão. O assassinato causou um grande alvoroço na época e foi relatado com detalhes nos jornais portugueses por vários dias. António Augusto Alves Martins Marinho da Cruz tinha 24 anos e vinha de uma família de classe média de Portalegre, e a sua vítima, António Candido Pereira, de 21 anos, era o filho de uma família pobre de Funchal, na Ilha da Madeira. À medida que os repórteres investigaram as circunstâncias do crime, tornou-se evidente que os dois companheiros tinham, aparentemente, tido uma relação homoafetiva. Ambos os casos são citados por Monteiro (1922, p.16).

O caso acaba se estendendo por dois anos, tornando-se uma causa célebre em Portugal. Marinho Cruz é defendido pelo conselheiro, advogado, homem de estado e poeta Tomás Ribeiro. Ribeiro argumentou que o réu sofria de insanidade temporária causada por um ataque epiléptico e, portanto, não podia ser considerado responsável pelos seus atos. Aqui, já se vislumbra como o dispositivo de sexualidade, conceito cunhado por Foucault, impregna o discurso do século XIX. A sexualidade deixa de ser um problema moral-

religioso para se tornar uma questão médico-científica. Certamente, o Naturalismo faz parte dessa medicalização da sexualidade.

Todo o processo se tornaria um campo de debate importante sobre de que forma as novas teorias psiquiátricas influenciariam na área de assuntos judiciais e de medicina legal em Portugal.

No primeiro processo, a defesa chamou como testemunhas os alienistas (ou psiquiatras) portugueses mais reputados daquela altura, que classificaram Marinho da Cruz como um degenerado hereditário e epilético larvado [latente] que sofria ataques epiléticos e crises impulsivas, o equivalente mental de ataques convulsivos. (HOWES, 2000, p. 09)

O réu foi considerado inocente pela maioria dos votos e ordenou-se que fosse levado para um hospital psiquiátrico, afinal, o veredito deixava claro que ele era um perigo para a sociedade e causou reações imediatas de protestos na imprensa portuguesa, levantando muitas questões para o Parlamento na época. Porém, para o propósito deste trabalho, considerar-se-á apenas a importância que o caso teve e as possíveis implicações deste na escrita de *Bom-crioulo*.

É possível que ambos os casos tenham influenciado Caminha ao escrever *Bom-crioulo*. O segundo caso, mais especificamente pelo teor científico que acabou adquirindo o julgamento de António Augusto Alves Martins Marinho da Cruz, pode ter oferecido, inclusive, bases para a argumentação que o autor desenvolveria no trágico fim reservado para Aleixo. Longe de ser apenas uma obra centrada somente no Determinismo ou mesmo abordar uma perversão sexual como sugeriria muitos de seus críticos, *Bom-crioulo* vai muito além de apenas relatar fatos reais em termos de ficção.

O romance termina, de forma significativa, no momento em que começam o processo judicial e as reportagens jornalísticas do caso Marinho da Cruz. Apesar das possibilidades comparativas entre os dois casos envolvendo oficiais e que podem ter influenciado Caminha ao criar as personagens de *Bom-crioulo*, existem diferenças primordiais (o uso do sufixo “ismo” no artigo de Howes é uma referência ao conceito da época):

Primeiramente, é importante notar que Marinho foi julgado por assassinato e não por homossexualismo. Sua relação com Pereira foi um elemento essencial no caso mas a questão de homossexualismo não foi central. Em segundo lugar, apesar das semelhanças serem flagrantes, há também algumas diferenças importantes em relação ao local, classe e raça dos protagonistas. Caminha transferiu o local de Portugal para o Brasil mas foi além duma troca de país. Marinho da Cruz era de classe média alta e branco ao passo que bom-crioulo é negro e, como os outros personagens no romance, pobre. Em terceiro lugar, enquanto fazia essas mudanças, Caminha decidiu manter o aspecto homossexual da relação central em vez de alterá-lo para uma relação heterossexual. (HOWES, 2000, p. 10)

Essas pistas sobre a motivação de Adolfo Caminha ao escrever *Bom-crioulo* se tornam importantes na medida em que a questão médico-científica em torno da homoafetividade é refletida na obra. O dispositivo de sexualidade de que fala Foucault teoriza em termos de um incentivo a se falar, escrever, confessar os desejos emerge com força no século XIX, impregnando os mais variados discursos acerca da sexualidade. Ele não nega que houve uma repressão da sexualidade, mas que existiu, sim, um incentivo para se falar dela.

O discurso literário, especialmente aos herdeiros do Realismo e do Naturalismo também estão imersos no dispositivo de controle da sexualidade.

O sexo é colocado em discurso, pois, “através de tais discursos multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental” (FOUCAULT, 2012, p. 37). A literatura também é impregnada da confissão da sexualidade pelo discurso, pois,

A metamorfose na literatura: de um prazer de contar e ouvir, dantes centrado na narrativa heroica ou maravilhosa das “provas” de bravura ou de santidade, passou-se a uma literatura ordenada em função da tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade que a própria forma da confissão acena como sendo inacessível. (FOUCAULT, 2012, p. 59)

Por meio da interação entre o texto e o leitor, pode-se analisar de forma mais detalhada de que maneira esse dispositivo se faz presente na obra, bem como em que momentos Adolfo Caminha rompe com a moral tradicional e apresenta uma obra em que a exemplaridade subversiva emerge com força. E, aqui, novamente se elucida o ponto em que Adolfo Caminha permanece como um filho de seu tempo e ao mesmo tempo o transcende.

É importante o reconhecimento e a incorporação da dimensão de recepção e efeito da literatura, somente através do que se dará conta do caráter estético e do papel social da obra de arte, pois ambos se concretizam na relação obra/leitor. *Bom crioulo* de Adolfo Caminha suscita, a nosso ver, não somente inúmeras interpretações enquanto uma obra literária. Mas principalmente abre caminho para, como dissemos, a introdução da homoafetividade enquanto tema a ser abordado abertamente pelos escritores na literatura.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E REVISÃO HISTORIOGRÁFICA

O discurso, seja ele falado ou escrito, no processo de leitura e mesmo na interação do pensamento, se dá sempre por uma relação dialógica entre eu e outro, eu e o texto ou, no caso do processo de pensamento, de mim para comigo mesmo. No tocante ao presente trabalho, o apoio se dá no dialogismo presente na análise da interação entre o texto e o leitor, para a análise do romance *Bom-crioulo*. De forma que, após principalmente da teoria do efeito formulada por Wolfgang Iser, o leitor é visto como parte importante do processo no próprio ato da leitura. Foi a partir desse pressuposto teórico que construímos o diálogo e a tematização da homoafetividade em *Bom-crioulo* de Adolfo Caminha, privilegiando os estudos de Michel Foucault e Judith Butler em torno do tema.

Foi pela importância dada na participação do leitor na construção perspectivística de sentido em sua interação com o texto, que optamos pela estética da recepção. Nesse capítulo iremos apresentar os teóricos que dialogam conosco ao longo desse trabalho, ora sendo apontados e discutidos, ora estando presente na forma de análise do texto, como, por exemplo, Jauss e sua sétima tese. Alguns autores, como Michel Foucault e Judith Butler têm a discussão de suas teorias aprofundadas em razão da proposta do trabalho. Outros autores, bem como suas teorias, são apenas citados, pois, servem de apoio em análises periféricas, que integram o corpo teórico o qual estudamos e que se apresenta ao leitor no modo de tematização da narrativa.

O discurso nos distingue uns dos outros e é uma forma de ação, de agir por meio das palavras no mundo comum que vivemos e compartilhamos;

essa ação pela palavra possui em si uma força transformadora no próprio espaço comum em que estamos inseridos. A maneira de agir por meio das palavras, o discurso, nos distingue uns dos outros e evidencia que, apesar de iguais enquanto seres humanos, também somos radicalmente diferentes por meio de nossas vontades, desejos, aparência, costumes. A “pluralidade é a lei da Terra”, afirma Hannah Arendt (2002, p. 20). Pluralidade ou diversidade humana que também se expressa por meio do diálogo. O dialogismo presente na leitura é uma dessas formas de expressão da pluralidade.

Tanto na escrita como na leitura, o texto não é visto isoladamente, mas, sim, relacionado com outros discursos similares e/ou próximos. Logo, a polifonia ocorre quando o autor intertextualiza e infere outras obras dentro de sua produção a fim de dar sentido a esta. O dialogismo, então, é entendido a partir da noção de recepção/compreensão de uma enunciação que constitui um território comum entre o locutor e o interlocutor. Pode-se dizer que os interlocutores, ao colocarem a linguagem em ação, reproduzem um movimento dialógico (BAKHTIN, 2010).

Segundo Bakhtin, o diálogo pode ser definido como "toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja" (2010, p.109). Portanto, o enunciado, seja ele verbal, ou esteja presente em uma inscrição, em uma parede, em uma obra de arte ou em uma obra literária, ou seja manifestado de outras maneiras, sempre e necessariamente possui fontes em outros enunciados, uma vez que se comunica com eles. O texto não é estático e não deve ser compreendido isoladamente da cadeia dialógica que o cerca.

Contudo, não se isola, aqui, da própria “voz” de Adolfo Caminha, presente no texto. Ao contrário. O respaldo teórico utilizado dá amparo

necessário para a leitura da obra, mas de forma alguma possui o intuito de abafar a “voz” do autor.

As “vozes” que são encontradas no texto só aparecem quando existe a interação entre o texto e o leitor, de maneira que é no ato da leitura que a compreensão (com suas mais variadas possibilidades) da narrativa de uma obra acontece. Assim, a *teoria do efeito estético, mais especificamente a tematização teórica dos espaços vazios* de Wolfgang Iser, que faz parte da teoria da recepção do autor, e que versa sobre a interação⁶ que acontece no ato da leitura de uma obra, complementa o “trio” entre autor e leitor sendo, portanto, uma “voz” gerada pela compreensão da narrativa.

A interação entre as personagens dialógicas, a obra e o leitor, permite estabelecer uma dinâmica entre a narrativa e o impacto que esta gerou. Não somente na época entre os críticos literários, por exemplo, mas, para além dela, nos dias atuais, como, por exemplo, toda vez que *Bom-crioulo* é reimpresso e (re)interpretado.

O conceito de texto literário como puro fenômeno, defendido pelos teóricos da fenomenologia, implica a presença do leitor como a figura que percebe, em sua consciência, a essência da criação literária. Assim, de acordo com sua posição histórica e experiências precedentes, o leitor conquista, aos poucos, seu papel como produtor de sentidos.

Inúmeros são os autores que abordam a literatura sob o enfoque da recepção: Roman Ingarden, em *A obra de arte literária*(1931); Roland Barthes, em *O prazer do texto* (1937); Hans Robert Jauss, com *A história da literatura*

⁶ Especialmente no capítulo IV do volume 2 da obra *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* encontramos: “Sendo uma atividade guiada pelo texto, a leitura acopla o processamento do texto o leitor; este, por sua vez, é afetado por tal processo. Gostaríamos de chamar tal relação recíproca de *interação* (grifo nosso)” (p. 97).

como *provocação à teoria literária* (1967); Umberto Eco, em *Leitura do texto literário* (1979); Wolfgang Iser, com *O ato da leitura uma teoria do efeito estético* (1976); Stanley Fish, com *Is there a text in this class?* (1980), entre outros.

A estética da recepção nasce a partir das considerações apresentadas por Hans Robert Jauss em uma aula inaugural, em 1967, na Universidade de Constança. Na aula, com o título de *O que é e com que fim se estuda a história da literatura?*, o autor faz uma crítica ao modo pelo qual a história da literatura tem sido registrada, considerando os métodos de ensino até então ortodoxos, propondo reflexões acerca destes.

Jauss publica sua conferência em 1969, com o título de *A história da literatura como provocação à teoria literária*, após a ampliação de alguns de seus conceitos. A crítica de Jauss à história da literatura funda-se no fato de que, em sua configuração habitual, ela ordena as obras de forma tendenciosa; ora abordando as obras individualmente em sequência cronológica, ora “seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema de ‘vida e obra’” (JAUSS, 1994, p. 6).

Jauss aborda, ainda, a tendência ao estudo dos autores canônicos da Antiguidade Clássica, que acaba por não deixar o espaço de reconhecimento para os autores “menores”. Jauss argumenta que a história da literatura, ao seguir um cânone ou descrever a vida e obras de alguns autores em sequência cronológica, deixa de considerar a historicidade das obras, desconsiderando, portanto, o lado estético da criação literária. Entende-se que

a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de

seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas, sim, dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade. (JAUSS, 1894, p.8)

A sétima tese de Jauss (1984), que relaciona a literatura à vida prática do leitor, pressupõe uma função social para a criação literária, pois, devido ao seu caráter emancipador, traça novos horizontes para o leitor no âmbito da experiência estética. O fato de o leitor ser capaz, por meio da literatura, de considerar aspectos de sua prática cotidiana de modo diferenciado é o que provoca a experiência estética, pois “a função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática” (JAUSS, 1984, p. 50).

Escrito em uma época de mudanças sociais e incerteza política, *Bom-crioulo* não nos oferece nenhuma resposta para as questões que levanta. Possivelmente baseado em um drama entre dois homens de sua época, imaginado ou visto por Caminha no ano de 1895 e que pode ter se inspirado tanto nos preceitos da literatura clássica como nas teorias científicas contemporâneas para alcançar suas finalidades estéticas, o romance cumpre um papel social ao trazer ao leitor o questionamento sobre a (homo)sexualidade por meio das personagens Amaro, Aleixo e Dona Carola.

A contribuição da literatura na vida social se dá quando, por meio da representação, ela “promove a queda de tabus da moral dominante e oferece ao leitor possíveis soluções para os problemas de sua vida” (JAUSS, 1984, p. 31). Caso contrário, promove a perpetuação dos padrões de conduta da sociedade vigente e, no entender de Jauss (1984), torna-se uma “literatura de culinária”, de caráter reprodutor e pouca qualidade estética. Na proporção em

que a literatura propicia rupturas e a inovação de conceitos e normas, delineia-se seu aspecto social e (trans)formador.

Acreditando-se na exemplaridade subversiva da obra *Bom-crioulo*, é que optamos pelo conceito da *teoria do efeito* para a condução do presente trabalho. Especialmente, como ela foi reformulada e pensada pelo teórico alemão Wolfgang Iser, colega de Jauss, que muito pode contribuir com o estudo da interação entre o texto e o leitor no ato da leitura.

Iser busca respostas para suas indagações no ato individual e no momento da leitura (aspecto sincrônico), enquanto Jauss centraliza seus estudos principalmente na fenomenologia da resposta “coletiva” ao texto através dos tempos (aspecto diacrônico). A concepção teórica proposta por Iser, a teoria do efeito, tem sua origem nos estudos de Roman Ingarden. O autor teoriza e analisa os efeitos da obra literária provocados no leitor por meio da leitura; privilegia a experiência da leitura de textos literários como uma maneira de elevar a consciência ativamente, realçando o papel desta na investigação de significados (ISER, 1996).

Em *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, Iser formula a tese de que o texto é um dispositivo a partir do qual o leitor constrói suas representações. A qualidade estética de uma obra literária está, portanto, na “estrutura de realização” do texto e na forma como ele se organiza, pois são as estruturas textuais que propiciam ao leitor experiências reais de leitura, de forma que “o papel do leitor representa, sobretudo, uma intenção que apenas se realiza através dos atos estimulados no receptor. Assim entendidos, a estrutura do texto e o papel do leitor estão intimamente ligados” (ISER, 1996, p.75).

A teoria proposta diz respeito à valorização do texto enquanto estrutura textual e à noção de “estranhamento” que ocorre porque a literatura, ao apresentar fatos da “vida”, leva a uma consciência e revisão de expectativas. O texto literário “desconfirma nossos hábitos rotineiros de percepção e com isso nos força a reconhecê-los, pela primeira vez, como realmente são” (EAGLETON, 1997, p. 108).

A obra literária, ao “desconstruir” o que é familiar, desperta o leitor para o que lhe é familiar e para as normas que estabelecem essa normalidade, fazendo com que, a partir da observação e contraste, ele passe a ter consciência crítica da realidade. “À medida que o texto evidencia um aspecto deficitário do sistema, ele oferece uma possível compreensão do funcionamento do sistema” (ISER, 1996, p. 139). A literatura situa o leitor em seu momento histórico, pois permite, por meio da leitura, distanciar-se de sua realidade e participar de experiências de outros.

Mas o que é o leitor que aqui se pressupõe? [...] Quando, nos capítulos seguintes deste livro, se fala em leitor, pensa-se na estrutura do leitor implícito embutida nos textos. À diferença dos tipos de leitor referidos, o leitor implícito não tem existência real; pois ele materializa o conjunto das pré-orientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis. Em consequência, o leitor implícito não se funda em um substrato empírico, mas sim na estrutura do texto. [...] Desse modo, a concepção do leitor implícito enfatiza as estruturas de efeitos do texto, cujos atos de apreensão relacionam o receptor a ele. (ISER, 1972, p. 80)

O leitor implícito, uma das principais premissas teóricas de Iser (1972, p. 89), é entendido como uma estrutura textual que oferece “pistas” sobre a condução da leitura. O leitor implícito só existe na medida em que o texto

determina sua existência e as experiências processadas; no ato da leitura, são transferências das estruturas imanentes ao texto. É a partir dessa concepção, que o leitor passa a ser percebido como uma estrutura textual (leitor implícito) e como ato estruturado (a leitura real).

Iser argumenta e reformula o conceito dos “espaços vazios” de Ingarden (ISER,1996, v.2), espaços que são deixados pelo autor na obra literária e que possibilitam um novo ângulo em relação à leitura, na medida em que desafiam a participação do leitor por meio da suspensão da conexão dos esquemas textuais.

“Os lugares vazios incorporam os ‘relés do texto’, porque articulam as perspectivas de apresentação, possibilitando a conexão dos segmentos textuais” (ISER, 1996, v. 2, p. 126). Os espaços vazios, ao intensificarem a formação das representações, se mostram como condição para a comunicação efetiva entre texto e leitor. O preenchimento dos vazios não é total e depende do acervo/repertório cultural do leitor.

Os espaços vazios, da forma conceituada por Iser, possibilitam interpretar o texto estabelecendo um profícuo diálogo e, ao se utilizar da polileitura, que é o uso de documentos e textos ligados à obra e à vida do autor, situa-se na historiografia brasileira do século XIX, oferecendo uma oportunidade de revisão literária. De forma que uma arqueologia literária, partindo da obra *Bom-crioulo*, se torna possível por meio da tematização da relação homoafetiva entre Amaro e Aleixo presente na narrativa.

A polileitura trata o livro como um documento em si, o que inclui, nesse processo, a análise da materialidade do livro, a revisão da fortuna crítica e o diálogo estabelecido com as diversas fontes ligadas ao autor. Dessa forma, a

revisão historiográfica aconteceu naturalmente e só vem a acrescentar para empreender uma análise da relação entre Amaro e Aleixo, bem como entender de que maneira a abordagem do autor e a própria obra tornam a raça e a sexualidade “transgressivas” na presente obra.

Ao se empregar o método de polileitura, trata-se das várias fontes impressas como pedaços de um mosaico em que o panorama extremamente rico, leva a tratar os livros como livros-documentos, procurando se ater à obra *Bom-crioulo* e ao assunto que se propõem abordar nesta pesquisa. Estabelece-se, então, um diálogo profícuo em que os frutos se voltaram para uma revisão da própria historiografia literária brasileira do século XIX e conseqüentemente da própria linguagem, especialmente nos termos utilizados para se referir aos que se relacionam com o mesmo sexo.

O método de polileitura, que possibilitou empreender uma arqueologia historiográfica literária empregada ao longo deste trabalho, está embasado pela teoria do efeito estético de Wolfgang Iser e pelos estudos de Michael Foucault sobre a sexualidade, especialmente na série *História da Sexualidade*.

Michel Foucault, em sua *História da sexualidade* v. 1 (2003), explica que a legislação e moralidade interagiam de forma parcimoniosa, julgavam e condenavam as práticas sexuais, tanto da homossexualidade como da infidelidade, entre outras, de forma igual. Uma mudança considerável na interpretação do que era considerado como “crimes”, que serão classificados como “contra a natureza” (FOUCAULT, 2003, p. 5), ocorre a partir do século XVIII, em que:

Surge toda uma gentilha diferente, apesar de alguns parentescos com os antigos libertinos. Do final do século XVIII até o nosso, eles correm através

dos interstícios da sociedade perseguidos pelas leis, mas nem sempre encerrados frequentemente nas prisões, talvez doentes, mas vítimas escandalosas e perigosas presas de um estranho mal que traz também o nome de “vício” e, às vezes de “delito” [...] No decorrer do século eles carregavam sucessivamente o estigma da “loucura moral”, da “neurose genital”, da “aberração do sentido genésico”, da “degenerescência” ou do “desequilíbrio psíquico”. (FOUCAULT, 2003, p. 41)

A compreensão da sexualidade a partir século XVIII como uma questão médico-científica se reflete sobremaneira na obra *Bom-crioulo*. A vida de Caminha e a sua produção escrita foram consideradas fontes de pesquisa, sendo que esta emerge como uma herança deixada por ele. Tantos os livros que ele escreveu quanto os diversos jornais dos quais foi colaborador foram analisados para compor esta dissertação. Deste modo, o método de polileitura possibilitou empreender uma verdadeira arqueologia historiográfica literária, em que:

A compreensão histórica do autor tem uma função: desautomatizar a linguagem e o modo como o definimos em relação aos estudos literários. O autor não é um sujeito circunscrito aos estudos literários, nem somente definido por esses. [...] A história do autor não é dada; ela é um dado que buscamos compreender na relação que estabelecemos com a literatura, relação essa mediada por outros saberes e práticas que não somente o literário. Portanto, analisar o autor por esse ângulo significa uma mudança na perspectiva da percepção e compreensão dos sujeitos que ocupam as posições extremas do campo literário: o autor e o leitor. Apesar de estarem em situações opostas, eles, autor e leitor, colaboram entre si, uma vez que cada leitura de um texto pode significar a sua reescrita. (BEZERRA, 2000, p. 43.)

Para se entender o quão significativa é a menção da “corveta” nas primeiras páginas de *Bom-crioulo*, bem como para se perceber as críticas presente na obra, é necessário que um breve panorama histórico do século XIX e também da vida do autor. Empreende-se, então, uma pesquisa ao analisar a documentação da época deixada por Caminha para compor o texto. Assim, tem-se a oportunidade rara de dialogar com um escritor, crítico literário e poeta para a abordagem do tema da homoafetividade subversiva em *Bom-crioulo*.

O entendimento do período histórico ajuda a perceber o quão à frente de seu tempo Adolfo Caminha estava ao escrever *Bom-crioulo* e, de modo complementar, a biografia do autor mergulha no período em que ele vivia e revisita o momento histórico que definiu e/ou delimitou sua visão sobre a sexualidade – especificamente sobre a homoafetividade que será tratada ao longo dessa discussão.

Percorrer as páginas de *Bom-crioulo* é acompanhar o pensamento conflitante da época sobre o tema da homossexualidade, é também perceber os avanços de Adolfo Caminha em relação ao tema da homoafetividade e encontrar pontos em que o autor cristalizava em palavras o que era moralmente aceito sobre o assunto e as dúvidas o tema despertava.

A sociedade provinciana do Brasil, com sua herança cristã e patriarcal, bem como em todo mundo ocidental, não aceitava moralmente uma relação entre pessoas do mesmo ou ambos os sexos e propiciou, no decorrer dos séculos XIX e XX, a união entre direito e medicina com o intuito de normalização das condutas sexuais. O sodomita saiu de cena e, em seu lugar, entrou "o degenerado sexual". É a passagem do crime de sodomia para a “doença” do homossexualismo (termo não mais usado pela medicina e que

será tratado mais adiante), a qual condicionou, em um determinado momento histórico, a produção de conhecimento sobre as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, tendo como consequência a construção da tríade pecado-crime-doença, que depois viria a ser entendida como patologia (FONTINELLES, 2015).

O termo sodomita parece ter saído de uso após o movimento europeu de descriminalização da sodomia e o discurso sobre o sexo muda consideravelmente a partir do século XVII. As relações entre o poder institucionalizado (o Estado) e os saberes (discursos) sobre o sexo se entrelaçam.

É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso. (FOUCAULT, 2003, p. 17)

Em *Bom-crioulo*, encontra-se a aceitação da relação entre Amaro e Aleixo como algo que, se não pode ser chamada de totalmente natural, é ao menos moralmente aceita entre as personagens.

Aleixo foi se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquela generosa solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma acentuada tendência para bom-crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera. (p.19)

Ela está em direta correlação com as teorias médico-científicas do século XIX, que vai ao encontro da institucionalização do saber em torno do sexo. O romance, bem como o tema da homossexualidade presente neste, irá ser entendido como contraditório por seus críticos e essa será uma das facetas que será explorada no presente trabalho.

Freud, em *O mal-estar da civilização* (1999), alude ao fato da tendência que as sociedades ditas “civilizadas” acabaram por restringir a vida sexual.

Quanto ao indivíduo sexualmente maduro, a escolha de um objeto restringe-se ao sexo oposto, estando as satisfações extragenitais, em sua maioria, proibidas como perversão. A exigência, demonstrada nessas proibições, de que haja um único tipo de vida sexual para todos, não leva em consideração as dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bons números deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça! (FREUD, 1999, p. 26)

Os tabus, as leis e os costumes funcionam como mecanismos que regulam e influenciam homens e mulheres a seguirem um padrão de vida sexual, baseado na heteronormatividade. Os protagonistas de *Bom-crioulo* fogem à regra ao terem um envolvimento sexual; porém, se veem envoltos por uma sociedade que cobra a dita “normalidade” e isso se reflete na culpa, principalmente de Amaro, o Bom-crioulo.

E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? Tudo isto fazia-lhe confusão no espírito, baralhando idéias, repugnando os sentidos, revivendo escrúpulos. — É certo que ele não seria o primeiro a dar exemplo, caso o pequeno se resolvesse a consentir... Mas — instinto ou falta de hábito — alguma coisa dentro de si revoltava-se contra semelhante imoralidade que os outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sobre o convés... (p. 22)

Além do provável determinismo biológico presente na descrição acima, com suspeitas de herança do naturalismo, encontramos também os sentimentos de Amaro para consigo mesmo. Era assim que Amaro se sentia: como um animal, alguém inferior. Diferente do homem branco hegemônico, “heterossexual”, Amaro sentia uma “confusão no espírito”. Também entendia seu desejo sexual como uma “imoralidade que os outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali no convés”. Ele, negro e ex-escravo, não teria os mesmos direitos que os “outros” (homens branco) em relação a sua sexualidade?

Vale questionar em que medida Adolfo Caminha rompe com os paradigmas da literatura de sua época ao abordar o tema da homoafetividade? Como o próprio conceito de homossexualidade é trabalhado dentro do livro e refletido em suas personagens? E, por último, como se dá a desconstrução feita pelo autor dos preconceitos e tabus que regem o amor e ou desejo entre dois homens e, por que não, entre duas pessoas do mesmo sexo e de raças (etnias) diferentes dentro do texto?

A discussão do tema da homoafetividade adquiriu novos contornos a partir da chamada *queer theory* engajada como um dos maiores avanços

teóricos sobre a discussão da sexualidade na contemporaneidade. A *queer theory* entende que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais determinados em alguma “natureza humana”. Ao contrário, ela nega que tenhamos alguma natureza sexual, mas sim formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

Para aprofundar tais questões, chama-se à discussão Judith Butler, teórica contemporânea que discute a *queer theory*. Se for pensada a relação de Amaro e Aleixo como uma afinidade que se dá, primeiramente, entre dois corpos que são categorizados e conceitualizados como “masculinos” e que essa é uma relação ambientada ao final do século XIX, pode-se retratar, em segundo lugar, as mudanças que o próprio conceito de homossexualidade, bem como a categoria moral que esse ocupava, era revelado pela obra.

Acredita-se que a ousadia empregada por Adolfo Caminha, em termos literários, ao abordar o tema da homoafetividade, só poderá ser percebida pela discussão de sexo e gênero. Para Butler, pensar na relação entre os corpos é re-pensar a relação entre sexo e gênero: “E se eu persistia nesta ideia de que os corpos, de alguma forma, são algo construído, então, era possível realmente pensar que as palavras por si mesmas tinham o poder de moldar os corpos sob a sua própria substância linguística?” (p. 13).⁷

A própria descrição de Aleixo, como também as mudanças de seu corpo durante a obra, serve de indicativo de que a construção desse personagem espelhava as próprias mudanças na maneira da sociedade

⁷Versão em espanhol: “Y si Yao persistía en esta idea de que los cuerpos, de algún modo, son algo construido, ¿tal vez realmente pensaba que las palabras por sí solas tenían el poder de modelar los cuerpos en virtud de su propia sustancia lingüística?” (BUTLER, 2003, p. 13).

ocidental encarar a sexualidade. Pela primeira vez na literatura no Brasil é usado o termo “hermafrodita”.

A exemplaridade “subversiva” presente em *Bom-crioulo*, mesmo inserida em uma tradição médico-científica, que visa o controle dos corpos por meio do saber, não deixa de nos intrigar ao apresentar personagens que, como Amaro, vivem a sua sexualidade. É necessário saber sobre “essas pessoas”, ter sua vida escrutinada para se ter controle sobre ela. O estudo da anatomia dos corpos visa saber quem são e como se comportam os que gostam do mesmo ou de ambos os sexos. Para Foucault,

o homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no final das contas, escapa à sua sexualidade. (2010, p. 43)

A discussão da homoafetividade presente na obra, bem como os esclarecimentos sobre os termos linguísticos que empregamos para se referir ao relacionamento entre Amaro e Aleixo, serão apresentados e tematizados ao longo desse trabalho. Lembramos ao leitor que as teorias empregadas nesse trabalho servem ao nosso propósito para a (re)leitura de *Bom-crioulo*, e portanto serão discutidas em função do romance.

A importância dos conceitos de pluralidade em Hannah Arendt, da psicanálise em Freud, dos espaços vazios teorizados por Wolfgang Iser são as “lentes” às quais recorreremos para a olharmos a obra. Cada autor utilizado na presente trabalho contribui de maneira significativa para a interpretação da relação entre Amaro e Aleixo no *Bom-crioulo*. Não iremos aqui nos aprofundar mais na discussão de tais conceitos. Centraremos nosso olhar especificamente

nas teorias de Michel Foucault e Judith Butler para analisar a narrativa em *Bom-crioulo* de Adolfo Caminha. Afinal é na própria linguagem empregada na narrativa que encontramos os elementos para a análise da obra e que constitui a materialidade dos corpos apresentados no romance *Bom-crioulo*.

Para tanto, é preciso retroceder alguns séculos e entender os caminhos e as transformações na abordagem sobre as pessoas que se relacionam sexualmente com o mesmo ou ambos os sexos. E, nesse sentido, vamos um pouco mais além, afirmando que não nascemos sexualmente determinados. Entende-se que existe uma sociedade e junto a ela uma ideia imagética de sexualidade que opera de forma a circunscrever a “normalidade” e a “anormalidade”. Visão essa que é refletida em termos de literatura na formação identitária das personagens.

“E consumou-se o delito contra a natureza”. Assim descreve Adolfo Caminha, em *Bom-crioulo* (p. 30), o ato sexual consumado entre o ex-escravo e marinheiro Amaro e o grumete Aleixo. Para o ano de 1895, em pleno século XIX, falar sobre a homossexualidade, além de inédito, representava também uma grande quebra de paradigmas em termos de literatura ao abordar, com certa naturalidade, o relacionamento homoafetivo entre Amaro e Aleixo. E, talvez, do próprio questionamento do preconceito que circunda, ainda hoje, as pessoas que se relacionam com o mesmo ou ambos os sexos.

Por mais que o termo “delito” possa parecer demasiado forte, é necessário lembrar que, por ser o primeiro romance a descrever abertamente a homoafetividade, há mais de cento e vinte anos, Adolfo Caminha não somente inovou, mas desbravou um tema até então considerado como “pecado” (tabu) pelo viés católico e, dessa forma, imoral. E, depois, sob a visão médico-

científica, a partir do século XVIII, quando a homoafetividade era percebida como doença.

Gregório de Matos cristalizou o pensamento da época que acreditava ser a homossexualidade uma forma de se fugir do triste destino da solidão, uma vez que a crença da época era de que a homossexualidade, masculina ou feminina, era uma consequência da falta de atrativos físicos atribuídas ao sexo oposto.

Em alguns de seus poemas, como “Retrato do Governador Antônio Luiz da Câmara Coutinho”, nos quais tece críticas à sociedade brasileira, quando os adjetivava de forma pejorativa, Gregório de Matos quase sempre utiliza um vocábulo ligado a homossexuais: termos relacionados a partes do corpo, como as pernas finas, a cintura bem marcada, as mãos pequenas ou as vestimentas coloridas. Segundo a cultura ocidental, esses símbolos são vinculados à imagem feminina e atribuí-los a um homem é considerado ofensa a sua sexualidade.

Em *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, o personagem Albino é apresentado como “[...] um sujeito afeminado, fraco, cor de aspargo cozido e com um cabelinho castanho, desvelado e pobre que lhe caía, numa só linha até o pescocinho mole e fino” (AZEVEDO, 1992, p. 40). Continua o autor: “O lavadeiro vive saracoteando os seus quadris pobres de homem linfático [...] e ele, de vez em quando, suspendia o lenço do pescoço para enxugar a fronte” (AZEVEDO, 1992, p.46).

O corpo de Albino se encaixa no estereótipo vinculado ao feminino, pois ele tem uma constituição de “fêmea”; sente-se mal por qualquer coisa. Sua saúde frágil é descrita pelo vocábulo “linfático”, tem um cabelo maior do que o

“padrão” patriarcal estabelecido para o homem. Essa é a representação feita, na literatura do século XIX, do homossexual até Adolfo Caminha escrever *Bom-crioulo*: um ser com um corpo que não se enquadra nos padrões ocidentais do corpo masculino heteronormativo.

Desde muito antes da época da tomada de posse da Terra de Santa Cruz, o tema da homossexualidade foi motivo de tabu e preconceito, fosse no Brasil ou mesmo em outros países. A finalidade da retomada da exploração sobre o tema da relação entre as pessoas do mesmo ou de ambos os sexos, no Brasil e na África pré-coloniais nos servem como embasamento para a própria discussão sobre a relação homoafetiva entre Amaro e Aleixo. No que diz respeito a Bom-crioulo enquanto ex-escravo fugido bem como para com a herança histórica a qual Adolfo Caminha e nós formamos nossos juízos e valores sobre a questão da homossexualidade.

Na era pré-colonial, entre as tribos indígenas tupinambás, tupinaés, guairacus, bororó, entre outras, era comum a prática de atos homossexuais (GOMES, 2013, p. 10). Sendo que estes eram socialmente aceitos entre as tribos. O próprio termo “homossexual” evoca sobre si uma diferença moral, e talvez ética, disseminado como um discurso que condena, como um coro milenar àquele(s) que se relaciona(m) com mesmo sexo ou possuem uma orientação sexual diferente dos padrões heterocizados moralmente aceitos (OLIVEIRA, 2002).

Ainda na cultura indígena, entre os guaicurus, por exemplo, era comum o travestismo. Os chamados cudinas, homens castrados que se vestiam de mulheres e passavam a efetuar tarefas exclusivamente femininas, como a tecelagem, eram vistos com naturalidade por entre os seus. Havia ainda os

transgêneros, encontrados em mais de cento e cinquenta tribos norte-americanas. Chamados de *Two-Spirit* (“dois espíritos”) ou *berdaches*, eram homens que gostavam de estar entre as mulheres, executar as mesmas atividades e vestir-se como elas, ou o contrário: mulheres que gostavam de se vestir como homens. Os primeiros relatos de colonizadores sobre os *Two-Spirit* aparecem já no século XIV. O preconceito contra tais pessoas tomará forma mais tarde, por influência do homem branco. A partir daí, eles passam a ser deixados de lado por suas tribos (VAINFAS, 1999).

Gabriel Soares de Souza, em seu *Tratado descritivo do Brasil*, de 1587, nos relata sua impressão sobre o “pecado nefando”, que se refere tanto sobre a homossexualidade feminina quanto sobre a masculina presente na tribo dos tupinambás: “os quais são muito mais sujeitos ao pecado nefando do que são os tupinambás, e os que servem de machos se prezam disso, e o tratam, quando se dizem seus louvores” (SOUZA, p. 334).

A medicina indígena refletia traços de uma sexualidade vivida fora dos moldes e padrões que traria a “civilização” europeia em suas naus e corvetas. Era comum que o tratamento do enfermo fosse realizado inclusive com o intercurso anal pelo pajé, como na tribo dos coerunas. Assim, a homossexualidade era associada a muitas práticas do cotidiano nas tribos e a medicina que lidava com os rituais de cura é um dos indicativos de como as populações indígenas a entendiam. Os próprios *xamãs*, ao passarem o conhecimento dos rituais curativos ao pajé mais velho, o faziam com seus alunos pela cópula carnal, em que o aluno se entregava ao xamã, quase sempre o homem mais velho da tribo (VAINFAS, 1999).

Na África pré-colonial, encontrava-se um mundo em que a sexualidade era vivida da forma diversa da que o “homem branco” e cristão conhecia ou aceitava moralmente. Registros, principalmente de jesuítas, descrevem como a sociedade das comunidades africanas encaravam a homossexualidade. Pesquisadores sobre o tema da homossexualidade na África relatam que jesuítas trabalhando na África Austral, em 1606, descrevem os chibadi: homens vestidos como mulheres e que se comportam de forma feminina, envergonhadas de serem chamadas de homens⁸. Stephen Murray, pesquisador sobre o tema, afirma que:

No início do século XVII, atual Angola, os padres portugueses *Gaspar Azevedeuce Antonius Sequerius* encontraram homens que falavam, sentavam-se e vestiam-se como as mulheres; estes casavam-se com homens. Tais casamentos eram honrados e valorizados. Nas comunidades de *Iteso*, no noroeste do Quênia e Uganda, relações sexuais eram de prática comum entre os homens que se comportavam e eram socialmente aceitas como mulheres. Práticas homossexuais também foram registradas entre os Banyoro e os Langui. Em Benin pré-colonial, a homossexualidade era vista como uma fase que meninos passavam e cresciam. Havia casamentos entre mulheres *Nandi* e mulheres *Kisii* do Quênia, bem como mulheres *Igbo* da Nigéria, mulheres *Nuer* do Sudão e mulheres *Kuria* da Tanzânia. Entre a população *Bantu*, o lesbianismo era atribuído às mulheres que estavam em vias de se tornar chefes-advinhos, conhecidos como “isanuses” (MURRAY, p. 18, tradução nossa)⁹

⁸Optamos por conjugar o verbo no feminino seguindo o desejo explícito dos *chibaldi* que se vestiam como mulheres e desejam ser tratadas como tal. Afinal, como veremos a seguir, sexo e gênero não são correspondentes sendo apenas um constructo social, uma performatividade. Da mesma forma que não se escreve ou pronuncia “o” travesti, mas sim “a” travesti.

⁹No original: “At the beginning of the 17th century, present-day Angola the priests Gaspar Azeveduc and Antonius Sequerius also encountered men called chibados, who dressed, sat, and spoke like women, and who married men “to unite in wrongful male lust with them.” Even more shocking to them was the fact that these marriages were honored and prized. In the communities of Iteso, northwestern Kenya and Uganda, sexual intercourse was common practice among men who behaved and were socially accepted as women. Homosexual practices were also recorded among the Banyoro and the Langui. In pre-colonial Benin, homosexuality was seen as a phase that boys passed and grew. There were marriages between Nandi women and Kisii women from Kenya, as well as Igbo women from Nigeria, Nuer

Tanto nas tribos indígenas do Brasil quanto nas comunidades da África no período pré-colonial, a homossexualidade possuía, portanto, *status* próprio, sendo em sua maioria socialmente aceita. Da colonização em diante, especialmente dos meados do século XIX, na virada para o século XX, diversos mitos foram criados em torno da homossexualidade africana como se esta não existisse.

Teria sido o historiador inglês Edward Gibbon, em 1781, quem primeiro teria confirmado a inexistência da homossexualidade no continente africano na obra *History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, em 1925. Porém, manuscritos da Inquisição Portuguesa, conservados na Torre do Tombo de Lisboa do século XVII, desmentem o historiador e têm outras informações acerca desse mito. Por exemplo, em 1630, é denunciado ao Santo Ofício o novo Governador da Ilha do Cabo Verde como réu confesso de inúmeros “atos de sodomia” (MOTT, 2005).

Em Cabo Verde, “ao ser preso o cônego Gabriel Dias Ferreira, 28 anos, natural desta mesma ilha atlântica, acusado de ter mantido cópulas ‘sodomíticas’ com 82 jovens, negros em sua maioria”. Assim comentava o inquisidor Pedro Castilho: “este réu devasso é prejudicial por cometer o pecado de sodomia com muitos rapazes negros e boçais, e ser dos primeiros denunciados daquela parte donde parece não havia notícia do dito crime antes dele” (MOTT, 2005, p. 9).

O mito da inexistência da homossexualidade na África, bem como das raras obras que tratam do mesmo assunto sobre a cultura indígena, anteriores a tomada de posse do Brasil, legariam aos próximos séculos não somente o

women from Sudan and Kuria women from Tanzania. Among the Bantu population, lesbianism was attributed to women who were about to become chief-fortune-tellers, known as “isanuses”.

preconceito que ronda a homoafetividade, mas, principalmente, o silêncio da literatura em torno do tema. Silêncio esse que só era quebrado nos confessionários católicos, já que, desde a Idade Média, a Igreja Católica detinha o controle da sexualidade, sendo a confissão dos fiéis um dos principais meios de intervenção.

Além da inverdade sobre a inexistência da homossexualidade na África pré-colonial, outros dois mitos tão preconceituosos quanto esse viriam assolar as mentes, a cultura e a literatura posterior ao “descobrimento”: o primeiro se refere à nacionalização da sexualidade dos negros que, segundo esse mito, seriam movidos pela tendência animalesca e desconheceriam os vícios contrários à natureza do homem branco; e o segundo sobre a superioridade física do primitivo africano, avesso à efeminação própria do mundo civilizado.

Nesse ponto, relembra-se Adolfo Caminha, em *Bom-crioulo*, em que as palavras utilizadas pelo autor para descrever o ato sexual entre Aleixo e Amaro são: “E consumou-se o delito contra a natureza” (p. 30). Seria ele um representante do preconceito arraigado em séculos desses mitos inventados sobre a não existência da homoafetividade entre o povo indígena e africano? Acredita-se que não. Mas, antes de alcançar uma digressão sobre os enfoques do presente trabalho, faz-se necessário o uso de mais detalhes para que se possa explorar, e, mais a frente, comparar alguns aspectos da obra com a própria história do tema da homoafetividade.

Ainda entre as comunidades da África do período pré-colonial, e nas tribos indígenas do país que viria a ser chamado de Brasil, o verbete “nefando” era usado principalmente pelas ordens cristãs para designar os pecados

advindos da sodomia ou como sinônimo de relação homoerótica entre varões desde a Idade Média.

O termo incluía outras parafilias (termo atualmente empregado para os transtornos da sexualidade, anteriormente referidos como "perversões", uma denominação ainda usada no meio jurídico. Estudar as parafilias é conhecer as variantes do erotismo em suas diversas formas de estimulação e expressão comportamental (HOLANDA, 2014, p. 190), como masturbação individual ou recíproca, sexo oral, cópula anal "heterossexual", bestialismo e também o lesbianismo.

O adjetivo "nefando" que aparece em textos que foram somente há poucos anos recuperados, como na condenação de Cristóvão Cabral na Ilha do Cabo Verde:

Seria muito contra o serviço de Deus e de Sua Majestade ir para Cabo Verde um governador tão inculpado no pecado **nefando** e tão murmurado já de muitos tempos, para terra onde pecará sem receio, nem limite, e deixará lá introduzido este abominável pecado [...] Nos erros, convém atalhar nos princípios e não dar lugar que Cabo Verde se faça uma Sodoma [...] pois com seus maus costumes [pode] infeccionar a gente daquela terra¹⁰.

Ao analisar o discurso do processo, na escolha das palavras utilizadas, entende-se que o réu Cristóvão Cabral, um europeu, poderia "infeccionar a gente daquela terra", ou seja, como se a homossexualidade não existisse ou não fizesse parte da cultura africana. A essa passagem, integrante de um processo conduzido pelo "Santo Ofício", infere-se que a "fabricação" dos mitos funcionava em termos de literatura da época, enquanto documentação judicial,

¹⁰ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (doravante ANTT), Inquisição de Lisboa, Processo 12248 de 1630, (grifo nosso).

de que fora somente o homem branco que “maculou” a terra africana com seu pecado “nefando”.

O “Santo Ofício”, que funcionava como um órgão repressivo e assassino, fazia parte da estrutura da Inquisição da Igreja Católica Apostólica Romana e agia de forma punitiva. E como uma de suas prerrogativas julgava inocentes por simplesmente viverem sua sexualidade e/ou sua cultura de modo diverso do que sua crença dogmática e impositora ditava. Esse órgão religioso ajudou a condenar moralmente o homoerotismo africano e indígena do Brasil, como também em todos os países que se diziam “cristãos”.

O pecado nefando, aquele que não pode ser mencionado, era considerado (e talvez ainda o seja) como o mais grave e hediondo dos pecados, um verdadeiro crime social. O silêncio de historiadores em relação à cultura indígena durante décadas, por exemplo, deve-se principalmente ao fato de que a historiografia e documentação da época fora marcada pela forte visão católica jesuítica. Ou seja, uma visão que levou os pesquisadores a não se voltarem para compreender as particularidades e especificidades da cultura indígena.

Tais pesquisas foram centradas em sua maioria nos aspectos políticos e econômicos, ignorando-se o aspecto social das tribos indígenas. Ou seja, a sexualidade é ignorada como uma formadora da chamada identidade nacional e do próprio sujeito. Ele fora praticamente legada ao esquecimento enquanto tema de pesquisa.

Até o limiar dos anos de 1930 o que se poderia chamar de historiografia brasileira tratava, pois, a miscigenação, não como problema de investigação, mas como problema moral ou patológico que cabia resolver para o bem da

Nação. Ao tratarem da “miscigenação racial”, evitavam adentrar o domínio da sexualidade – campo fértil para entender os fenômenos culturais e o próprio fenômeno da miscigenação – e quando o faziam, como no caso de Paulo Prado, era para execrar a libido desenfreada de antanho. (VAINFAS, 1999, p. 2)

Posto isso, a “mistura de raças” era entendida como um processo que dificultava a “civilização” nas terras colonizadas. Praticamente, era a única questão apontada pelos historiadores, funcionando como o tema eleito para tratar dos temas ligados à vida dos indígenas, em que a perspectiva recaía sobre a força de trabalho ou a evangelização de maneira que se ignorou totalmente o indivíduo e sujeito, ou seja, a sua formação identitária. Para nosso estudo, como dissemos anteriormente, que versa sobre a relação homoafetiva entre Amaro e Aleixo, a compreensão histórica nos ajuda a entender não somente a herança cultural da qual Caminha era herdeiro, mas, também a importância em termos da compreensão da sexualidade refletidos na literatura.

3 O OCASO DO AMOR

3.1 *QUEER THEORY*

Desde a primeira menção da relação entre Amaro e Aleixo, ou melhor, dos sentimentos do Bom-crioulo para com o jovem e belo grumete, tem-se algo notório: Amaro o compara a uma mulher. Bom-crioulo estava em plena posse de suas capacidades, sem estar embriagado, assim via Aleixo e como ele se desvelava perante seus olhos. “Estimava o grumete e tinha certeza de conquistá-lo inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeitíssimo” (p.11).

Amaro quer conquistar Aleixo “como se conquista uma mulher formosa” (p.11). O caráter subversivo de Adolfo Caminha está presente já nas primeiras páginas da obra. Amaro, já enamorado pelo grumete, não se preocupa com as consequências de suas ações, ele “reconhecia que fizera mal, que devia ser punido que era tão bom quantos os outros” (p. 13). Reconhecia que agira mal em esmurrar um oficial segunda classe na corveta, se submetendo às normais aplicadas pelo oficial superior.

Ao comparar Aleixo com uma mulher, Amaro se diferencia dos heróis dos romances de sua época. Ele é um negro do sexo masculino que ama outro homem, porém, vê Aleixo como uma mulher. Ou seja, sexo e gênero aqui não operam de forma normativa. Adolfo Caminha subverte as noções da sexualidade já nas primeiras páginas do romance.

Provavelmente acompanhando a própria idade de Aleixo, que contava então com quinze anos, o autor mostra as flutuações de sexualidade da personagem ao longo da obra. Entretanto, o que ele talvez não soubesse foi

que, ao escrever *Bom-crioulo*, ele estaria indo ao encontro do que a *queer theory* preconiza, que a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um construto social e que, portanto, não existem papéis sexuais determinados em algum tipo de natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais (BUTLER, 1999, p. 45).

A *queer theory* complementa de igual forma as discussões sobre o dispositivo de controle da sexualidade de que nos fala Foucault dentro da perspectiva e proposta do presente trabalho. Se levarmos em consideração a atitude, de certa forma descompromissada do autor ao relatar de maneira clara as cenas no livro na relação entre Amaro e Aleixo, talvez seja possível explicar o motivo do estranhamento dos críticos de sua época, como também das gerações posteriores para com a obra. Claro, se comparada com aos parâmetros da moral vigente na época em que vivia, o século XIX, bem como se observar de que maneira essa atitude era realizada para com o tema da homoafetividade, por meio da construção identitária das personagens.

Amaro era um ex-escravo fugido de uma fazenda que havia entrado para a Marinha. Talvez sonhasse com uma nova vida. Bom-crioulo se "divertia a construir pequenas embarcações de madeira imitando navios de guerra [...] com a paciência tenaz de um arquiteto" (p. 38). Em Aleixo, ele encontra talvez a expressão máxima desse sonho de ter uma vida considerada como "repleta".

Conquistar Aleixo se torna uma meta para Amaro. Desde o princípio, a questão da paixão está presente: se conquista quando se está apaixonado. Se em algum momento Caminha tenha tomado por modelo o relacionamento empreendido na Grécia clássica em que, por uma questão de educação e política, um amante mais velho (*erastes*) e um amado mais jovem (*eromenos*)

se relacionam sexualmente, esse modelo fracassa. Amaro ama Aleixo e é esse mesmo amor que faz com que o modelo grego fracasse. A educação sexual do homem grego junto a um homem mais velho tinha um tempo determinado.

Tempo que previa o casamento:

Caminha se refere ao desejo de Bom-Crioulo por Aleixo como "o seu forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega" (p.30). Bom-Crioulo desempenha o papel tradicional do *erastes*, ensinando ao jovem como se comportar enquanto marinheiro, e no começo Aleixo desempenha fielmente o papel do *eromenos*, aprendendo com os conselhos do mais velho e mostrando sua gratidão pela submissão sexual. Esse modelo fracassa porque a paixão avassaladora de Bom-Crioulo não dá espaço para o crescimento de Aleixo. (HOWES, 2005, p. 10)

A relação de Adolfo Caminha para com a sociedade de sua época era essencialmente transgressiva desde os seus primeiros dias como cadete rebelde protestando na presença do Imperador, fato atestado pelos seus contemporâneos, bem como nos jornais em que foi colaborador e também em seus romances, os quais refletiam sua atitude por meio dos temas e das personagens.

Em *Bom-Crioulo*, sua posição é o oposto à normativa. Ela se posiciona contra a moral dominante. Ele não só descreve uma relação sexual transgressiva, mas, também, ostensivamente ignora outros aspectos do convencionalismo social e literário. Não há nenhuma heroína para representar o ideal de feminilidade. Amaro e Aleixo pertencem às camadas mais pobres da sociedade. Os oficiais do alto escalão não aparecem; são apenas citados, nos contornos do romance.

Amaro tinha em torno de dezoito anos. Sua descrição física na obra impressiona:

Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma ideia de força física sobre-humana, dominando a maruja, que sorria boquiaberta diante do negro. (p. 16)

Aleixo, de maneira distinta, tinha “os olhos muito claros, de um azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhos. Era filho de uma pobre família de pescadores que o tinham feito assentar praça em Santa Catarina, e estava se pondo rapazinho” (p. 19).

Logo que Bom-crioulo assim chamado pelos outros oficiais por conquistar a simpatia dos marinheiros, deitou os olhos em Aleixo pela primeira vez surge de forma inesperada o desejo (amor à primeira vista?) pelo jovem efebo:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um imã. (p. 20)

Talvez em uma das passagens mais reveladoras do livro, Adolfo Caminha emprega uma descrição detalhada da paixão que surge de Amaro para com Aleixo de maneira que a relação convencional entre sexo e gênero presentes na descrição são subvertidas. A relação homoafetiva é comparada a uma relação heteronormativa e descrita com tamanha riqueza de detalhes. Não encontramos outras obras literárias do mesmo período, século XIX, que abordem a relação homoafetiva de forma tão aberta pela ousadia das descrições.

Diziam uns que a cachaça estava deitando a perder “o negro”, outros, porém, insinuavam que Bom-Crioulo tornara-se assim, esquecido e indiferente, dê que “se metera” com o Aleixo, o tal grumete, o belo marinheirito de olhos azuis, que embarcara no sul. — O ladrão do negro estava mesmo ficando sem vergonha! E não lhe fossem fazer recriminações, dar conselhos... Era muito homem para esmagar um! O próprio comandante já sabia daquela amizade escandalosa com o pequeno. Fingia-se indiferente, como se nada soubesse, mas conhecia-se-lhe no olhar certa prevenção de quem deseja surpreender em flagrante... Os oficiais comentavam baixinho o fato e muitas vezes riam maliciosamente na praça d’armas entre copos e limonadas. Tudo isso, porém, não passava de suspeitas, e Bom-Crioulo, com o seu todo brutalhado, uma grande pinta de sangue no olho esquerdo, o rosto largo de um prognatismo evidente, não se incomodava com o juízo dos outros. — Não lho dissessem na cara, porque então o negócio era feio... A chibata fizera-se para o marinheiro: apanhava até morrer, como um animal teimoso, mas havia de mostrar o que é ser homem! (p.18)

À medida que a narrativa avança, as transformações psicológicas sofridas por Amaro ficam evidentes. O Bom-crioulo já não é mais tão bom perante os marujos que aparentam saber da “natureza” da relação dos dois. Ao se observar com atenção os detalhes da relação entre Amaro e Aleixo, que

começa a se configurar no momento em que “eles fitam os olhos pela primeira vez”, percebe-se que Adolfo Caminha refaz de maneira sutil os caminhos da paixão. Amaro, já no primeiro instante que vê Aleixo, sente-se atraído por ele. Para Aleixo, muito provavelmente, o interesse por Amaro não surge do mesmo modo. Parece-nos que Aleixo se deixa levar tanto pelo afeto de Amaro como, mais tarde, pelas investidas de Dona Carolina.

3.2 O PATHOS DA PAIXÃO

Caminha conduz o leitor a normatizar a relação entre dois homens no momento em que a compara a uma relação entre um homem e uma mulher um “movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrário [...] sentiu-a bom-crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho” (p.20). Esse “movimento indefinível”, o “mistério” de como os seres se apaixonam, nada tem de determinista em sentido de afeto na narrativa. Esse movimento invade o Bom-crioulo e toma conta de seu ser. Caminha não faz distinção entre a relação heteronormativa e a homoafetiva preconizando, talvez e em certa medida, uma normatização entre “o amor que não ousa dizer seu nome”(referência ao poema de Lord Alfred Douglas no caso amoroso entre ele e Oscar Wilde).

Como dito anteriormente, a *queer theory* afirma que sexo e gêneros são um construto social, então, na presente obra Adolfo Caminha opera um desmantelamento da própria noção de sexualidade, indo ao encontro do conceito *queer*. Judith Butler, uma das maiores teóricas da *queer theory*, afirma que “se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado,

não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira” (2003, p. 24). Amaro é comparado como um macho que se sente atraído por uma fêmea. No caso, essa fêmea é representada pelo belo grumete Aleixo, a noção ou mesmo distinção entre sexo e gênero é solapada.

Não utilizamos nesse trabalho palavras como “gay”, por exemplo, pois em termos do século XIX esse termo ainda não existia. Também não entendemos que alguém que goste do mesmo sexo seja visto como “mulher”, por exemplo. A efeminação não era o entendimento comparativo a uma mulher. “Efeminados” e “sodomitas” no original grego são respectivamente: *malakoi* e *arsenokoitai*. Existem muitas traduções para ambas as palavras, o que prova a incerteza sobre o que elas realmente significam nos textos. Palavras e termos como “devassos”, “travestis”, “catamitos”, “prostitutos masculinos”, “sodomitas”, “afeminados”, “pederastas” e “pedófilos”, dentre vários outros, já foram utilizados para traduzir *malakoi* e *arsenokoitai*. *Malakos* aparece textos bíblicos e significa, literalmente, macio, suave ao toque, mole (FEITOSA, 1998, p. 09).

Também não faz sentido, diante do texto, referir-se a Aleixo como um “gay visto como uma mulher”, pois é Amaro que o enxerga como uma fêmea. E, respaldados pela psicanálise, sabemos que o desejo pelo outro pode se cristalizar de diversas formas e uma delas é transformar o outro no que é mais aceitável moralmente dentro de nossos padrões de vida. Portanto, talvez fosse mais fácil Amaro lidar com Aleixo enquanto uma personificação do feminino. Talvez fosse mais fácil para ele lidar com o amor que sentia por outro homem, transformando seu desejo por esse homem transformando esse homem em mulher, em algo próximo aos padrões de relacionamento de sua época e do mundo o qual vivia.

Ao nascer, o novo “ser” adquire compulsoriamente o gênero e o sexo pela própria performatividade e materialidade dos corpos. Quando um bebê nasce, enuncia-se: “é menino ou menina?” Em sua grande maioria as roupas são compradas de acordo com as cores: “azul é de menino e rosa é de menina”. Uma heteronormatividade é adquirida de forma compulsória e os que não se enquadram são considerados abjetos (BUTLER, 2001, p. 05). É “normal” meninos gostarem de meninas e meninas gostarem de meninos. Essa é a noção comum (e rasteira) em que somos enredados, em que as noções de sexo e gênero nos são transmitidas. Claro, existem ainda os que fogem à regra heteronormativa, mas esses são considerados abjetos, como, por exemplo, as travestis.

Amaro, mais do que Aleixo, não se enquadra nessa heteronormatização. Amaro assume-se desde o princípio como um homem que gosta de homem e que tentou sair com “raparigas”, mas não obteve sucesso. Aleixo, talvez pela idade, talvez por interesse, possui uma sexualidade cambiante. O Bom-crioulo apaixona-se perdidamente pelo grumete e como toda paixão, que seria seu ocaso, traria um sentimento de posse para com Aleixo.

Os próprios marinheiros notam uma transformação em Amaro. “Diziam uns que a cachaça estava deitando a perder “o negro”, outros, porém, insinuavam que Bom-Crioulo tornara-se assim, esquecido e indiferente, desde que “se metera” com o Aleixo, o tal grumete, o belo marinheirito de olhos azuis. Acredita-se que deste momento em diante, pelo sentimento de Amaro por Aleixo, é que a obra ganha os contornos que estamos explorando no presente trabalho.

“O próprio comandante já sabia daquela amizade escandalosa com o pequeno. Fingia-se indiferente, como se nada soubesse, mas conhecia-se-lhe no olhar certa prevenção de quem deseja surpreender em flagrante” (p.18). Fato que não viria a acontecer. De forma que parece ao leitor que foi pela experiência pessoal de Adolfo Caminha nos anos em que fora marinheiro, ou por uma crítica a moralidade da época, que não se encontram no romance personagens vulgarizando ou condenando abertamente a relação entre os dois.

Talvez, encontra-se aqui o que se entende por “preconceito velado” que fica inaudível aos ouvidos dos que se relacionam com o mesmo sexo ou com ambos, seja pelos homofóbicos que possuem um desejo velado e inconsciente (FREUD, 1976), ou por quem não sabe conviver com a própria pluralidade e com a diversidade presente nas relações afetivas.

Para Hannah Arendt, a “pluralidade é a lei da terra” (ARENDDT, 2002, p. 20). Somos todos iguais enquanto seres humanos, porém, fundamentalmente diferentes. Seja pela estética dos corpos ou pela vontade e desejos os seres se diferenciam uns dos outros. Amaro e Aleixo, ao menos no primeiro momento, fazem de sua relação algo diverso do que a sociedade do século XIX estava moralmente acostumada.

Porém, a própria noção de moralidade é questionada por Amaro quando ele se vê enredado pela paixão que nasce por Aleixo.

E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? Tudo isto fazia-lhe confusão no espírito, baralhando idéias, repugnando os sentidos, revivendo escrúpulos. — É certo que ele não seria o primeiro a dar exemplo, caso o pequeno se

resolvesse a consentir... Mas — instinto ou falta de hábito — alguma coisa dentro de si revoltava-se contra semelhante imoralidade que os outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sobre o convés... (p. 22-23)

O questionamento da moralidade, da sexualidade e dos desejos aparecem como conflitos internos do Bom-crioulo. Ser um ex-escravo, convivendo somente com homens da Marinha sob um código rígido de comportamento, contrastava com o fato dele amar outro homem. No mínimo, um questionamento interno entre o que se considerava moral ou imoral, certo ou errado, atingia Amaro.

Amaro encontrou na vida de marinheiro algo que a vida de escravo dificilmente lhe ofereceria. No primeiro contato com o mar

assim que a embarcação largou do cais a um impulso forte, o novo homem do mar sentiu pela primeira vez toda a alma vibrar de uma maneira extraordinária, como se lhe houvessem injetado no sangue de africano a frescura deliciosa de um fluido misterioso. (p.13)

A vida de Marinheiro lhe proporcionaria certa libertação. “A liberdade entrava-lhe pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas, por todos os poros, enfim, como a própria alma da luz, do som, do odor e de todas as cousas etéreas” (p.13). E não fora à toa que ganhou um apelido.

A relação com Aleixo, em verdade a paixão que começa a sentir pelo jovem grumete o modificaria e se tornaria um caminho sem volta para o marinheiro. E não é assim com todos os que se apaixonam?

3.3 SER OU NÃO-SER

Caminha conduz o leitor por meio da narrativa a um mundo em que a paixão, o amor e o desejo são a pedra de toque do romance tornando a sexualidade o tema central:

Desejo sexual, amor e ciúmes são os motores que conduzem a trama em *Bom Crioulo*, quebrando as relações de amizade e favor. O desejo sexual vai assegurar que a miscigenação continue, com consequências imprevisíveis. Portanto há o que Jonathan Dollimore chama um deslocamento da crise e do conflito sociais para a sexualidade, ou, neste caso, de uma forma de sexualidade problemática para outra. Neste contexto, a homossexualidade começa a aparecer bem menos ameaçadora. (HOWES, 2005, p. 09)

À medida que o tempo avança, e a relação entre Amaro e Aleixo passa de uma simples amizade por parte do grumete que via no bom-crioulo um protetor e amigo, o desejo sexual vai aumentando e as investidas de Amaro se tornam mais visíveis. Aleixo, a princípio, talvez pela sensação de proteção, “aceitava tudo com um ar filial, sem procurar a razão de todo esse esmero. Via marinheiros imundos, malvestidos, cheirando a suor, mas eram poucos. Havia os que até usavam essências no lenço e óleo no cabelo” (p. 23).

Amaro, que parecia estar em conflito consigo mesmo, foi construindo e moldando a relação com Aleixo, dando presentes e inclusive intervindo na aparência física do grumete. “No fim de alguns dias Aleixo estava outro e bom-crioulo contemplava-o com esse orgulho de mestre que assiste ao desenvolvimento do discípulo” (p.18), muito semelhante ao modo da educação na Grécia Clássica.

Talvez para Amaro fosse mais aceitável comparar o seu sentimento por Aleixo como se fosse uma afeição por uma mulher. Em um domingo em que todos os marinheiros deveriam vestir o uniforme branco, Bom-crioulo, ao ver o grumete, se perde em pensamentos. “Seu desejo era abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo do seu corpo. — Sim senhor! Parecia uma menina com aquele traje” (p. 23).

O feminino encontrado em Aleixo subverte totalmente a heteronormatividade. Não se pode relacionar o sexo e o gênero como formas correlatas uma da outra no romance. Mesmo que mais a frente Aleixo passe por uma transformação, inclusive física, quando se envolve com Dona Carolina, sua sexualidade continua sendo cambiante. E nem mesmo a dona do quartinho da pensão na Rua da Misericórdia escaparia de ter sua sexualidade desnudada. Ao ter sua primeira relação sexual com Aleixo, “D. Carolina cevou o seu hermafroditismo agudo com beijos e abraços e sucções violentas” (p.75).

É a primeira vez em um romance brasileiro que a palavra hermafroditismo aparece em uma cena de cunho sexual. Ora, o termo usado na época refere-se a quem possui órgãos reprodutores de ambos os sexos ou apresenta características sexuais secundárias masculinas e femininas. Pela descrição que se tem de D. Carolina, ela era uma mulher. Talvez tenha que se questionar aqui porque Aleixo se deixa seduzir por essa figura que representa, ou contém em si, características que servem aos propósitos sexuais de ambos os sexos? Novamente, os conceitos tradicionais de sexo e gênero não se aplicam à narrativa. D. Carolina é entrevistada como a “mulher-homem” que seduz ambos os sexos.

Amaro a todo o momento, e para além da inédita questão da relação inter-racial entre dois homens em um romance brasileiro do século XIX, erige para si a figura de Aleixo moldado como feminino.

E vinha-lhe à imaginação o pequeno com seus olhinhos azuis, com o seu cabelo alourado, com suas formas rechonchudas, com o seu todo provocador. Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu,ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes,uma idéia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo, como se ele fora de outro sexo, de possuí-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo! (p.18.)

Amaro, para ser o único dessa relação que se entende como homem, se vê como homem e se posiciona enquanto homem. Bom-Crioulo representa aqui talvez a própria tentativa de uma normatividade ou heteronormatividade que se vê frustrada seja por Aleixo o trocar por D. Carolina ao final da obra, seja pelos conflitos e desejos internos que terminam em assassinato.

Mas, antes do envolvimento com D. Carolina, Aleixo cede às vontades e desejos de Amaro em uma noite sob o convés da corveta em uma das passagens da narrativa. O conceito de espaços vazios de Iser, como dito anteriormente, se torna um importante recurso teórico para explorar a cena de forma integral, pois, Caminha aplica cortes na obra que levam o leitor a imaginar e supor como certas cenas ocorreram, como, por exemplo, a primeira noite em que Amaro e Aleixo mantiveram relações sexuais. A cena, reproduzida na íntegra, não somente pela força da narrativa que inaugura a literatura homoafetiva de forma plena na literatura brasileira, mas, principalmente pela possibilidade interpretativa que nos oferece, traz consigo elementos importantes sobre ambas as personagens.

Às nove horas, quando bom-crioulo viu Aleixo descer, agarrou a maca e precipitou-se no encaço do pequeno. Foi justamente quando o viram passar com a trouxa debaixo do braço, esgueirando-se felinamente... Uma vez lado a lado com o grumete, sentindo-lhe o calor do corpo roliço, a branda tepidez daquela carne desejada e virgem de contactos impuros, um apetite selvagem cortou a palavra ao negro. A claridade não chegava sequer à meia distância do esconderijo onde eles tinham se refugiado. Não se viam um ao outro: sentiam-se, adivinhavam-se por baixo dos cobertores. Depois de um silêncio cauteloso e rápido, bom-crioulo, aconchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se, instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de bom-crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse — uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade...

— Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se.

E consumou-se o delito contra a natureza. (p.31)

Amaro não força Aleixo a praticar o ato sexual. Aleixo não resiste às intenções de Amaro. Fica claro que foi Amaro quem desejou e arquitetou a primeira noite com Aleixo. Seja a comparação de Amaro com um felino, como a de Aleixo com uma “carne virgem”, reforçam que Amaro é quem conduz a relação de ambos. Talvez pela pouca idade, por lembrar-se das promessas feitas pelo bom-crioulo, por estar com sono, por sentir alguma obrigação em retribuir às chibatadas que Amaro havia levado por ele ou mesmo ainda por possuir uma personalidade passiva, Aleixo cede “aos caprichos do negro”.

Foi naquela noite, sob o convés, que “consumou-se o delito contra a natureza” (p.31). Como citado anteriormente, Adolfo Caminha não é claro em sua posição sobre a homossexualidade e, talvez aí, exatamente nesses fatos, reside um dos aspectos mais importantes do romance. Cada uma das personagens possui uma sexualidade distinta. Amaro não tem família e nenhum interesse em mulheres. Ele se sente atraído sexualmente apenas por pessoas do mesmo sexo e é inteiramente apaixonado por Aleixo. É um dos primeiros personagens na história da literatura a aproximar-se do modelo atual do homossexual masculino como uma pessoa atraída apenas a indivíduos do mesmo sexo, que é um ex-escravo e integra a Marinha. Este é um dos aspectos mais inovadores do romance de Caminha. Portanto, não é um homem efeminado.

Aleixo pode ser interpretado como um exemplo da “homossexualidade” adquirida, seja por quais motivos forem. Inclusive um possível interesse de melhora de vida bem como pelo próprio fato de interessar-se por experiências sexuais e ainda pelo confinamento na corveta. É difícil falarmos sobre alguma bissexualidade do jovem grumete, visto que ele muito mais reage às provocações de Amaro e D. Carolina do que toma alguma atitude frente às mesmas. Até mesmo pelo fato de que a queer theory irá enfatizar que essas nomeações da sexualidade e do gênero são construções sociais e que podem e devem ser desconstruídas. Se no início do romance ele nos parece possuir certa inocência, à medida que a obra avança e quase um ano se passa, encontra-se um Aleixo que questiona não somente a relação com Amaro, mas em sua própria condição material.

Aleixo pensa consigo que “podia encontrar algum homem de posição, de dinheiro: já agora estava acostumado “àquilo” [...] O próprio bom-crioulo dissera que não se reparavam essas cousas no Rio de Janeiro. Sim, que podia ele esperar de bom-crioulo?” (p.50). Existe uma diferenciação no “papel” que cada um desempenha na relação. Em quem se considera o “ativo” e quem é o “passivo” no relacionamento. O ativo corresponde imagetivamente ao papel masculino e o passivo ao papel imagético feminino.

A literatura da época, (*Dorian Gray* de Oscar Wilde e o *Barão de Lavos* de Abel Botelho, por exemplo), apresenta os homossexuais como bissexuais nos romances. Adolfo Caminha inova justamente por eleger um ex-escravo, negro homossexual. Por mais que no presente trabalho sejam questionados, inclusive os termos empregados para se dirigir ao sexo e ao gênero das personagens, precisa-se elucidar de que maneira Caminha inova em escrever *Bom-Crioulo*.

O uso que Caminha faz das (in)distinções entre sexo e gênero fornece um dos elementos mais importantes e dinâmicos do romance. “A estrutura do relacionamento está baseada na pederastia grega mas tem aspectos significantes moldados pelas teorias médicas contemporâneas, visto que o romance se apóia nas duas grandes linhas que formavam as ideias de homossexualidade no século XIX: a cultura clássica e a pesquisa científica” (HOWES, 2005, p. 9).

Por um determinado tempo temos certa estabilidade no relacionamento entre Amaro e Aleixo:

Quase um ano de convivência fora bastante para que ele se identificasse absolutamente com o grumete, para que o ficasse conhecendo, e a convicção

de que Aleixo não o traía, entregando-se à fúria selvagem de qualquer marmanjo, a certeza de que era respeitado, a certeza que era respeitado pelo outro, comunicava-lhe essa tranquilidade confiante de marido feliz, de capitalista zeloso que traz o dinheiro guardado inviolavelmente. Decorreu quase um ano sem que o fio tenaz dessa amizade misteriosa, cultivada no alto da Rua da Misericórdia, sofresse o mais leve abalo. Os dois marinheiros viviam um para o outro: completavam-se. (p.47)

Certamente, o mundo em que Amaro se baseava para entender seus sentimentos para com Aleixo era o mundo heteronormativo em que vivia. Faltava-lhe a própria linguagem para expressar a própria identidade, bem como compreender a “amizade misteriosa” com o grumete. A “tranquilidade confiante de marido feliz” perpassa a ideia de que o bom-crioulo entendia essa relação como um casamento.

E, somente após mais de um século no Brasil e no mundo, o casamento entre as pessoas do mesmo sexo se tornaria uma realidade. Realidade essa ainda envolta em preconceitos e juízos advindos principalmente de religiões que condenam a própria legalidade afetiva de um relacionamento que não está previsto nos seus dogmas.

Os questionamentos de Amaro e as comparações feitas com o mundo normativo que ele conhecia questionam e subvertem as noções de sexo e gênero. E da mesma forma que o casamento entre as pessoas do mesmo sexo só viria a ser aprovado mais de um século depois, em 23 de maio de 2013, na Irlanda, que se tornou o primeiro país do mundo a aprovar o casamento homoafetivo através de um referendo, a *queer theory* só tomaria forma em meados da década de 1990, fortemente influenciada pelos estudos de Michel Foucault.

Adolfo Caminha, mesmo com uma distância de Judith Butler, apresenta um questionamento da sexualidade por meio dos personagens do *Bom-crioulo*. Ao

contrário do que os deterministas pensam, não é o crime passionai que irá definir o romance. É o próprio questionamento da formação de identidade sexual seja de Amaro, de Aleixo ou de Dona Carolina que aparece como o cerne da narrativa.

Para Butler:

Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 1999, p.25)

Não somente a relação entre Amaro e Aleixo irá questionar as noções entre sexo e gênero, mas o aparecimento da D. Carolina terá grande impacto principalmente no “belo grumete de olhos azuis”. É nessa relação que se torna evidente a instabilidade das noções normativas de sexualidade. Amaro, que considerava Aleixo uma mulher em seus pensamentos e que se comportava como um “homem” conquistando sua amada, questiona sem o saber a relação binária de forma que para ele não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos.

A descrição da relação entre D. Carolina e Aleixo, como se verá a seguir, também participa da mesma ideia de que o termo “mulheres” não

interprete somente corpos ditos femininos. Afinal, para uma personagem que possui seu sexo como aquele que serve ao “hermafrodita”, é impossível querer relacioná-la ao modelo heteronormativo, o qual prevê somente a relação binária entre sexo e gênero.

3.4 METAFÍSICA DO AMOR

D. Carolina procede da mesma forma que Amaro para conquistar Aleixo: se empenha em o agradar, em oferecer segurança ao jovem grumete que acaba por corresponder às suas expectativas.

Há dias metera-se-lhe na cabeça uma extravagância: conquistar o Aleixo, o bonitinho, toma-lo para si, tê-lo como amantezinho do seu coração avelhentado e gasto, amigar-se com ele secretamente, dando-lhe tudo quanto fosse preciso: roupa, calçados, almoço e jantar nos dias de folga — dando-lhe tudo enfim. Era uma esquisitice como qualquer outra: estava cansada de aturar marmanjos. Queria agora experimentar um meninote, um criançola sem barba, que lhe fizesse todas as vontades. Nenhum melhor que Aleixo, cuja beleza impressionara-a desde a primeira vez que se tinham visto. Aleixo estava mesmo a calhar: bonito, forte, virgem talvez... Arranjava-se perfeitamente, sem que Bom-Crioulo soubesse. Mas como falar ao grumete, como propor -lhe o negócio? Ele talvez ficasse ofendido, e podia haver um escândalo... O verdadeiro era pouco a pouco ir lhe dando a compreender que o estimava muito, oferecendo-se-lhe pouco a pouco, excitando-o. Outras mais velhas gabavam-se, por que é que ela, com os seus trinta e oito anos, não tinha o direito de gozar? Histórias! Mulher sempre é mulher e homem sempre é homem. (p.52)

A sexualidade de Aleixo e sua formação identitária estão em construção, não se mostrando algo acabado durante a narrativa. D. Carolina e

Amaro não parecem tão diferentes assim, exceto pelos sentimentos em relação ao grumete. Bom-crioulo se apaixona perdidamente pelo jovem grumete enquanto a portuguesa percebia suas vontades em relação a ele como “uma esquisitice como qualquer outra” ou ainda uma “extravagância”. Em ambas as relações, Aleixo se vê enredado com pessoas mais velhas do que ele e que estão dispostas a cuidar dele, lhe fazer às vontades. Chama atenção o fato de considerar que Aleixo era virgem. Como se a relação amorosa e sexual com Amaro, um homem, não fosse equiparado com uma relação com uma mulher.

A rivalidade que aparece na obra, entre um homem e uma mulher, se diferencia totalmente das obras do mesmo período, pois é um triângulo amoroso pela disputa do corpo de um adolescente. No estudo de Eve Kosofsky Sedgwick, *Between Men* (1985), que tematiza sobre importância do triângulo erótico baseado nas relações de gênero e classe em que homens rivais definem suas relações a partir do corpo de uma mulher, já se pode entrever o quanto Adolfo Caminha se diferencia dos escritores de sua época.

Bom-crioulo é descrito do começo ao fim do livro como masculino e não efeminado, demonstrando um esforço resolutivo de se comportar como um homem e com os clássicos atributos de masculinidade: violência, coragem e força física. Dona Carolina, que aparece como sua rival, no entanto, não nos é apresentada como um símbolo de feminilidade: gorda e de meia-idade, é comparada a “uma grande corveta bojuda” (p. 59) e também a uma vaca do campo que só faltava urrar (p. 47).

Amaro leva Aleixo para conhecer o sobradinho na Rua da Misericórdia e ele conhece D. Carolina.

— Sou eu, D. Carolina: tenha bondade.

— Já vai...

E com pouco o marinheiro atirava-se nos braços de uma senhora gorda, redonda e meio idosa, estreitando-a contra o peito, suspendendo-a mesmo, apesar de toda a sua gordura, com essa alegria natural de pessoas que se tornam a ver, depois de uma ausência.

— Conta-m'lá, Bom-Crioulo, anda, entra... Quem é este pequeno?

— Este pequeno? ... Por causa dele mesmo é que estou aqui. Depois conversaremos...

— E tu, como vais, meu crioulo? Dize, conta... Ora, se eu soubesse que era tu... Dá cá outro abraço, anda! Abraçaram-se de novo, com grande alvoroço, rindo, gargalhando, ela de avental, muito rechonchuda, o cabelo em duas tranças, partido ao meio, bom-crioulo fazendo se amável, cobrindo-a de exclamações, achando-a mais gorda, mais bonita, mais moça! ...

D. Carolina era uma portuguesa que alugava quartos na Rua da Misericórdia somente a pessoas de “certa ordem”, gente que não se fizesse de muito honrada e de muito boa, isso mesmo rapazes de confiança, bons inquilinos, patrícios, amigos velhos... Não fazia questão de cor e tampouco se importava com classe ou profissão do sujeito. Marinheiro, soldado, embarcadiço, caixeiro de venda, tudo era a mesmíssima cousa! O tratamento que lhe fosse possível dar a um inquilino, dava-o do mesmo modo aos outros. (p. 38)

Concordamos com Howes quando afirma que D. Carolina “não é o oposto de bom-crioulo. Caminha usa a mesma frase em diferentes momentos para descrever sua solidão: “pobre cadela/cão sem dono” (p. 35, 61) e os dois personagens mostram a mesma hesitação breve antes de seduzir Aleixo, lembrando que ele é pouco mais que uma criança.

A própria D. Carolina via Aleixo como uma representação do que se configura de forma imagética como feminino, com a mesma “ternura virginal” que Amaro olhava para o jovem grumete:

Havia no rosto imberbe e liso do grumete uns tons fugitivos de ternura virginal, o quer que era breve e delicado, a branca melancolia de certas flores, o recolhimento ingênuo e discreto de uma educanda; e era isso justamente, esse *quê* indefinível, essa poesia inocente derramada no semblante de Aleixo, que provocava a portuguesa, ferindo a corda sensível do seu coração abandonado e gasto. Era uma pena, decerto, ver aquele rosto de mulher, aquelas formas de mulher, aquela estatuazinha de mármore, entregue às mãos grosseiras de um marinheiro, de um negro... Muita vez o pequeno fora seduzido, arrastado. Ela até fazia um benefício, uma obra de caridade... Aquilo com o outro, afinal, era uma grossa patifaria, uma bandalheira, um pecado, um crime! Se Aleixo havia de se desgraçar nas unhas do negro, era melhor que ela, uma mulher, o salvasse. Lucravam ambos, ele e ela... (p. 72)

Para D. Carolina, a conquista de Aleixo soava muito mais como um desafio do que uma paixão avassaladora como a de Amaro. Após as investidas da portuguesa, Aleixo finalmente cede às suas provocações.

D. Carolina realizara, enfim, o seu desejo, a sua ambição de mulher gasta: possuir um amante novo, mocinho, imberbe, com uma ponta de ingenuidade a ruborizar-lhe a face, um amante quase ideal, que fosse para ela o que um animal de estima é para o seu dono — leal, sincero, dedicado até ao sacrifício (p. 73)

Novamente a comparação com animais que fora utilizada ao descrever as personagens na corveta aparece. Porém, o que chama atenção no presente momento são as motivações e desejos de D. Carolina para com Aleixo e como ele corresponde as suas investidas.

Pelas descrições físicas, ela não era um modelo de feminilidade enquanto Aleixo era recorrentemente comparado a uma mulher. Esse traço do feminino do jovem grumete, chama a atenção dos dois personagens que, de alguma forma, sentem-se atraídos por essa característica. E, ao passo que a

narrativa avança, Aleixo vai se transformando e sua sexualidade representa de forma indelével essa transformação.

As questões entre gênero e sexualidade aparecem principalmente de forma mais acentuada em Aleixo. No início da obra, devido ao encantamento que causa, ele é comparado a uma mulher. Também não se tem aqui uma efeminação do jovem grumete no romance. A sexualidade de Aleixo muda conforme as relações que ele vai estabelecendo e, porque não, aos prazeres que lhe vão sendo despertados, provocados e, em certo sentido, impostos por Amaro e D. Carolina.

A sexualidade cambiante de Aleixo subverte as noções de sexo e gênero do século XIX e para além desse. Em um mundo em que classificar o outro em um sistema binário de sexo e gênero se torna uma obrigação moral, *Bom-crioulo* aparece como um questionamento por meio de suas personagens em que a pergunta é: escolhi gostar/me apaixonar/amar ou até meus sentimentos são guiados por um sistema heteronormativo em que já se está pré-determinado por quem vou gostar/me apaixonar/amar?

Aleixo é o mais dinâmico dos três personagens principais. No romance, ele passa do complacente parceiro passivo numa relação homoafetiva para ativo em uma relação heterossexual.

O grumete, por sua vez, experimentava o que experimentaria qualquer adolescente — uma tendência fatal para a portuguesa, um forte desejo de possuí-la sempre, sempre, a toda hora, uma vontade irresistível de mordê-la, de cheirá-la, de palpá-la num frenesi de gozo, num grande ímpeto selvagem de novinho insaciável. (p. 73)

É por meio da sexualidade em desenvolvimento de Aleixo, do que se pode entender como um gênero flutuante, que nos perguntamos como ela influencia as relações de poder entre as personagens do romance? Seriam essas relações suscetíveis às mudanças da mesma forma que as suas emoções que se tornam cambiantes ao longo da narrativa? “Haverá “um” gênero que as pessoas *possuem*, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta “Qual é o seu gênero?” (BUTLER, 2003, p. 26). Por isso, a metafísica do amor: a discussão do ser e do devir. Será que os seres se tornam determinados a ser de tal sexo e de tal gênero?

A *queer theory* propõe apontar e analisar a formação identitária de sexo e gênero a partir de uma perspectiva comprometida com aqueles socialmente estigmatizados, dando maior atenção à formação de identidades sociais “normais” ou “desviantes” e aos artifícios de formação de sujeitos do desejo classificados em legítimos e ilegítimos. *Bom-crioulo* é a primeira obra brasileira em que quase a totalidade do conceito *queer* aparece refletido no romance pelas personagens.

De maneira geral, é possível afirmar que a *queer theory* busca ir além das teorias baseadas na oposição homens vs mulheres e também aprofundar os estudos sobre minorias sexuais (gays, lésbicas, transgêneros), dando maior atenção aos processos sociais amplos e relacionados que sexualizam a sociedade como um todo de forma a heterossexualizar e/ou homossexualizar instituições, discursos e direitos.

A *queer theory* critica também as classificações sociais da psicologia, da filosofia, da antropologia e da sociologia tradicionais, baseadas

frequentemente na utilização de um único padrão de segmentação — seja a classe social, o sexo, etnia ou qualquer outro — e defende que as identidades sociais se elaboram de forma mais complexa, pela intersecção de múltiplos grupos, correntes e critérios.

Daí o interesse em estudar a travestilidade, a transgeneridade e a intersexualidade, mas também culturas sexuais não-hegemônicas caracterizadas pela subversão ou rompimento com normas socialmente prescritas de comportamento sexual e/ou amoroso. A *queer theory* recusa a classificação dos indivíduos em categorias universais como "homossexual", "heterossexual", "homem" ou "mulher", sustentando que estas escondem um número enorme de variações culturais, nenhuma das quais seria mais "fundamental" ou "natural" que as outras. Contra o conceito clássico de gênero, que distinguia o "heterossexual" socialmente aceito do "abjeto", a *queer theory* afirma que todas as identidades sociais são igualmente diferentes (BUTLER, 2003, p. 180).

Além do questionamento do sexo e gênero, em *Bom-crioulo* tem-se ainda personagens marginalizados, estigmatizados e a questão racial como elementos da narrativa. Amaro é um ex-escravo negro, Aleixo é filho de uma pobre família de pescadores e D. Carolina “alugava quartos na Rua da Misericórdia somente a pessoas de ‘certa ordem’, gente que não se fizesse de muito honrada e de muito boa” (p. 38).

O interesse de Bom-crioulo por pessoas do mesmo sexo surge como algo sem nenhuma tentativa de explicação, ao passo que o interesse circunstancial de Aleixo por Amaro é construído por Bom-crioulo e desconstruído por Dona Carolina durante o romance. Aleixo se torna, dessa

maneira, fruto tanto da paixão de Amaro como dos desejos de Dona Carolina. Parece, então, ter uma personalidade, bem como uma sexualidade, moldável e adaptável frente aos desejos e promessas do outro, seja esse outro um “homem” ou uma “mulher”. As aspas aqui se tornam necessárias pelo fato de que, no romance, as sexualidades todas das personagens são colocadas em suspensão.

Tem-se no romance um “homem”, Amaro, que ama outro “homem”, mas que o enxerga como “mulher”. Tem-se uma “mulher”, D. Carolina, que ama um “homem”, mas que também o enxerga como “mulher”. E, finalmente, tem-se um “homem”, Aleixo, que se deixa seduzir e que se comporta não como uma “mulher”, mas apenas como um jovem adolescente. Logo, parece que se encontra em plena descoberta de sua sexualidade.

Como afirmado anteriormente, Aleixo não fora forçado a manter relações sexuais com Amaro, portanto, ele tinha escolha. Ele não fora forçado a conviver praticamente um ano inteiro no sobradinho da Rua da Misericórdia com Bom-crioulo. Por certo período de tempo, os três entenderam-se e conviviam tranquilamente.

Ele, D. Carolina e bom-crioulo eram como uma pequena família, não tinham segredos ente si, estimavam-se mutuamente. Para que vida melhor? Longe de seus pais, numa terra estranha, encontrava naquela casa um asilo de amor, um paraíso de felicidade... (p. 45)

A própria noção de família é questionada no romance. O termo “família” origina-se do latim *famulus* que significa: conjunto de sexos e dependentes de um chefe ou senhor. Entre os chamados dependentes, inclui-se a esposa e os filhos. Convive-se em uma sociedade que se baseia na heteronormatividade e

o modelo que é a referência da família ainda é o modelo heterossexual. A família homoafetiva, nessa definição, sofre pressões que, direta ou indiretamente, interferem em sua visibilidade social.

Foram várias as transformações que a família sofreu durante a história e muitas possibilidades de constituição familiar que estão presentes atualmente. Contudo, deve-se considerar que há um modelo idealizado socialmente do que seria considerado uma família admissível em uma sociedade colonizada pelos europeus, capitalista e heteronormativa.

Entendendo a heteronormatividade como um modelo de ordem a ser seguido e entendido como algo dado e natural, a estrutura familiar também se encontra dentro dessa dinâmica. Nesse modelo, quando se fala em diferenças entre homens e mulheres, fala-se em sexualidade e, conseqüentemente, em reprodução. Na família, a relação socialmente aceita que produz filhos é a relação entre homem e mulher. Para isso, pressupõe-se que sexualmente as pessoas que constituem essa família sejam heterossexuais.

Os estudos de gênero, principalmente a *queer theory*, têm colaborado para a compreensão dessa temática. Com os estudos de sexo e gênero, pode-se debater a família para além do ponto de vista sociológico, principalmente no que diz respeito à sociedade heteronormativa e a imposição silenciosa que advém dela para com os que são considerados diferentes.

Esse olhar sobre as possibilidades de uma nova configuração de família presente em *Bom-crioulo* é apenas elucidado dentro da obra por um curto período de tempo. Dona Carolina, ao interessar-se por Aleixo e para quem “mulher sempre é mulher e homem sempre é homem” (p.52), tendo seu desejo correspondido pelo jovem grumete, tentaria afastar Amaro de Aleixo,

porém, continuar a ser mantida pelo dono do açougue. Logo a família em que se refere o narrador se desfaz, pois, Aleixo se torna o objeto de disputa entre D. Carolina e Amaro.

Com o afastamento do bom-crioulo e Aleixo, por estarem trabalhando em embarcações diferentes, também motivado pelo envolvimento do jovem grumete com a portuguesa, Aleixo passa a viver com D. Carolina:

E os objetos de Aleixo, somente os dele, foram colocados na alcova da portuguesa, embaixo, no primeiro andar. De então em diante passaram a dormir juntos, como um casal, na mesma cama larga. E ninguém pisou mais no sotãozinho, agora transformado em depósito de móveis inúteis, coberto de pó, abrigo de insetos, ninho de ratos. Há quase um mês que isso durava, e, longe de se aborrecer, Aleixo sentia, pelo contrário, uma inabalável e profunda afeição por D. Carolina, exigindo até que ela não recebesse mais o barbaças do açougue. Queria -a para si, unicamente para si, ou estava tudo acabado! Ela procurou convencê-lo que o sujeito, o Man'el, era um tipão "necessário", porque lhe dava mesada, pagava o aluguel do sobrado: uma pechincha! Quanto a ser homem, ora! o "bonitinho" ficasse descansado: não havia perigo... Man'el era um pobre coitado, uma criatura sem forças, um porcalhão... Mas Aleixo indignou-se: — Não senhora, não admitia outro homem!... Ela bem podia trabalhar honestamente e ganhar dinheiro para o aluguel. Não senhora, ou ele, Aleixo, ou o barbaças. D. Carolina riu e protestou não receber mais o Man'el. Haviam de viver "honradamente"! Aleixo ficou muito satisfeito, muito orgulhoso, muito convencido. Mas a verdade é que, se o açougueiro não continuasse a fornecer carne e a pagar o aluguel do sobradinho, tanto ele como a portuguesa teriam renunciado àquele amor.

— Nem o Man'el sabe do *bonitinho*, nem o *bonitinho* sabe do Man'el, pensava D. Carolina.

E tudo ia marchando sem atropelos — dourada embarcação em mar de rosas...

(p.82.)

D. Carolina que havia se “amigado” com um homem casado, dona de um sobradinho que recebia os rejeitados da sociedade, sobrevivente de um meio que certamente condenava seu modo/meio de vida, estava enredada na dependência financeira para com seu Man’el. Tinha convicção de que poderia manter ambos os relacionamentos de forma independente (CAMINHA, 1895, p.82).

Ao passo que a obra avança, o “masculino” e o “feminino” vão se entrelaçando, e refletem-se de modo especial em Aleixo. “A brancura láctea e maciça daquela carne tenra punha-lhe frêmitos no corpo, abalando-o nervosamente de um modo estranho, excitando-o como uma bebida forte, atraindo-o, alvoroçando-lhe o coração” (p. 80). Assim era a visão do bom-crioulo sobre o grumete, que cada vez mais o comparava a uma mulher, pois “nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher” (p. 44). As comparações feitas tanto por Amaro quanto por D. Carolina são praticamente do mesmo cunho.

Cada vez mais as comparações do grumete para com o feminino começam a cessar na obra e sua sexualidade flutuante transmutasse ao que nos parece para um “heterossexual” ciumento de sua “mulher” quando junto de D. Carolina:

O grumete corria o olhar nos móveis, na cama, pelo quarto e pela sala, como quem procurava descobrir vestígios de infidelidade. A mulher ajudava-o a se despir, tomando-lhe a roupa úmida de suor, toda cheia de cautelas para que ele não se constipasse.

— Olha, muda a camisa; olha, toma um o pouquinho de aguardente;olha, cuidado com o vento; olha os chinelos...Nunca vira tanto carinho, zelo tanto. A portuguesa multiplicava-se em dedicações, em ternuras quase infantis, desejando até que ele a maltratasse, que ele a espezinhasse. O olhar azul de

Aleixo tinha sobre ela um poder maravilhoso, uma fascinação irresistível: penetrava o fundo de sua alma, dominando-a, transformando-a num pobre animal sem vontade, queimando-a como uma brasa ardente, impelindo-a para todos os sacrifícios... Perto dele, fugiam-lhe todos os receios, todas as dívidas: era capaz de atirar-se a um homem, de morrer na ponta de uma faca, de assassinar, de fazer loucuras! (p. 67)

Parece que D. Carolina e Aleixo realizam o sonho de Amaro: ter uma vida conjugal. Tem-se diferenças notáveis na relação entre Amaro e Aleixo e entre Aleixo e D. Carolina. É Amaro quem seduz Aleixo, porém é correspondido até certa medida e por um curto período de tempo, não tendo seu sonho de uma vida conjugal satisfeita. D. Carolina, do mesmo modo, seduz Aleixo, mas ele corresponde aos anseios de uma vida com a portuguesa. Ela, porém, mantém tanto o dono da mercearia quanto o grumete, um sem saber do outro. E, aqui, nos cabe uma dúvida: será que a morte de Aleixo poderia também se dar pelas mãos do Man'el?

Sabe-se que Aleixo não se sentia completamente à vontade no quartinho da Rua da Misericórdia com o bom-crioulo:

Um cousa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma “mulher-à-toa” propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo... Aleixo amou: aquilo não era cousa que se pedisse a um homem! Tudo menos *aquilo*. Mas o negro insistiu: Ninguém o levava a capricho:
— Ou bem que somos ou bem que não somos...
— Que asneira! fez o grumete. Por-se agora nu em pêlo defronte do Bom-Crioulo! Está visto que tinha vergonha. (p. 23)

Com D. Carolina ocorre o inverso. Apensar de ela ser “rude” tanto quanto Amaro e conduzir a relação com Aleixo também da mesma forma que o bom-crioulo o fazia, o grumete começa a demonstrar estar mais à vontade. Talvez, trate-se aqui de estar mais à vontade com a própria sexualidade, pois, até então, havia conhecido apenas o sexo “masculino” de Amaro. No relato dos atos sexuais com D. Carolina, encontra-se um adolescente descobrindo novas sensações:

Por sua vontade ficaria naquela posição eternamente, sentindo cada vez mais forte a influência magnética daquele corpo de mulher sobre os seus nervos de adolescente ainda virgem... D. Carolina chegava-se pouco a pouco, estreitando-o, colando-se-lhe num grande ímpeto de fúria lúbrica, de mulher gasta que acorda para uma sensação nova...

— Tu não podes comigo, disse trançando a perna sobre o joelho do Aleixo. E envolvendo-o todo com o seu corpo largo de portuguesa rude:

— Dize lá: ficas ou não ficas?

O efebo teve um arranco de novilho excitado, e, segurando-se à cadeira com as mãos ambas, todo trêmulo agora, sem sangue no rosto: — Fico! Então ela, como se lhe houvessem aberto de repente uma caudal de gozo, cravou os dentes na face do grumete, numa fúria brutal, e segurando-o pelas nádegas, o olhar cintilante, o rosto congestionado, foi depô-lo na cama:

— Pr’aí, meu jasmim de estufa, pr’aí! Vais conhecer uma portuguesa velha de sangue quente. Deixa a inocência pro lado, vamos!...Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, enquanto ele deixava-se estar imóvel, muito admirado para essa mulher-homem que o queria deflorar ali assim, torpemente como um animal. (p. 43)

A “mulher-homem” leva a relação sexual do mesmo modo que Amaro, como um “homem” que conduz sua “mulher” à cama na primeira noite de núpcias. Aleixo procede da mesma forma com ela do que com bom-crioulo: permanecia imóvel, com a diferença de que “muito admirado para essa mulher-homem” gostava dessa nova experiência.

Na psicanálise, pode-se encontrar algumas respostas para a questão da sexualidade flutuante de Aleixo. Como fruto da subjetividade e forma sublimatória da pulsão, a literatura fornece preciosos elementos para análise de manifestações inconscientes.

Segundo a concepção freudiana, durante os anos da segunda infância, quando a maior parte dos jovens prefere passar o tempo com membros do seu próprio sexo, o sentido do *eu* das crianças em geral depende muito de como as outras crianças do mesmo sexo reagem a elas. Em sua maioria, as crianças, durante esse período, são indiferentes ou hostis aos membros do outro sexo. Mais tarde, como resultado das mudanças provocadas pela puberdade, seu movimento baseado na indiferença ou no antagonismo passa para um movimento baseado na atração (FREUD, 1976, p. 34).

Aleixo: um adolescente de quinze anos no início da obra, em plena puberdade, possui uma sexualidade cambiante. Aqui, não se sugere uma “bissexualidade” e nem se tem a tese de que Aleixo era “homossexual” e passa a ser “heterossexual”. Por se considerar que a *queer theory* questiona justamente as noções dogmáticas representadas pelos próprios termos (homo, tiro, bi, etc.) e se considerar os termos como um sinal de diferenciação e exclusão, busca-se, na psicanálise, um amparo conceitual.

Aleixo, em sua formação identitária integral, é percebido e descrito por Amaro e D. Carolina enquanto que por ele mesmo nada se sabe. As poucas vezes que ele se pronuncia, seja em relação ao bom-crioulo ou à portuguesa, é reagindo às investidas de um e de outro. Ele é objeto de amor/paixão de ambos. E, justamente por ser um objeto, ele apenas reage. Amaro, ao contrário, ama o grumete que, em toda a narrativa, jamais expressou qualquer

um desses sentimentos por ele. Aleixo e Amaro são incompatíveis, não pela raça ou pela sexualidade, mas simplesmente porque não existe correspondência entre o que o ex-escravo sente e o que o belo grumete de olhos azuis sente.

Para se amar o outro, segundo Freud, no mínimo, o outro deve merecer esse amor (2006, p. 56). Amar o dessemelhante é não refletir a diferença entre intenção e ação porque o amor é egoísta, individual. É a realização do ser. Para Freud, a pulsão instintiva orienta o indivíduo para o amor, uma maneira de realização natural do ser ao encontrar compatibilidade no outro (2006, p. 67).

A partir da expressão: amar o outro, infere-se ver no outro o reflexo do amor e merecê-lo, por ser ele igual ou melhor do que nosso amor, um modo de amar mais perfeito que esse, ideal, do próprio eu. Como amar o outro, se este não tem nada a ver com o eu? Não havendo compatibilidade ao valor próprio, e por serem estranhos, seus valores não se atraem e, neste sentido, fica claro o paradoxo do amar o outro.

Para a pessoa apaixonada só existe o outro, ao qual ela se funde. Seu 'eu' não existe, provisória ou permanentemente, e este, o aspecto temporal, é um dos grandes problemas na questão "Amor x Paixão". O objeto da paixão é um ser totalmente idealizado, e aquele que se apaixona se sentirá totalmente identificado a ele, por algum tempo ou de modo permanente.

Para Freud, a paixão consiste num investimento da libido narcísica, de forma maciça no outro e que, por isso, se transforma num objeto ideal (Ibidem, p. 23). Com a idealização, o objeto amado torna-se absolutamente fascinante, e por isso atraente para aquele que ama. No modo de pensar freudiano, a

paixão leva a um investimento exclusivo no objeto, e isso corresponderia a uma idealização maciça deste, não deixando margem para que qualquer outro objeto tome o seu lugar. A paixão tem a ver, para Freud, com o ideal do eu.

Tanto Amaro quanto D. Carolina idealizam Aleixo, mas é o Bom-crioulo quem acaba por sofrer a ruptura da idealização que tinha por Aleixo. Uma desordem se instaura em Amaro quando esse é transferido para outra embarcação e passa a sentir falta do jovem grumete, objeto de sua paixão: revolta contra seus superiores, embriaguez e violência tomam conta do bom-crioulo.

Amaro, “dominado por um quase respeito cego pelo grumete que atingia proporções de ente sobrenatural a seus olhos de marinheiro rude” (p. 44), longe do objeto de sua paixão, declinava. Após fugir do navio onde trabalhava e se meter em uma briga, ele é internado em um hospital. É nesse confinamento que começa a tomar forma em Amaro um sentimento ambíguo, um misto de amor e ódio pelo grumete.

Ficava horas e horas pensando, horas e horas mergulhado numa abstração vagarosa, num êxtase calmo, recordando, capítulo por capítulo, a história de seu amor. Daí um profundo e inexplicável desgosto, uma idiossincrasia especial feita de ciúme e de ternura dolente. Imaginava cousas de homem que perdeu o juízo: — Aleixo ainda o estimaria? Não, com certeza. Se ainda o estimasse, tê-lo-ia procurado, onde quer que ele, bom-crioulo, estivesse; mas Aleixo nunca mais se importara, desde o dia da separação. Quem sabe? novos amores...

O negro enchia-se de ódio ao mesmo tempo que sentia aumentar dentro do coração o desejo de possuir eternamente o rapazinho. (p.77)

Logo após esse trecho, alguns detalhes da relação (sexual e cotidiana) entre D. Carolina e Aleixo são narradas ao leitor. Amaro, como toda pessoa apaixonada, se questiona da ausência do objeto de seu amor que não foi visitá-lo no hospital. E, claro, os seus sentimentos se tornam ambivalentes. O desfecho final da obra, o assassinato de Aleixo pelo bom-crioulo não impressiona pela descrição, rápida na obra, mas pelo desfecho dado a Amaro, bem como suas motivações.

Bom-crioulo é marcado pelas nuances desse processo histórico e social. Adolfo Caminha não é um mero representante do pensamento naturalista e nem um simples reprodutor das ideias médico-científicas em suas obras. Ele elabora uma interpretação própria das relações entre as pessoas do mesmo sexo no contexto brasileiro do século XIX. A questão médico-científica da sexualidade começava a ganhar força. Em que, no caso do homossexual, passava a ser visto como uma verdadeira “espécie”(anormal), portanto passível do controle médico-legal.

Não se encontra uma sexualidade reprimida em nenhum dos três personagens: Amaro, Aleixo e D. Carolina. Portanto, comunga-se, então, com a tese de Foucault a qual teoriza que, desde o século XVII, houve um estímulo para que se falasse da sexualidade por meios dos mais variados discursos de forma que fosse criado um dispositivo de controle, não de repressão extrema. O Realismo e sua vertente, o Naturalismo, estão inseridos justamente nesse sentido: na literatura que expõe, que mostra, que confessa.

Ao mesmo tempo que a *queer theory* mostra o sentido subversivo da obra, em que Caminha desconstrói as noções de sexo e gênero, questiona-se até que ponto o seu discurso, aqui entendido como discurso literário, condena

ou absolve as pessoas que se relacionam com o mesmo sexo? Em outras palavras, pode-se entender *Bom-crioulo* como uma obra em que a relação homoafetiva se insere apenas como representante de um dispositivo de controle? Pode-se afirmar que Amaro, ao assassinar Aleixo, é apenas um personagem que representa a teoria médico-científica ou pode-se afirmar que ele transcende tais teorias? Questões que serão abordadas a seguir, com o auxílio da polileitura apoiadas nas teorias de Michael Foucault e Judith Butler.

4 ENTRE UM SÉCULO E OUTRO

4.10 PEQUENO PODER

O assassinato de Aleixo pelas mãos de Amaro, um crime passional, motivado pelo amor não correspondido do Bom-crioulo pelo grumete, encerra a narrativa de Caminha. Porém, convida o leitor a refletir justamente sobre o fato de ser a relação sexual entre dois homens e, no caso do Bom-Crioulo, o amor e não uma “amizade”, o marco do grande romance subversivo de Adolfo Caminha.

Alguma coisa extraordinária tinha havido porque, de repente, o povo recuou, abrindo passagem, num atropelo.

— Abre! Abre! diziam soldados erguendo o rifle.

De cima, das casas, mãos apontavam pra baixo. E D. Carolina também chegara à janela com a vozeria, com o barulho, viu, entre duas filas de curiosos, o grumete ensangüentado...

— Jesus! Meu Deus!

Uma nuvem escureceu-lhe a vista, correu um frio pelo corpo, e toda ela tremia horrorizada, branca, imóvel. Muitas vistas dirigiam-se para o sobradinho. Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul escuro da camisa e a calça branca tinha grandes nódoas vermelhas. O pescoço estava envolvido num chumaço de panos. Os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados. A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas portas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de ver, uma irresistível atração, uma ânsia!

Ninguém se importava com “o outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre as baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, queriam “ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga... (p. 66)

Por um lado, encontramos na descrição da cena final aspectos do naturalismo, “os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados” (p.66); notamos, por outro lado, que o autor fornece ao leitor apenas indícios de como fora o assassinato do grumete: “Alguma coisa extraordinária tinha havido porque, de repente, o povo recuou, abrindo passagem, num atropelo” (p. 66). A teoria do efeito de Iser, que é um dos recursos teóricos ao analisar a obra, mais uma vez é evocada aqui para que possamos ampliar o sentido que se desvela diante do leitor nas páginas finais da narrativa. Afinal, Iser, teoriza em suas obras a importância do leitor no processo de leitura e interpretação de uma obra.

Até a publicação de *Bom-crioulo*, autores como Proust e Raul Pompéia, abordam a homossexualidade e as relações homoafetivas como estágios de desenvolvimento psíquico e moral dos indivíduos. No romance a única questão que fica clara quanto à motivação do crime é a de que Amaro ama Aleixo e não suporta a ideia de o perder para outra pessoa, nesse caso D. Carolina.

Aleixo, ao envolver-se com D. Carolina e ter relações sexuais com a portuguesa, lembra de Amaro, “de seu gênio rancoroso e vingativo, de sua natureza extraordinária, híbrido conjunto de malvadez e tolerância —, de seus arrebatamentos, de sua tendência para o crime” (p. 75). Aqui não é claro se a tendência (para o crime) do Bom-Crioulo é motivada por sua raça ou pela sua sexualidade. Sabemos que a motivação do crime fora o amor não correspondido de Amaro por Aleixo e que, à medida que a obra avança, Bom-Crioulo torna-se beberrão e violento.

O amor, entendido aqui nos moldes cristãos, em que o sentido de posse predomina, especialmente do que se considera como o feminino da

relação, e que por meio da psicanálise também por ser entrevistado como desejo de posse do objeto amado, é o que acomete Bom-Crioulo em relação à Aleixo. Anteriormente apontamos que os próprios marinheiros da corveta notavam uma mudança de Amaro¹¹. “Diziam uns que a cachaça estava deitando a perder ‘o negro’, outros, porém, insinuavam que Bom-Crioulo tornara-se assim, esquecido e indiferente, dès que ‘se metera’ com o Aleixo” (p.18).

O fato de Aleixo estar com D. Carolina que antes era amiga de Amaro, a quem ele salvara de um assalto, o descaso e abandono do jovem grumete para com Bom-Crioulo no período que este esteve no hospital e a falta de reciprocidade de sentimentos certamente foram algumas das motivações que levaram ao assassinato de Aleixo ao final da obra. Amaro é escravo não somente por ter sido escravizado por homens brancos, nem somente por sua condição de estigmatizado por uma sociedade como um ex-escravo, mas principalmente pelo amor que sente por Aleixo.

A maior das escravidões que Amaro poderia ter era a que o levaria a dar o golpe final em Aleixo: a escravidão do amor. Para Freud, a “demanda de amor é uma pulsão que se origina de forma somática e está intimamente ligada à sexualidade” (2006, p.35). Um depósito da libido em um objeto específico. No presente caso, Aleixo se torna o objeto (também sexual) específico de Amaro e este vai fazer de tudo para satisfazer seu desejo.

A frustração virá mais tarde quando Aleixo, objeto do amor de Amaro, não corresponde mais à objetificação que o marinheiro faz dele. Frágil e inocente durante praticamente toda a obra, Aleixo relaciona-se sexualmente primeiro com Amaro e depois com Dona Carolina. Amaro não admite tais

¹¹ Um exemplo clássico é a troca de aliança de ouro desde a Idade Média nas celebrações.

mudanças e, cego por estar amorosamente preso a Aleixo, comete o crime passional.

A psicanálise nos explica que em geral fazemos de tudo para nos adequar ao desejo do outro; dois indivíduos no caso demandam amor e fazem do outro objeto de amor (FREUD, 1996, p. 45). No entanto, essa demanda não pode ser cumprida nunca, pois, o outro jamais poderá preencher completamente esse desejo.

O desejo é um terceiro elemento e forma uma tríade. Dirigimo-nos cada um ao próprio desejo. Essa demanda de amor é, portanto, um desejo de reconhecimento. Na lógica do reconhecimento, dirigimos a demanda ao Outro, não a um sujeito específico. De forma que essa relação é sempre precária, há sempre uma vulnerabilidade e uma impossibilidade de consumação. O amor é fadado ao fracasso.

Ao passo que a obra avança, percebemos que Amaro, considerado um Bom-Crioulo, adjetivo para ele e um substantivo composto em termos gramaticais, que, no final do romance, leva a um questionamento, pois, como pode um negro considerado *bom* cometer um crime? E nesse aspecto lembramos que o fato de ser negro, escravo e homossexual gerava por si só uma torrente de emoções que eram recalçadas em seu inconsciente. Emoções estas que eram trazidas à superfície justamente sob a forma de ações violentas: como as brigas em que Amaro estava envolvido e o uso de álcool talvez para amortecer o cotidiano repressivo de sua vida de marinheiro.

A violência, segundo Arendt, sempre representou uma importância central nos negócios humanos, “posto que resultados das ações dos homens estão para além do controle dos atores, a violência abriga em si mesma um

elemento adicional de arbitrariedade” (p. 14). E foi justamente por meio desse capricho, dessa vontade despótica que a tragédia entre Amaro e Aleixo encontra seu derradeiro fim.

Na lógica do reconhecimento está sempre presente a possibilidade da violência, há sempre algo presente – a expropriação, a despossessão, não dá para superar a possível irrupção da violência por causa do eu despossuído, a cisão ontológica do eu.

O reconhecimento nos remete ao idealismo alemão de Hegel, à dialética do senhor-escravo, na qual uma posição depende intrinsecamente da outra, há projeção de inveja, medo e outros sentimentos, de um no outro. A relação eu-outro, por causa do desejo, não é passível de uma pacificação racional – o eu nunca está de posse de si mesmo, não é uma relação de sujeito com objeto, pois nessa trata-se de conhecimento (movimento é de apreensão), nem é narcísica.

Amaro é escravo tanto na fazenda de onde fugira quando era jovem como do amor não correspondido por Aleixo. Já o belo grumete que não correspondia ao amor que Amaro sentia e por isso não se sentia preso a ele, se movia livremente, tanto na relação com Bom-Crioulo como com D. Carolina. A tendência para o crime que o jovem grumete aponta como integrante da personalidade de Bom-Crioulo parece-nos muito mais ligada a uma relação de poder, do medo do que ele faria se descobrisse o caso com D. Carolina, do que representante de sua sexualidade ou raça.

Mais tranquilo agora, sem receio de que Bom-Crioulo o procurasse para uma vingança, identificado com a portuguesa, esquecido mesmo de certas cousas que o faziam tímido e medroso, Aleixo ia passando uma vida regalada, ora

em terra, ora a bordo da corveta, sem outros cuidados que não os da sua rude profissão. (p. 10)

Mesmo D. Carolina, por quem o grumete aparenta apaixonar-se, é invadida por esse sentimento que leva tanto ela como Amaro a amar Aleixo. “A portuguesa, essa vivia dele; amava-o, adorava-o! Ah! era muito capaz, ela, de fazer uma loucura por causa do seu bonitinho!” (p. 83). Se Amaro mata Aleixo no final da obra motivado por ciúme, bem poderia acontecer de D. Carolina fazer o mesmo, afinal, uma relação de poder instaura-se entre as personagens. Uma relação de poder pela “posse” de Aleixo.

D. Carolina já havia demonstrado que disputava Aleixo com Amaro no episódio em que ela queima uma carta que Bom-Crioulo havia escrito quando estava no hospital e que mandara entregar no sobradinho da Rua da Misericórdia.

D. Carolina passou os olhos com sofreguidão, correndo logo à assinatura, e, ao deparar com o nome do Bom-Crioulo meneou a cabeça desdenhosamente. Depois releu aquelas palavras tocadas de amor e de saudade, e ficou um bom de tempo no meio da sala, em pé, como se houvesse enlouquecido. (p. 84)

A relação de poder que aí se instaura, mesmo sem que ainda nesse momento Amaro tenha certeza de que Aleixo o está “traindo”, revela as mesmas nuances de amor-ódio-posse do grumete tanto para D. Carolina quanto para com Bom-Crioulo. Porém, na relação com a portuguesa, Aleixo toma contornos de “ativo” na relação, seja em termos sexuais como em termos de autoridade no relacionamento, como no episódio em que ele exige de D.

Carolina que não veja mais seu Man'el, o açougueiro, seu antigo amante e fornecedor de carne e moradia (p. 66).

A disputa pela posse de Aleixo que terminaria de forma trágica é renunciada pela portuguesa:

Passou um último olhar no papel, como se quisesse decorar o recado, e fê-lo em miuçalhas atirando os bocadinhos no caixão do cisco. — Ora, adeus! aquilo não servia para nada! Mas ficou pensativa, cheia de um vago e misterioso pressentimento que lhe fazia bater o coração. Assaltaram-lhe idéias horrorosas de crimes, de homicídios de sangue; lembrava casos que tinham alvoroçado o Rio de Janeiro, casos de ciúmes, de traições... Na Rua do Senhor dos Passos um sargento esfaqueara uma pobre “mulher da vida”; encontrara-a com outro... A polícia correu ao lugar do sinistro, mas o assassino, como era noite, evadira-se, deixando o cadáver da rapariga crivado de golpes, rubro de sangue. Lembrava-se também de outro caso medonho; fora na Rua dos Arcos: o assassino cortara a mulher em bocados como se esquarteja uma rês. O povo correrá em massa para ver o espetáculo; dizia-se até que a vítima era uma espanhola de alto bordo chamada Lola. Tudo isso vinha-lhe à imaginação desordenadamente, esfriando o seu amor, enchendo-a de receios, de um medo pueril, que era como um aviso de desgraça próxima. (p. 86)

Do mesmo modo que a prefiguração da tragédia grega denunciava seu trágico desfecho em um dos momentos da peça, a citação acima anuncia que a morte de Aleixo está próxima. Com essa afirmação, não estamos dizendo que Aleixo não tivesse a opção de escolher entre ficar com Amaro ou D. Carolina. Talvez (e possivelmente) por ser dono de uma beleza ímpar ao menos dentre as relações com quem mantinha, Aleixo fora objeto de tanta atenção. A disputa pelo grumete aparece em forma de um pequeno poder que

se exercia sobre ele, seja pela insistência de Amaro, seja pela determinação de D. Carolina em conquistá-lo e mantê-lo para si.

A força física de Amaro e a experiência de D. Carolina, principalmente em função da vida que levavam, atuavam sobre um adolescente de quinze anos. Amaro, com mais de trinta anos, um adulto portanto, via Aleixo como uma mulher a ser conquistada. Ele usa inclusive de seu poder físico para defender Aleixo na embarcação logo nas páginas iniciais do romance ao levar chibatadas por ele. “Foi então que o negro, zelosa da sua nova amizade, quis mostrar ao grumete o seu grande poder sobre os outros e té onde o levava esse zelo, esse egoísmo apaixonado, esmurrando implacavelmente o segunda-classe que maltratara Aleixo” (p. 19).

Depois disso, pela paixão que sente por Aleixo, Amaro arroga-se o direito de se tornar como que um tutor para o jovem grumete. Do mesmo modo D. Carolina, que sentia por ele um carinho de “mãe amorosa” (p. 86). Cada um dos apaixonados por Aleixo, ao seu modo, tentam exercer algum tipo de poder sobre a vida do jovem. “Pequeno ou grande, o poder permeia todas as relações sociais, determinando-as. A rigor, relações de poder revelam a desigualdade social entre seus protagonistas” (AZEVEDO, 1989, p. 18).

No caso específico do poder entendido como aquele que demonstra a desigualdade social dos protagonistas do romance, pensamos que não ser esse o tema central da narrativa, visto que todas as personagens são representantes daqueles que são excluídos da sociedade: um ex-escravo negro, uma prostituta e um adolescente branco e pobre.

Sabemos que, apesar de todos serem pobres, há uma hierarquia, onde o homem surge mais alto na escala de poder em relação à mulher; a relação

geracional – dois adultos em relação a um adolescente, e a de raça – um negro e dois brancos. As relações de poder não são apenas de nível econômico. E no caso da Carolina, ela aluga uma casa/pensão em nome do português com quem ela tem um caso.

Porém, o poder a que nos referimos aqui diz respeito à possibilidade de controlar, de manejar, de dispor da vida de alguém, de exercer influência na vida de outrem. A “síndrome do pequeno poder” (AZEVEDO, 1989, p. 19) encontra-se espalhada de diversas formas na sociedade: no pai de família que, na sociedade machista em que vivemos, bate na esposa e nos filhos; na mãe que expõe seus filhos a uma educação severa e abusiva; no homem que, por ser o mais forte, subjuga outros de maneira violenta. Esse é o poder de que estamos falando, é o poder possível de ser aplicado a outrem.

A meu ver, o pequeno poder é potencialmente mais perigoso do que o macropoder. Este último, não obstante castrar as possibilidades de prazer, infunde em seu detentor uma sensação de plenitude. São tão numerosos, e por isso quase sempre massas anônimas, os adultos sobre os quais se exerce o grande poder, que via de regra, ele não tem necessidade de atuar contra crianças a fim de se afirmar. Ao contrário, o pequeno poder, exatamente em função de sua pequenez, conduz à síndrome frequentemente associada à mesquinhez. Ao invés de atuar bem-humorada e magnanimamente, a pessoa em síndrome do pequeno poder age de mau humor e mesquinhamente. Na verdade, consciente de seu diminuto poder, de se não-poder, trata de ampliá-lo ou criá-lo na relação interpessoal, que estabelece, efêmera ou duradoura com outra pessoa. [...] Essa síndrome sempre tem lugar numa relação interpessoal e miúda, se comparada ao plano macrossocial. (AZEVEDO, 1989, p. 19)

Amaro sofre da “síndrome do pequeno poder”; por exemplo, na tentativa de tornar Aleixo submisso em uma relação sexual (p. 43), assim como

D. Carolina, no episódio citado acima, em que destrói a carta enviada por Bom-Crioulo do Hospital. Essas atitudes demonstram que ambos queriam dispor de Aleixo como um objeto como bem lhes aprouvessem. Aleixo aparece então como objeto de amor para Amaro que não aceita que o grumete mantenha relações com D. Carolina e acaba por exercer seu poder, matando Aleixo.

A síndrome do pequeno poder atua sobre Amaro com a força de um amor que não é correspondido, portanto, frustrado. D. Carolina, que continha a informação do paradeiro de Amaro quando esse estava no hospital, mas não entrega a carta a Aleixo, tentando também controlar Aleixo usando do poder possível que poderia ter sobre o grumete, vê-se igualmente frustrada com a morte do jovem marinheiro.

O assassinato fora motivado por paixão, pelo amor não correspondido de Amaro por Aleixo, portanto, é um crime passional¹². Entre “amor” e “paixão” há mais uma diferença de quantidade que de qualidade: constituem um contínuo em certo sentido. De outro tanto, é possível dizer que “amor” implica um fenômeno mais ameno, mais sereno, e por isso mesmo mais duradouro que a “paixão”, geralmente mais tempestuosa. Por outro, gostaria de sugerir que nenhum dos dois fenômenos é destituído de “necessidade”: tanto a pessoa que ama quanto a pessoa apaixonada necessitam da outra pessoa. Se há

¹²“O conceito popular para crime passional é um crime cometido por paixão. O crime tipificado no inciso VII § 2º Art. 121 do Código Penal Brasileiro é Femicídio. O fato do crime ter sido cometido por motivo no qual figura o sentimento onde uma pessoa se sente dona de outra e quer que seu amor seja reconhecido como único, e se isso não acontece, a pessoa resolve cometer atos contra a vida da outra. Geralmente este tipo de crime é cometido por pessoas que argumentam se sentirem pouco valorizadas por seu companheiro(a) para justificar o controle e domínio que exercem sobre ele, considerando-o uma propriedade. Neste enquadramento, argumentando ter ciúmes devido aos comportamentos do(a) companheiro(a), reais ou imaginários, que não controlam, ciúmes estes gerados por essa situação, que os levam a cometer crimes. Crime passional não é um crime tipificado no Código Penal brasileiro, mas é o nome que popularmente ainda se dá para "Femicídio" (art. 121 do Código Penal). O chamado "crime passional" não só não se enquadra na figura penal atenuante de "violenta emoção", como é um "homicídio qualificado". "Art 121. Matar alguém Homicídio qualificado § 2º Se o homicídio é cometido: Femicídio" (BOGOMOLETZ, 2001)

amor, há necessidade. A diferença, então, seria dada pelo grau dessa necessidade. Ambos se referem a um superinvestimento no objeto desejado.

Para Papalia e Olds (2000), o sentimento de amor é formado por: intimidade, paixão e compromisso. A intimidade, no caso de Amaro e Aleixo, fora gerada pelo convívio cotidiano na corveta e, depois, pela vida juntos pelo período de pouco mais de um ano, no sobradinho. A paixão, “esse amor à primeira vista” (2000, p. 12) segundo os autores, aparece como “uma forte atração física e sexual, sem intimidade ou compromisso” (2000, p. 12). Amaro, que amava Aleixo, entendia e desejava que a relação de ambos gerasse um compromisso. Ou seja: os três componentes do amor estavam presentes no Bom-crioulo. Aleixo, pelo que nos conta a narrativa, não possuía o mesmo sentimento para a relação com Amaro.

Adolfo Caminha em toda a obra descreve os sentimentos de Amaro por Aleixo de forma a deixar o leitor ciente de que ali dois homens mantêm uma relação sexual e que um deles, um ex-escravo negro apaixona-se por um jovem branco. Portanto, o que está em jogo é o amor entre dois homens e não a amizade que aparecia como referência e recurso narrativo ao se referir a casos homoafetivos, como por exemplo em *O ateneu* de Raul Pompéia, *O cortiço* de Aloísio Azevedo ou mesmo entre Aquiles e Pátrocolo na *Ilíada* de Homero (Canto XVI). A amizade aparece nos dois primeiros casos como uma forma camuflada da apresentação da homossexualidade no contexto social e no último como um jogo de semântica, escondendo por meio das palavras a relação amorosa e sexual entre homens, indicando a posição de um e outro em termos de educação sexual da Grécia clássica (para muito além dessa definição).

Michael Foucault tematizou a questão da amizade de forma dispersa em sua obra, enfatizando que a condição para a aparição da homoafetividade como um problema social na modernidade se relaciona com a invalidação da amizade como relação culturalmente aceita:

E uma de minhas hipóteses – estou certo de que ela se verificaria se nos colocássemos esta tarefa – é que a homossexualidade (pelo que eu entendo a existência de relações sexuais entre os homens), torna-se um problema a partir do séc. XVIII. A vemos tornar-se um problema com a polícia, com o sistema jurídico. Penso que se ela tornou-se um problema, um problema social, nessa época, é porque a amizade desapareceu. Enquanto a amizade representou algo importante, enquanto ela era socialmente aceita, não era observado que os homens mantivessem entre eles relações sexuais. Não se poderia simplesmente dizer que eles não as tinham, mas que elas não tinham importância. Isso não tinha nenhuma implicação social, as coisas eram culturalmente aceitas. Que eles fizessem amor ou que eles se abraçassem não tinha a menor importância. Absolutamente nenhuma. Uma vez desaparecida a amizade enquanto relação culturalmente aceita, a questão é colocada: "o que fazem, então, dois homens juntos?" E neste momento o problema apareceu. Em nossos dias, quando os homens fazem amor ou têm relações sexuais, isso é percebido como um problema. Estou seguro de ter razão: a desaparecimento da amizade enquanto relação social e o fato da homossexualidade ser declarada como problema social, político e médico fazem parte do mesmo processo. (FOUCAULT, 1984, s/n)

O desaparecimento da amizade enquanto relação social e o fato da relação homoafetiva ser declarada como problema social, político e de saúde, além de literário, tanto fazem parte do mesmo processo, que o "homossexual" aparece a partir do século XVIII nas teorias médicos-científicas como um degenerado nato, portanto passível de medicalização e internamento. O reflexo dessa compreensão na literatura, especialmente nos críticos literários do *Bom-Crioulo*, aparece de forma nas considerações feitas, não somente na época

mas para além dela. Também aparece refletida na própria obra de Caminha. O que vale perguntar: como foi possível o aparecimento de *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha na literatura?

4.2 VERDADE DA IDENTIDADE

A partir do século XIX acontece uma multiplicação dos discursos em torno do sexo. Como abordado anteriormente, concordamos com Foucault quando esse afirma: “não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido”, pois para o autor,

a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso. (FOUCAULT, 2003, p. 17)

Portanto, a multiplicação de discursos em torno do sexo longe de significar que não houve repressão do mesmo, sinaliza para outra questão: o exercício do poder em torno do sexo.

Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. Consideremos a evolução da pastoral católica e do sacramento da confissão, depois do Concílio de Trento. Cobrem-se, progressivamente, a nudez das questões que os manuais de confissão da Idade Média formulavam e grande número daquelas que eram correntes no século XVII. (FOUCAULT, 2005, p. 22)

Historicamente a Contra-Reforma vai dedicar seus esforços em torno da confissão nos países católicos. O pecado da carne se torna a pedra de toque da religião cristã. “Policar a língua, a extensão da confissão e da confissão da carne” é prestar atenção no próprio ato de falar, enunciar, dizer o que se fez “porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo [...] a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, as insinuações da carne” (FOUCAULT, 2005, p. 23), ou seja, o que está em questão é o ato de falar de si de forma detalhada no jogo do ato de confessar para que se dê uma direção espiritual. Esse é o mecanismo de controle estabelecido pela pastoral cristã.

Tudo o que se relaciona ao sexo a partir de então passa pelo crivo infundável da palavra. A pastoral cristã, por mais que tenha estabelecido a interdição de certas palavras, a censura do vocabulário para gerar a decência nas expressões ainda assim não estabeleceu um dispositivo repressivo, ao contrário, fez com que o discurso em torno do sexo se tornasse moralmente aceitável e tecnicamente útil, estabelecendo um novo dispositivo de poder.

Poder-se-ia traçar uma linha direta da pastoral do século XVII ao que veio a ser a projeção na literatura e na literatura “escandalosa”. Dizer tudo, repetem os diretores espirituais: “não somente os atos consumados, como também os toques sensuais, todos os olhares impuros, todas as palavras obscenas, todos os pensamentos consentidos”. Sade relança a injunção em termos que parecem transcritos dos tratados de direção espiritual: “É preciso, nas narrativas, o maior e o mais extenso detalhamento; só podemos julgar o que a paixão que conta tem de relativo aos costumes e às características do homem, na medida em que não disfarceis nenhuma circunstâncias menores circunstâncias servem, aliás infinitamente, ao que esperamos de vossas narrativas.”(FOUCAULT, 2003, p. 25)

Para Foucault, o discurso psicanalítico também participa dessa mecânica do poder – a produção de uma verdade da experiência sexual centrada na narrativa, no ato mesmo de contar, de narrar. Seja esse ato por meio da literatura, da confissão ou mesmo da psicanálise. “Que o sexo não seja ‘reprimido’, não é de fato uma asserção muito nova. Há muito foi dito por psicanalistas [...] a correlação de poder já estaria lá onde está o desejo: ilusão, portanto, denunciá-lo numa repressão exercida a posterior” (FOUCAULT, 2005, p. 79-80). Não era, portanto, o dispositivo de repressão que estava em jogo.

A psicanálise está mergulhada no mesmo contexto histórico, da mesma forma que todos esses discursos sobre o sexo que possuem respaldo na hipótese repressiva. Apesar de não compartilhar a tese naturalista que parte da premissa que a sexualidade é reprimida e deve ser liberta por um discurso emancipado e libertador, inclusive pelo viés da moral, pois, “no dia em que tivermos domínio dessa paixão poderemos tratá-la e reduzi-la ou pelo menos torná-la a mais inofensiva possível” (ZOLA, 1991, p. 48).

O que estava em jogo era uma crítica feita em torno da teoria do desejo. Uma vez que Freud não considera a natureza sexual do homem como livre das leis sociais, para o pensamento psicanalítico o poder e desejo são indissociáveis. O desejo, conforme as formulações freudianas, diz respeito ao poder jurídico e não ao estado de natureza. Portanto, o desejo é uma prerrogativa das relações legítimas.

Com isso Foucault reconhece que a psicanálise se individualiza historicamente, quando situa o sexo no espaço da lei e não no do instinto. Para a psicanálise, de acordo com as afirmações de Foucault, o princípio da vida sexual é “a lei da aliança, da consanguinidade interdita, do Pai-Soberano”

(2005, p. 141). É com relação aos laços familiares, à interdição do incesto, que o desejo sexual se constitui em termos psicanalíticos.

Entretanto, se por um lado a psicanálise escapa de incorrer em um discurso racista a partir de uma teoria natural da sexualidade, bem como de uma perspectiva de normalização a partir da teoria da degenerescência sexual, por outro não deixa de produzir efeitos característicos de uma forma de poder. Forma que menos diz respeito a uma prática repressiva do que à produção infinita de individualidades a partir das variantes do desejo que remete à: a) sexualidade infantil, desvinculada da atividade genital, b) à histericização da mulher, pela diferença dos sexos, e c) à perversão dos adultos. É também no século XVII que a homoafetividade torna-se um problema de estado:

Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais – exortações morais e religiosas, medidas fiscais – tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada. Os racismos dos séculos XIX e XX encontrarão nelas alguns dos seus pontos de fixação. Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática. Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram. (FOUCAULT, 2005, p. 29)

Quando usado com o intuito de formar um saber, o ato de falar de sexo constitui em si mesmo um dispositivo do poder; de forma que, todos esses discursos sobre o sexo fazem parte da mesma mecânica do poder que visa entender o sexo dos cidadãos e fornecer os meios para o Estado o controlar (ambos: sexo e indivíduo). Não é, portanto, um saber anti-poder, na medida em que não se trata de um poder que proíbe, coíbe por meio da lei. Estamos

falando de um poder normalizador, que visa a individualização de formas de sexualidade, sua administração e funcionamento normal (FOUCAULT, 2005, p. 44).

Os indivíduos passam a adquirir uma identidade a partir das normas médicas e não das leis do direito ou mesmo canônicas. Afinal, do que tratam os discursos sobre sexo? De forma contrária do que se pensava esses discursos não se referem a transgressões às regras do relacionamento, da virgindade, da monogamia, pois a cultura do adultério, por exemplo, perdeu sua força de contravenção, “o domínio coberto pelo sexto mandamento começa a se dissipar” (FOUCAULT, 2005, p. 40).

Cada vez mais se quer saber da sexualidade das crianças, dos loucos, dos criminosos e, desse modo, especificam-se mais e mais tipos sexuais; se quer saber menos das infrações à ordem e aos bons costumes sociais e mais sobre as variações do funcionamento do desejo. O poder visa mais à regulamentação do desejo e menos à conduta moral. De forma que aqui a questão da homossexualidade aparece como um problema do desejo, indicando os contornos sombrios que herdaríamos de um dispositivo de poder centrado no sexo.

2. Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos. A sodomia — a dos antigos direitos civil ou canônico — era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas;

inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual porém como natureza singular (FOUCAULT, 2005, p. 44).

Acreditamos que Caminha se insere na investigação sobre a sexualidade e especificamente sobre os que se relacionam com o mesmo sexo enquanto participe de seu tempo em termos de sua produção literária, representada no romance *Bom-crioulo*. Porém, muito mais como uma tentativa de normalização e de exposição de algo que sempre foi comum: o envolvimento amoroso e sexual entre homens. Algo que, inclusive na própria linguagem para se referir ao envolvimento entre as que se relacionam com o mesmo sexo, viria a começar a mudar: o sodomita vira um problema psiquiátrico, biológico.

Necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada — o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as "sensações sexuais contrárias" pode servir de data natalícia — menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. Como são espécies todos esses pequenos perversos que os psiquiatras do século XIX entomologizam atribuindo-lhes estranhos nomes de batismo: há os exibicionistas de Lasègue, os fetichistas de Binet, os zoófilos e zoerastas de Krafft-Ebing, os automonossexualistas de Rohleder; haverá os mixoscopófilos, os ginecomastos, os presbiófilos, os invertidos sexoestéticos e as mulheres disparêunicas. Esses belos nomes de heresias fazem pensar em uma natureza o suficiente relapsa para escapar à lei, mas autoconsciente o bastante para ainda continuar a produzir espécies, mesmo lá onde não existe mais ordem. (FOUCAULT, 2005, p. 43)

Todas essas classificações servem para estabelecer o dispositivo de controle da sexualidade que visa o controle dos corpos. Essa mecânica de poder quer excluir o diferente, tornar abjeto, fazer da sexualidade uma doença.

A mecânica do poder que ardorosamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: encrava-o nos corpos, introdu-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e ordem, natural da desordem. Exclusão dessas milhares de sexualidades aberrantes? Não, especificação, distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através de sua disseminação, de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo. 3. Mais do que as velhas interdições, esta forma de poder exige para se exercer presenças constantes, atentas e, também, curiosas; ela implica em proximidades; procede mediante exames e observações insistentes; requer um intercâmbio de discursos através de perguntas que extorquem confissões e de confidências que superam a inquisição. (FOUCAULT, 2002, p. 44)

Possivelmente um dos questionamentos mais importantes para respondermos é: como foi possível o aparecimento de *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha na literatura? O romance esclarece como a mecânica do poder se espalha e é incorporada no indivíduo homossexual: ele torna-se uma espécie, participante de uma espécie perversa. Um degenerado nato. Todo o jogo de discursos, por meio de perguntas, extorque uma “verdade” sobre a identidade do indivíduo. Caminha, como dissemos, aproxima-se e distancia-se dessa concepção ao nos apresentar personagens que não estão delimitados sexualmente e que, em sua obra, a nenhuma delas é atribuída qualquer classificação sexual.

Quando olhamos para *Bom-crioulo* de Adolfo Caminha, encontramos alguns vestígios da mecânica de poder empreendida pelo dispositivo de controle da sexualidade na própria escolha do tema do livro: o envolvimento

sexual entre dois homens, e amoroso por parte de Amaro e não de Aleixo. Porém, diferente do que se descrevia na época em termos de literatura do “homossexual” masculino como, por exemplo, lábios finos e silhuetas, Caminha subverte as descrições na narrativa.

Amaro não é o representante “homossexual” que possui alguma característica visível em seu corpo que indique que gosta do mesmo sexo. Ele não possui características femininas, ao contrário, a “força nervosa era nele uma qualidade intrínseca sobrepujando todas as outras qualidades fisiológicas, emprestando-lhe movimentos extraordinários, invencíveis mesmo, de um acrobatismo imprevisto e raro” (p. 10).

Aleixo, que ganha contornos femininos pelos olhos de Amaro, descrito pelo narrador como “menino obediente, os olhos muito claros, de um azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhos” (p. 19), passa a relacionar-se com uma mulher, D. Carolina. Portanto, fugindo ao tradicional “homossexual” investigado pelo saber médico-científico que se relacionaria com um “homem” heterossexual de forma passiva.

Pontos de aproximação com o dispositivo de controle do sexo e com sua tendência de classificação de espécie dos que se relacionam com o mesmo sexo podem ainda ser vistos na obra. Amaro, que desejava trabalhar em um navio no qual o comandante tratava bem aqueles por quem tinha afeição, via a questão de preferir um sexo a outro como um vício:

Tinha um forte desejo ainda: suspirava por embarcar em certo navio, cujo comandante, um fidalgo, dizia -se amigo de todo marinheiro robusto; excelente educador da mocidade, perfeito cavalheiro no trato ameno e severo. Bom-Crioulo conhecia-o de vista somente e ficara simpatizando imensamente com ele. Demais, o comandante Albuquerque recompensava os

serviços de sua gente, não se negava a promover os seus afeiçoados. Isso de se dizer que preferia um sexo a outro nas relações amorosas podia ser uma calúnia como tantas que inventam por aí... Ele, Bom-Crioulo, não tinha nada que ver com isso. Era uma questão à parte, que diabo! ninguém está livre de um vício. (p. 17)

Porém, se a narrativa em algum ponto “falha” em se distanciar das noções empregadas para se obter o controle da sexualidade, Adolfo Caminha subverte completamente essa noção ao nos apresentar personagens que, longe de serem um triste exemplo de uma sociedade provinciana do século XIX, vivem de maneira plena, e talvez contraditória, seus relacionamentos amorosos. Nem mesmo o frio assassinato de Aleixo ao final da narrativa apaga a força da subversão da sexualidade presente em o *Bom-Crioulo*.

D. Carolina não é uma personagem que seria o senso de heterossexualidade presente na obra. Ela não é um pálido reflexo de uma tentativa de normatização da sexualidade. Ela é o seu avesso: imigrante, solteira, sem filhos, é sustentada por um homem casado que lhe dá carne e paga o aluguel da casa onde mora. A sexualidade também nos é apresentada como subversiva para com D. Carolina.

A raça e a sexualidade são totalmente transgressivas na narrativa. Nenhuma das personagens “comporta-se” como o esperado. Caminha se insere como um representante do naturalismo? Sim, no momento em que o saber médico-científico entra em jogo na composição da narrativa. Dois homens envolvem-se sexualmente e, por parte de um deles, amorosamente, e finalmente um deles, após ter mantido relações sexuais com um homem, afeiçoa-se a uma mulher que, longe de ser um expoente do feminino, é o seu contrário, tem impulsos de dominação masculina.

O questionamento do gênero e sexualidade que surge a partir da obra de Adolfo Caminha no ano de 1895, portanto século XIX, ultrapassa o seu próprio tempo e se torna extremamente atual na medida em que desconstrói essas mesmas noções ao longo da narrativa. Não existem “rótulos” que definam a sexualidade das personagens dentro da obra ou expressões diminutivas para aqueles que se envolvem com o mesmo sexo. A naturalidade com que se aborda o tema talvez seja uma das qualidades mais espantosas do romance.

A *queer theory*, que surgiu praticamente um século depois enquanto teoria, sendo formalizada em meados dos anos de 1990, questiona os padrões normativos do sexo e do gênero e justamente a própria categoria com que se emprega essa distinção. Em *Bom-Crioulo* a constituição da sexualidade de cada uma das personagens subverte os seus correlatos de gênero. A própria constituição física descrita de Aleixo, por exemplo, “destoa” de seu comportamento tanto para com Amaro quanto para com D. Carolina. Ou seja, a materialidade de seu corpo não corresponde ao seu comportamento, que inclusive muda ao longo da obra como visto anteriormente.

Judith Butler, em sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2010), publicada em inglês em 1990, partilha de certos referenciais foucaultianos e se questiona se o “sexo” teria uma história ou se é uma estrutura dada, isenta de questionamentos em vista de sua indiscutível materialidade. O próprio processo que forma o corpo, sua materialidade, é dado não somente pela linguagem mas também pelo processo repetitivo.

noção de matéria como [...] um processo de materialização que se estabiliza através do tempo para produzir o efeito de fronteira, de permanência e de superfície que chamamos matéria. Creio que esse fato de que a matéria está materializada deve ser entendida em relação com os efeitos produzidos, e na realidade materializadores do poder regular no sentido foucaultiano. Portanto, a pergunta que se deve fazer já não é: “de que modo se constitui o gênero como (e através de) certa interpretação do sexo?” (uma pergunta que deixa a “matéria” do sexo fora da teorização), senão “Através de que normas reguladoras se materializa o sexo?”. E como é que o fato de entender a materialidade do sexo como algo dado supõe e consolida as condições normativas para que se dê tal materialização?”.¹³

Para Butler, o processo de materialização pela repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural, reforçam a construção dos corpos masculinos e femininos tais como nós os vemos atualmente. Pela performatividade, aliada à própria identidade da linguagem na qual estamos inseridos, temos o que a autora chama de materialidade do corpo. Trata-se, portanto, de uma questão de performatividade. Para Butler, gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados (BUTLER, 2002).

Com a ideia da performatividade, a autora redireciona os indivíduos excluídos pelo que é considerado “normativo” ao mesmo patamar dos gêneros ditos “normais” ou dominantes. O ideal normativo tem caráter ilusório e não pode ser determinante na classificação de identidades sexuais enquanto

¹³No original: *noción materia como [...] un proceso de materialización que se estabiliza a través del tiempo para producir el efecto de frontera, de permanencia y de superficie que llamamos materia. Creo que el hecho de que la materia siempre esté materializada debe entenderse en relación con los efectos productivos, y en realidad materializados, del poder regulador e nel sentido foucaultiano.* Por lo tanto, la pregunta que hay que hacerse ya no es "¿De qué modo se constituye el género como (y a través de) cierta interpretación del sexo?" (una pregunta que dejala "materia" del sexo fuera de la teorización), sino "¿A través de qué normas reguladoras se materializa el sexo?". ¿Y cómo es que el hecho de entender la materialidad del sexo como algo dado supone y consolida las condiciones normativas para que se dé tal materialización?. (BUTLER, 2001, p. 28-29)

normais ou patológicas. O corpo não acata completamente as normas que impõem sua materialização.

O corpo resiste tanto às intenções do sujeito quanto às normas socialmente ditas ou entendidas como “normais”. Para a autora os gêneros são apenas performances sociais (BUTLER, 2002). No momento em que se elege um padrão para reger a sexualidade, no caso o binômio heteronormativo entre “homem x mulher”, estabelece-se como anormal ou mesmo abjeta, as sexualidades que fogem à regra imposta.

Consideremos que ao menos em parte o gênero se adquire mediante o repúdio às inclinações homossexuais, a menina se converte em menina ao submeter-se a proibição que exclui a mãe como objeto de desejo e instala o objeto excluído como parte do ego, mais concretamente como identificação melancólica. Por conseguinte, a identificação, leva dentro de si tanto a proibição como o desejo de tal maneira que encarna a perda não sofrida do instinto sexual. Se uma menina na medida em que não deseja uma garota, então ao desejar uma garota, colocará em questão o que é ser uma menina; dentro dessa matriz, o desejo homossexual causa pânico ao gênero. A heterossexualidade se cultiva por meio de proibições, e essas proibições tomam como um de seus objetos às inclinações homossexuais, forçando assim a sua perda.¹⁴ (tradução nossa)

¹⁴Comparamos o original e a tradução do espanhol. No original: Consider that gender is acquired at least in part through the repudiation of homosexual attachments; the girl becomes a girl through being subject to a prohibition which bars the mother as an object of desire and installs that barred object as a part of the ego, indeed, as a melancholic identification. Thus the identification contains within it both the prohibition and the desire, and so embodies the unrieved loss of the homosexual cathexis. If one is a girl to the extent that one does not want a girl, then wanting a girl will bring being a girl into question; within this matrix, homosexual desire thus panics gender. Heterosexuality is cultivated through prohibitions, and these prohibitions take as one of their objects homosexual attachments, thereby forcing the loss of those attachments.(BUTLER, 1997, p. 136)

No Espanhol: Consideremos que, al menos en parte, el género se adquiere mediante el repudio de los vínculos homosexuales; la niña se convierte en niña ao someterse a la prohibición que excluye a la madre como objeto de deseo e instala al objeto excluído como parte del yo, mas concretamente como identificación melancólica. Por conseguinte, La identificación, lleva dentro de sí tanto la prohibición como el deseo, de tal manera que encarna la perdida no llorada de la carga sexual. Si una es niña en tanto que no desea a una niña, entonces al desear una nina pondrá en entre dicho el ser una niña, dentro de esta matriz, El deseo homossexual infunde pánico al género. La heterosexualidad se cultiva a través de

Dessa forma, o papel do gênero seria produzir a falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias do pensamento ocidental: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, pênis x vagina, etc. É todo um discurso que leva à manutenção de tal ordem compulsória. Para nós, como demonstramos ao longo desse trabalho, Adolfo Caminha desconstrói e subverte as noções de sexo e gênero ao nos apresentar personagens em que sexo e gênero não são correlatos heteronormativo.

Os estudos de gênero e sexualidade se inserem em debates mais amplos na literatura, tais como os relativos à igualdade e diferença, à justiça civil frente, por exemplo, ao Estado. A homoafetividade ganha relevância em uma análise sincrônica e se diferencia quando a vemos aparecer como literatura e na própria fortuna crítica de *Bom-Crioulo*.

Flora Sussekind, em *Tal Brasil qual romance?*, incorpora *Bom-Crioulo* na tradição do romance naturalista brasileiro, entendendo que, por um lado, Caminha foi inovador ao romper com essa mesma tradição, escolhendo tratar das relações de trabalho e hierarquias sociais, através do percurso de vida de um protagonista negro, homossexual e pertencente à classe empobrecida; contudo, não conseguiu se afastar do “horizonte pseudocientífico dos estudos raciais europeus” (SUSSEKIND, 1984, p. 138).

Caminha ainda teria condenado, segundo Sussekind (1984, p. 139), duplamente a raça negra, através do trabalho firmado na força física e de um

prohibiciones que en parte afectan a los vínculos homosexuales, obligando a su pérdida. (BUTLER, 2002, p. 74). Traduzimos *attachments* por “inclinações” devido ao contexto em que se insere a discussão que gira em torno do conceito de “desejo”.

determinismo patológico que conduziria ao crime de forma necessária. Ainda de acordo com a autora, em *Bom-Crioulo*, Caminha opera um corte contraditório com a tradição naturalista, visto que “corta, quando escolhe um protagonista negro, pobre e homossexual, quando privilegia relações de trabalho e paixões desviantes ao invés dos laços de família”, porém, reinstala as premissas do Naturalismo “quando em seu texto reforça um argumento racista. Quando não se deixa o negro falar, e sim que teorias de inferioridade racial falem por ele” (SUSSEKIND, 1984, p. 139).

A (re)leitura que fizemos desse romance ao longo desse trabalho distancia-se da posição, a nosso ver radical, de Flora Sussekind, pois, preferimos ver as contradições de Adolfo Caminha muito mais como uma ambiguidade do que como uma posição subserviente à ciência da época. O romance aparece em um contexto histórico em que a constituição da homossexualidade permeava os discursos médicos e jurídicos como crime e doença, em que uma nova linguagem era empregada para controlar a sexualidade. Caminha emprega alguns dos termos que remetem o tom pejorativo quando referindo-se ao relacionamento afetivo e sexual entre homens, porém, não nos parece haver uma afirmação única desse discurso na narrativa. Tornando o próprio texto transgressivo justamente pela ambiguidade e a naturalização da homoafetividade presente nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desse trabalho apontamos de forma muito breve para a problemática da questão da linguagem, afirmando que a própria linguagem se tornou um “produto da necessidade psicológica de exclusão das diferenças, da vontade de nivelamento e redução, do medo da pluralidade e do conflito” (MOSE, 2011, p. 19). E foi justamente a temática da linguagem vinculada à moralidade que abordamos ao longo desse trabalho, ao lançar esse novo olhar sobre *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha e a relação homoafetiva presente no romance, utilizando principalmente os conceitos da *queer theory*.

Acreditamos no poder transformador da leitura por meio da interação entre o texto e o leitor, e por isso abordamos esse trabalho também pelo viés teórico de Wolfgang Iser, especificamente a teoria do efeito estético. Os espaços vazios rompem com as expectativas do leitor, uma vez que o ponto de referência torna-se o não dito. Preencher tais espaços se torna, para o leitor, um desafio, pois o obriga a repensar as representações que já construiu, refletir o que já foi colocado em segundo plano e processar novamente a organização dos conceitos presentes na narrativa. Iser (1999) salienta que, ao fazer com que o leitor enxergue o que estava oculto, os vazios deixados pelo autor compõem o repertório do texto, conduzindo o leitor à ação e ao uso de sua capacidade criadora e reflexiva. Em nosso caso, ao ler o romance, nos perguntamos sobre a construção da sexualidade das personagens, especialmente sobre a relação entre Amaro e Aleixo.

Adolfo Caminha não utiliza nenhum termo específico para se dirigir às sexualidades que são desveladas ao leitor nas páginas do romance. Em certa

medida ele participa da crítica de Nietzsche à linguagem, para quem a palavra se tornou sinônimo das coisas e que acabou por sustentar que temos uma identidade fixa e imutável. “Ao impor a todo enunciado a sua lógica da identidade, a linguagem produziu a ficção da duração, de estabilidade, de verdade do mundo” (MOSÉ, 2011, p. 19).

E não seria exatamente essa a problemática sobre a questão da sexualidade que vivemos? A crença de que temos uma identidade única, imóvel, imutável que causaria inclusive, além de dores (morais) psíquicas, também a vinculação entre a moral e a linguagem, considerando quem está fora dos padrões normativos como abjeto? E mais ainda, não seria essa a problemática nos termos da investigação do presente trabalho ao apresentar especialmente a personagem Aleixo, como alguém que se move pela própria sexualidade, que não está determinado a ser “homem” ou ser “mulher”? A nosso ver a resposta para essas duas perguntas é **sim**, a problemática de uma linguagem que tenta determinar de forma heteronormativa, pela performatividade, nosso sexo. Normatividade essa que Adolfo Caminha subverte em termos de narrativa em seu romance, tornando *Bom-crioulo* subversivo para os padrões da época e para além dela.

À medida que os estudos sobre a homoafetividade têm ganhado densidade teórica, ganha maior relevância a discussão sobre a intersecção das categorias de análise, que antes eram examinadas de forma separada e na maioria das vezes ignoradas pelos críticos literários, especialmente pela fortuna crítica em torno do romance *Bom-crioulo* como apresentando logo no início desse trabalho. O advento da *queer theory* aponta para esse espaço de problematização, em especial para os encontros entre gênero, sexualidade,

raça e nacionalidade. A teoria, aplicada à análise literária, nos oferece uma reelaboração do conceito de gênero e que, segundo Judith Butler, está ligado a uma construção performativa cultural, de forma que para a autora o gênero prevalece em relação ao sexo. Ou seja, é um saber politicamente construído.

E como saber construído socialmente pode e deve ser questionado. Como um saber, a distinção entre os dois é complexa, de tal forma que não podemos dizer que o gênero é um reflexo do sexo ou que seja imposto sobre este. Pelo contrário, o sexo se torna um efeito do gênero. Dessa forma, outras diferenças passaram a ser questionadas, levando a reflexões que se deslocavam do binômio homem/mulher. A própria sexualidade é vista não mais como dado natural, mas como categoria a ser historicizada.

A relação de Amaro e Aleixo, a primeira do gênero a aparecer na literatura brasileira, questiona não somente a ordem heteronormativa vigente. Se o crime passionai é algo que promova certa perplexidade aos leitores ao final do livro, o que chama de fato a atenção é que dois homens: um branco e um negro coabitam por determinado tempo. Também a personagem Dona Carolina, uma mulher, desafia os padrões da época ao ser bem-sucedida, dona de uma pensão em que somente os excluídos da sociedade frequentavam.

Além disso, as relações assimétricas de poder baseadas no gênero são extraordinariamente atenuadas: a masculinidade de Bom-Crioulo é diminuída pela sua submissão à disciplina naval e pelo preconceito racial, ao passo que Dona Carolina se esforça para manter a sua independência de ação como uma mulher solteira com seus próprios recursos. (HOWES, 2005, p. 15)

Bom-Crioulo de Adolfo Caminha suscita, a nosso ver, não somente inúmeras interpretações enquanto uma obra literária. Mas principalmente abre

caminho para, como dissemos, a introdução da homoafetividade enquanto tema a ser abordado abertamente pela literatura. Sua leitura ilumina a própria discussão sobre gêneros e sexualidade que, além de ser atual, ainda tem muito a nos ensinar sobre nossos medos em relação à vivência de nossa própria sexualidade.

Deste modo, prefiro ler o tom moralista que por vezes emerge em *Bom-Crioulo* não como uma hipotética visão racista do autor, mas, sim, como um diálogo direto com a forma com que as práticas desviantes e, por extensão, a homossexualidade, eram encaradas no meio social retratado. Nesse sentido, a proposta literária de Caminha não é apenas uma visão documental da sociedade, mas um diálogo e uma interação com essa sociedade, a sociedade do final do Império e início da República (FERREIRA, 2015, p. 2)

A interação com a sociedade da época aparece primeiro como um questionamento da própria noção de identidade, especificamente identidade sexual, e também como uma denúncia não-moralista das relações homoafetivas, muito mais em um tom que naturaliza as relações entre as pessoas do mesmo sexo. Talvez a maior das questões seja que as classificações e os rótulos de identidade sexual, que não se encontram presentes na narrativa, comunguem com a tese nietzschiana de que não existe o “ser”, somente o “devir”, o vir a ser. Ou seja, não existe algo como uma identidade fixa como prega a metafísica. “A história da metafísica pode ser pensada, a partir de Nietzsche, como a história da produção e cristalização da noção de Identidade” (MOSE, 2011, p. 38), ou seja, a produção de todo um discurso em torno da verdade, da moralidade. “O objetivo do conhecimento metafísico é forjar essa identidade que a vida não apresenta, e o fundamento

de todo conhecimento é a linguagem” (MOSÉ, 2011, p. 37), objeto de estudo desse trabalho.

Adolfo Caminha, do modo que entendemos se insere nesse questionamento da linguagem enquanto integrante não somente da literatura, mas da arte em geral. Poderíamos ainda nos questionar sobre uma possível representação do Brasil recém tornado república e da situação em que este se encontrava por meio das personagens. Seria Amaro o representante do povo brasileiro? Aleixo o representante da imigração europeia? D. Carolina a representante da coroa portuguesa? Amaro como brasileiro que, recém-liberto da escravidão do Império, tenta encontrar em Aleixo, aqui o significante da Europa que tenta adentrar as terras brasileiras pela imigração em Santa Catarina, apenas mais uma ilusão. Seria D. Carolina a representante da desgastada coroa portuguesa que tenta manter relações tanto com a Europa quanto com o Brasil por meio da prostituição, nesse caso a prostituição econômica? Suposições essas que aparecera em diálogos sobre o tema com os demais colegas, apontando para uma possível questão política do romance, que, explica-se pelo próprio fato do autor ser um jornalista. Essas questões estão além da problematização sobre sexo e gênero que abordamos ao longo do presente trabalho. O diálogo que se torna, talvez, o reflexo da posição política de Adolfo Caminha, cumprindo assim o entendimento do mesmo sobre o papel de um autor, em criar “uma literatura original, uma crítica nova, uma arte nova” (CAMINHA, 1896, p. 2).

Talvez Adolfo Caminha estivesse no mesmo impasse que alguns autores ao questionar e se referir à homossexualidade em *Bom-Crioulo* e a questão da formação identitária das personagens frente ao que ele chamou de

“uma crítica nova” da literatura como, por exemplo, José Trevisan em seu *Devassos no paraíso*, ao se indagar em como denominar os que também se relacionam com o mesmo sexo: “mas, se essas objeções à ‘construção de uma identidade guei’ fazem sentido, também é verdade que não se pode negar um nome qualquer ao desejo, ainda que por mera questão de método” (TREVISAN, 1986, p. 20-21). Aqui, a necessidade de uma nomeação, incomoda ao autor que afirma que “em todo caso, me parece absurdo abolir tal referência à identidade, simplesmente porque a reflexão ainda não amadureceu os termos do problema” (TREVISAN, 1986, p. 20-21).

A queer theory nos parece ser justamente o amadurecimento teórico de que nos fala (e sente falta) Trevisan. Gênero é um conceito que diz respeito a construção sócio histórica das identidades de “homem” e “mulher”, que surge na virada do século XIX para o século XX, oriundo das ciências sociais. Judith Butler, apoiada no trabalho de Foucault – relações de poder, subjetividade e sexualidade, é quem primeiro aborda o tema gênero, ampliando a discussão relativa às formas de sexualidade que fogem ao padrão binário homem-mulher, o que chamamos de heteronormatividade. A autora interroga-se a respeito da fixidez das identidades de gênero. Problematisa um debate em torno das discussões feministas: a hierarquização dos gêneros, na qual a mulher está subordinada ao homem, e em torno das diferentes formas de expressão da sexualidade que divergem normatividade instituída na sociedade como, por exemplo, a relação amorosa e sexual entre os que se permitem gostar do mesmo sexo. E entre outras formas em que a sexualidade se apresenta em sua diversidade e pluralidade.

A *queer theory* aparece como um questionamento epistemológico da distinção sexo/gênero, na qual o próprio sexo aparece como construção cultural. Nessa formulação, Butler propõe que o gênero é anterior ao sexo. O próprio sexo é visto não mais como dado natural, mas como categoria a ser historicizada, levando a uma releitura de Michel Foucault, especialmente em *A vontade de saber* (2005).

Outras diferenças passaram a ser questionadas, para além do binário homem/mulher: as relações denominadas como homoafetivas e a própria performatividade que nos é apresentada como um constructo social formada pelo corpo e pela linguagem. Conseqüentemente, o local de construção da subjetividade não esteve mais unicamente associado às categorias tradicionais de classe, trabalho e divisão sexual do trabalho, mas também a outras problematizações como o corpo, a sexualidade, a raça, a nacionalidade e a linguagem. No que tange a esse trabalho, foi perguntando-se sobre a construção da relação entre Amaro e Aleixo no romance, ou seja, pela relação amorosa e sexual entre dois homens, que problematizamos a *queer theory*.

A linguagem aparece aqui mais uma vez como o epicentro: como se referir aos que se permitem desejar mesmo sexo? Existe essa necessidade de nomeação ou é justamente por ser uma imposição normativa de classificação e de diferenciação herdada da higienização de que nos fala Foucault, especialmente para forçar uma diferenciação moral, que operamos essas classificações? Pois, “a cada vez que alguém sente o apelo da diferença em seu desejo, provavelmente terá que vencer séculos de repressão para chegar ao epicentro de si mesmo” (TREVISAN, 1986, p. 100). Afinal, se a própria linguagem determina o significado das palavras e essas são carregadas de

sentidos que as tornam abjetas, como no caso da homossexualidade, como seguir seu desejo sem sentir-se como um ser abjeto? Alguém condenado moralmente por se permitir desejar o mesmo sexo? Nesse aspecto a personagem Amaro, que foi escravo de homens brancos, da vida dura de marinheiro e depois do amor que sentia por Aleixo, teve uma vitória: conseguiu viver a sua sexualidade, senão de forma completa, ao menos por determinado tempo ao lado do jovem grumete.

O romance, apesar de seu trágico desfecho, em que Amaro, motivado por ciúme, mata Aleixo, se mantém ainda aberto a inúmeras perguntas e possíveis interpretações. Porém, uma das motivações ao realizar esse trabalho e o que instiga ainda a (re)leitura do romance *Bom-crioulo* é a ousadia de Adolfo Caminha em abordar a sexualidade, bem como o que ainda chamamos de homossexualidade, como signo linguístico de diferenciação, de forma natural, aberta e subversiva na narrativa.

REFERÊNCIAS

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (doravante ANTT), Inquisição de Lisboa, Processo 12248, 1630). <http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/inquisicao-de-lisboa-online> (Último acesso em 30/10/2016).

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2002.

AZEVEDO, Aloísio. **O cortiço**. São Paulo: Klick Editora, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. In: OS PENSADORES. São Paulo, Abril Cultural, 1974. v. 38.

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. **Adolfo Caminha**: um polígrafo na literatura brasileira do Século XIX (1885-1897). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BERNARDI, Rosse Marye. O espaço: integração e sentido investido em Bom-crioulo. In: **Letras**, Curitiba, 1240 269-279 dez. de 1975.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cutrix, 2004.

BOGOLOMETZ, Davy. Amor e Paixão em Freud e Winnicott ou para uma Psicanálise 2.0 (<http://www.redepsi.com.br/2010/04/02/amor-e-paix-o-em-freud-e-winnicott-ou-para-uma-psican-lise-2-0/> último acesso em 01/01/2017)

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importam**: sobre los límites materiales y discursivos del sexo. 2. ed. Buenos Aires: Paidós. 2002.

_____. **Mecanismos psíquicos del poder**. Madri: Ediciones Cátedras (Grupo Anaya SA). 2001.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

Erikson, E.H. (1976): **Infância e sociedade.** 2. ed. Gastão Amado, trad. Rio de Janeiro: Zahar.1982.

CAMINHA, Adolfo. **Judith e lágrimas de um crente:** Contos. Rio de Janeiro: Typ. da Escola de Serafim José Alves, 1995.

_____. **Bom-Crioulo.** São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Cartas Litterarias.** Rio de Janeiro, 1895b. (Digitalizado na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro)

_____. **Um Livro Condemnado.** *A Nova Revista*, Rio de Janeiro, v. I, n. 2, p. 40-42, fev. 1896. (Digitalizado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)

_____. **A normalista.** Ed. Sabóia Ribeiro. 6.ed. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Tentação:** no país dos ianques. Ed. Sânzio de Azevedo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

FEITOSA, Alexandre. **A Bíblia e a homossexualidade:** verdade e mitos. São Paulo: Metanóia Editora, 1998.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer.** Obras Completas, Ed. Standard Brasileira, vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. **Análise terminável e interminável.** Obras Completas, Ed. Standard Brasileira, vol. XXIII, Rio de Janeiro, Imago, 1980.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. VII.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** A vontade de saber. 10. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres.** 10. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. Uma entrevista: sexo, poder e política da identidade. “Michel Foucault, an interview: sex, power and the politics of identity”; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; trad. F. Durant-Bogaert). **The advocate**, no 400, 7 de agosto de 1984, p. 26-30 e 58. Esta entrevista estava destinada à revista canadense *Body politic*.

FERREIRA, Patrícia Martinho. Nação, narração e naturalismo em Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. **SOLETRAS** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ Número 30.

SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual Romance?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

FONTINELES, Witallo da Cruz; BATISTA, Edilene Ribeiro. A sociedade (de)manda: a literatura homoerótica como reflexo do pensamento heteronormativo. In: **Anais do VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH.**

GOMES, Aguinaldo Rodrigues; NOVAIS, Sandra Nara da Silva. Práticas sexuais e homossexualidade entre os indígenas brasileiros. In: **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 26, n. 2 - Jul/Dez. 2013 – ISSN online 1981-3082.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2010. 5ed.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** V. 1 Tradução de Johannes Kreschmer São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** V. 2 Tradução de Johannes Kreschmer São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Editora Ática. 1984.

Artigos sob o cabeçalho *O Grumete Assassinado* e *O Grumete André Nogueira*, Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 4, 9, 11,12, 13,14, 15 e 16 março 1888. Digitalizado na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.

HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em *O Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha. **Graphos**: Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB João Pessoa, v. 7, n. 2/1, 2005 – p. 171-190.

MATOS, G. A uma dama que macheava outras mulheres. In: _____. Crônica do viver baiano seiscentista. [S.l.], [S.d.], p. 149-150. Disponível em: <http://www3.universia.com.br/conteudo/cronica_do_viver_baiano/Cronica_do_viver_baiano_seiscentista_a_cidade_e_seus_picaros_andancas_de_uma_viola_de_cabaca.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2016.

MENDES, Raffaella de Queiroz; LIMA, Sheila oliveira. A presença do determinismo em *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha. In: **Anais eletrônicos do VI Colóquio de Estudos Literários**. FERREIRA, Cláudia C.; SILVA, Jacicarla S.; NOGUEIRA, Sônia R. (Orgs.). Londrina, PR. 2012. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/raffaella%20de%20queiroz%20mendes_sheila%20oliveira%20lima_versao%20final.pdf. Acesso em: 20/10/2016.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006, 34ª reimp da 1ª ed. de 1960.

MÍR, Luiz. **Partido de Deus**: fé, poder e política. São Paulo: Editora Alaúde, 2010.

MACEDO, Francisco Ferraz de Macedo. Da prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro, profilaxia da sífilis. (Digitalizado na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro).

MONTEIRO, Arlindo Camillo. **Amor Sáfico e Sócrático**. Lisboa: Instituto de Medicina Legal de Lisboa, 1922.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 2ª Ed.

MOTT, Luiz. Mito da inexistência da homossexualidade na África. Texto apresentado à Conferência The Lusophone Black Atlantic in a Comparative Perspective, King's College, Londres, 11/01/2005. Disponível em: www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia33_pp9_33_Mott.pdf. Acesso em: 01/10/2016.

MURRY, Stephen O; ROSCOE, Will (Orgs.). **Boy-Wives and Female Husbands: Studies of African Homosexualities**. Palgrave for St. Martins Griffin. New York, 1998.

OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de. **Sexualidade, moral e direito: a exclusão dos sujeitos**. Artigo elaborado para apresentação na oficina "Direito e Discriminações: Inclusão e Exclusão Social", por ocasião do "Congresso Internacional Direito, Justiça Social e Desenvolvimento", realizado em Florianópolis, de 7 a 10 de agosto de 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/download/15331/13922>. Acesso em: 04/10/2016.

QUEIROZ, Eça. "A Literatura Nova" ou "O Realismo como nova expressão da arte". In: MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 (34ª reimp da 1ª ed. de 1960).

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil*. <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>

STEWART, Collin. 21 varieties of traditional African homosexuality. <http://76crimes.com/2014/01/30/21-varieties-of-traditional-african-homosexuality>

Periódico **O Brasil Militar**, Rio de Janeiro, 25 jan. 1896. (Digitalizado na Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro).

Periódico **Cidade do Rio**. 19 de novembro de 1895. (Digitalizado na Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro).

Periódico **A Notícia** de 20-21 de novembro de 1895. (Digitalizado na Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro).

PACHECO, Francisco. **Arcadia**: Revista d'Arte, Rio de Janeiro, Fasc. III, v. I, p. 45- 47, nov. 1895. (Digitalizado na Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro).

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 2ª ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. **Tempo**, Rio de Janeiro, AGO–1999.

ZOLA, Émile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elos Editora. 1991.